

CONTOS

Secretos

O LIVRO



DO AUTOR BEST - SELLER DA AMAZON

DANILO BARBOSA

RICO



CONTOS
Secretos
O LIVRO
DANILO BARBOSA

Direitos autorais de Danilo Barbosa

Revisão: Lilian farias

Capa: Décio Gomes

Diagramação digital: Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

**Pobre é a pessoa que deixa de lado os seus prazeres para
satisfazer ao outro...**



Sejam bem-vindas ao meu recanto. Fiquem à vontade, como quiserem.

Vestidas como santas ou nuas como vieram ao mundo, não me importo. Pudores não são permitidos para quem vive dos prazeres alheios. Desconhecem onde estão? Esse ambiente à meia luz, cercado de gemidos e palavras obscenas, entremeada pelos barulhos das camas que parecem irromper pelas paredes? Aqui, minhas caras, é o recanto dos prazeres proibidos. Onde eu, a Guardiã dos Desejos, escuto suas histórias, e as guardo, para que elas nunca se percam de suas memórias.

Aqui, neste quarto por exemplo, que guardo os Contos Secretos. Naquele caderno com a capa em seda vermelha. Logo, ali, está vendo? Nele, estão aqueles fetiches mais ousados, aquilo que muitos consideram proibido, ou que não teriam coragem de fazer. Suas protagonistas, com a caneta em punho, já nos contaram os seus relatos e, aquilo que tinham vivido, e nunca contaram para ninguém. Os exatos instantes que ao relembrar, elas mordiam os lábios e se inflamavam, ficavam úmidas, perdidas em sensações vívidas, que as mudaram para sempre.

E você está aqui para compartilhar também das suas sensações... Está pronta?

Mas antes, para preparar-se, você poderá conhecer algumas das histórias dessas mulheres. E, quem sabe, se inspirar o suficiente para nos contar sua experiência mais sórdida nos mínimos detalhes, sem freios ou abreviaturas.

Esperamos que os Contos Secretos lhe deem ideias. Estarei lá fora caso precise de algo. E caso deseje fazer alguma coisa nesse meio tempo, ao sentir-se devidamente inspirada, não hesite em pedir. Temos tudo o que precisa em um simples estalar de dedos. Sem julgamentos, sem regras.

Bem-vinda ao mundo dos Contos Secretos. Que eles lhe proporcionem muito prazer....

Três Formas de *Amer*

A Dança do *Assassino*

Fidelidade

O Sorriso da *Secretária*

O Feio

O Presente de *Natal*

O Garoto

Sobre o Autor





— Seu filho da puta! — Foi a última coisa que ele ouviu antes do meu soco acertar sua cara. O desgraçado mal teve tempo de reagir, despencando no chão, o corpo branquelo e pelado parecendo um frango depenado.

— Você tá louca, Mila? — ele grunhiu, as mãos tentando estancar o sangue que saía do nariz, as pernas encolhidas tentando proteger o saco antes que eu o atingisse.

Olhei para ele com desprezo, tentando ainda manter a classe, lutando para não deixar a Maria do Bairro tomar conta de mim. Ergui a cabeça e fitei a cama, vendo uma magrela desbotada cobrir seus peitinhos de ovos estalados debaixo do lençol.

— Louco é você, Jorge! Afinal, quem trocou uma refeição completa — segurei os meus peitos com orgulho (tamanho 44 e natural, meu amor!) na direção dele — por pão e água?

— Olha aqui, sua piranha — a outra tentou reclamar, mas logo eu a interrompi.

— Cala a boca, minguada. Você que está dando para o meu namorado. Na verdade, ex... — Deixei que ela ficasse reclamando, com sua vozinha esganiçada, e voltei minha fúria para o verdadeiro responsável — Jorge, meu querido, você perdeu o posto de noivo desta gostosura toda aqui...

— Mila, eu posso explicar — ele começou a dizer, mas eu mandei ele calar a boca no mesmo instante. Por fora, parecia uma rainha de gelo, mas por dentro eu pensava em mil e uma formas de cortar ele em pedacinhos.

— Fala nada não, Jorge. Deixa eu guardar boas lembranças de você, ok? — ele assentiu, obediente. — Antes de eu sair por aquela porta, só quero falar que eu vou te depenar todinho... Vou te deixar desse jeitinho, no chão, sem nem cueca para vestir. E ai de você se reclamar de algo. Vou adorar queimar sua carreira de promotor em toda a cidade. Faça questão de fazer todo o barraco que não fiz até agora. Entendeu?

— Sim, Mila. Entendi — disse, de cabeça baixa.

Estava prestes a ir, para manter a minha integridade intacta, mas decidi dar a última alfinetada. Olhei para a baranga pela última vez e comentei:

— Queridinha, quer saber? Você me fez um favor. O pau dele nem é essas coisas, e nem sabe bombar direito... E, ah, não foi ansiedade da primeira vez, viu? Ele não sabe mesmo chupar uma boceta.

Virei-me e saí do apartamento que eu havia passado tantos momentos felizes. Só depois que bati a porta e entrei no elevador, me permiti chorar. Em silêncio, cheia de raiva e mágoa, ainda não conseguindo imaginar como ele havia me traído com tamanha cara de pau, com o casamento marcado para menos de um mês.

Assim que sentei em meu carro, me olhei no espelho e na mesma hora peguei um lenço de papel na bolsa.

— Camila, meu amor, você está parecendo um panda.

Limpei a maquiagem de qualquer jeito, respirei fundo e comecei a dirigir. Não ia me abater por um traste. O meu amor próprio era maior que qualquer homem. Só precisava relaxar um pouco, que no final tudo iria dar certo. Sentar em uma mesa de bar, tomar uma cerveja gelada e curtir um momento sozinha, para colocar todas as ideias no lugar.

Voltar para casa e ficar sozinha, naquele momento, seria uma péssima ideia.



— Mila, querida, quando você vai namorar alguém? Quando vai casar? E os filhos?

Pois é, qual mulher não se sente pressionada com as mesmas perguntas chatas que todos vivem te fazendo?! Eu assentia, inventava uma desculpa qualquer e tentava mudar de assunto. Eu já era considerada a ovelha negra da casa, não precisava levantar polêmica. Não pensava para falar, sempre fugi do estereótipo de boa moça, odiava dietas e academia. Enquanto as outras alisavam os seus cachos, eu adorava deixar os meus armados. Abusava dos decotes, sem vergonha ou vontade de me esconder entre as amigas saradas. Eu gosto de ser assim, gordinha, carnuda. Gostosa.

Conheci o Jorge através de amigos, nesses encontros às escuras que o povo insiste em nos enfiar. Ele era bonitinho, tímido, mas compensava porque era bom de papo e tinha um corpo bem gostoso. Uma bunda redondinha que dava vontade de morder, um cacete razoável, pena que não se mantinha na ativa muito tempo... Bom, mas isso só descobri depois. O que me atraiu nele é que, desde o primeiro instante que nossos olhos se cruzaram, ele só teve olhos para mim. Ou isso era o que eu pensava.

Durante todo o nosso namoro ele me tratou como rainha. Me levava para jantar, adorava me apresentar aos amigos, sabia pressentir a minha TPM e aparece com chocolates e sorvete debaixo do braço. Parece perfeito, não? Como eu não podia aceitar o convite de casamento desse vagabundo?!

Depois, repentinamente, ele começou a ficar distante, sempre ocupado. Primeiro pensei que eu estava com mania de perseguição, stress pré-casamento, mil e uma coisas. Até que um dia, ele disse que ia ficar no escritório até mais tarde. A trouxe aqui, então, decidi fazer uma surpresa: comprou aquela lingerie tesuda, pôs um vestidinho sexy — aquele que deixa os caras doidos para meter a cara no seu peito, sabe? — saltos vermelhos e decidi fazer uma surpresa para o cara que ia me deixar chifruda. Comprei pétalas de rosa, selecionei um vinho especial no buffet (que sou dona e proprietária) e fui lá me jogar na cama do bofe. Só não sabia que ela já

estava ocupada.

A realidade só veio na minha cara quando desperdicei a garrafa, jogando ela no meio do quarto para que os coelhos percebessem que eu estava ali. Isso foi antes do soco, só para vocês entenderem o rolo todo.

Por isso estou aqui, agora, toda gostosa, sentada sozinha em um bar enchendo a cara, cantando Adele, tentando me adaptar a situação de ser solteira e, possivelmente, sem sexo por tempo indeterminado. O jeito era concentrar em outras coisas. Como beber mais um pouco, por exemplo. Até sumir a imagem daqueles dois na minha cabeça, por exemplo.



Não sei que horas saí daquele bar, nem como acertei o caminho de casa. Lembro que fui cantando no carro, como se estivesse dentro de um videokê. Entrei no estacionamento do meu prédio ao som de *Bang*, da Anitta. Estacionei de qualquer jeito, desliguei o carro, soltei o cabelo e tirei os saltos. Abri a porta do carro e, antes de caminhar tirei as meias — estava alta, mas não louca para destruí-las. Comecei a caminhar em silêncio em direção a porta do elevador. Queria curtir aquele escurinho por um momento, caminhar sem fazer barulho, não pensar em nada. Esquecer que teria de deitar na minha cama e abraçar os lençóis, sozinha, e lidar com todas as chatices de quem termina um casamento antes mesmo dele começar.

Quando estava prestes a chegar perto do estacionamento, cantando baixo, um barulho me chamou a atenção. Parei, por um momento, curiosa, pensando se não era um engano. Mas ele se repetiu. Era um gemido, grosso e prolongado, que me fez arrepiar. Que diabos estaria acontecendo?

Existem dois tipos de mulheres: as que fogem de algo estranho e as que vão atrás. Adivinhem de qual delas eu faço parte?

Caminhei pé ante pé, que nem detetive particular diante de uma pista grande. Um pouco mais à frente, o estacionamento tinha umas vagas escondidas, um lugar que alguém podia perfeitamente se esconder. Ou duas pessoas, como era o caso ali.

Isso mesmo. Eu, Mila, a mulher que acabara de ficar solteira — por opção, é claro — acabei por me deparar com uma das cenas mais gostosas da minha curta e louca vida. Um dos meus sonhos eróticos mais secretos acontecia ali, ao alcance dos meus dedos. Algo que me fez esquecer momentaneamente que eu tive um imbecil que havia me traído.



— Engole meu pau... Assim, vai... Bate a minha rola na sua cara — o cara gemia, rouco de tesão, apoiado no capô de um carro cinza. As pernas abertas, as calças abaixadas, a camisa aberta mostrando um delicioso peito definido coberto de pelos que engrossavam debaixo do umbigo. Suas mãos segurando a cabeça de outro homem, que se movia com rapidez, mamando em um vai e vem enlouquecido que me fez ficar molhada. Este estava pelado, o corpo liso e definido, um moleque quase deitado com o seu belo e redondo rabo em minha direção. Via aquelas nádegas branquinhas, acompanhando a boca no pau, dançando diante de mim, em um ritmo sensual. Ele forçava a cabeça do outro, metendo com força dentro daquela boca gulosa, estocando fundo, gostoso, sem dó.

Me deixando louca.

O outro se ajoelhou e tirou o pica da boca, passando na cara, lambuzando-se, provando daquela delícia de todas as formas. E, meu Deus, que rola era aquela! Inteiramente grossa e firme, aquela cabeça grande e rosada, que dá vontade de prender entre os dentes e sugar, até o homem perder o controle. Se eu tivesse oportunidade de ter um pau daquele nas minhas mãos, ele poderia colocar onde quisesse. Com certeza.

Eu arfava, pensando em me jogar no meio daqueles dois machos, me lambuzar com seus dedos, línguas e cacetes. Colocar os dois dentro de mim, minha boceta e meu rabo sendo preenchidos ao mesmo tempo, a tênue pele dentro de mim a separar os dois cacetes ritmados a me foderem, com força.

Gostava de ser fodida com vontade. Com amor ou não, sem problemas.

Macho algum iria me quebrar.

Larguei os sapatos no chão, de qualquer jeito. Eu estava pegando fogo e aquela cena era inspiradora demais para eu desperdiçar. Subi a mão entre as coxas e coloquei a calcinha de lado, até encontrar o clitóris, inchado, ansiando por ser cuidado.

Quando eu comecei a me masturbar, não consegui conter o meu gemido.

— Merda — murmurei, vendo que minha voz tinha saído mais alto do que desejava. E, que, por causa dele, o garanhão de camisa aberta me olhava fixamente. O outro quis se virar mas ele não permitiu. Pegou o pau e meteu inteiro, de uma vez, novamente na boca do outro.

— Olá, vizinha. Gostando do que vê? — ele sorriu, com uma cara de cafajeste que quase me fez gozar.

Puta que pariu! Era o meu vizinho do 501.



Toda a mulherada abriria as pernas facilmente para Gabriel, o ordinário do 501. Todo mundo, em algum momento, pensou em pedir uma xícara de açúcar para o escritor do apartamento ao lado do meu. Mas é uma pena que ele era gay, todas comentavam, tristes.

Pelo jeito tinham se enganado. Ao menos em parte.

— Porque em vez de olhar, não vem participar, gostosa? — ele me diz, antes de erguer a cabeça e gemer alto — Não para, delícia. — Gabriel disse para o outro cara. — Deixa eu foder sua boca gostosa.

Eu? Entrar no meio da festa? Se jogar no meio da foda entre dois caras? Será que ia gostar? E se alguém descobrisse? E como eu os olharia no dia seguinte? Pior, como me olharia?

Quer saber? FO-DA-SE!!!

Caminhei em sua direção, determinada, tirando o meu vestido como se fosse nada, algo descartável e sem função. Nua, os mamilos duros igual pedra, a boceta latejando querendo ser parte daquilo, fui ao encontro do meu prazer.

Não me aproximei de Gabriel no primeiro instante. Fui direto naquela deliciosa e redonda bunda que estava na minha frente e bati nela com vontade. Dei uma palmada, duas, três e por fim enfiei o meu dedo bem devagar naquele cu rosadinho que havia me fascinado desde que cheguei. Senti o calor, ele apertar o meu dedo, convidativo, pedindo para que eu não parasse. Pela primeira vez o ouvi gemer e forçar sua bunda em minha direção, com vontade. Estávamos unidos, eu e Gabriel, para dar prazer ao delicioso desconhecido.

Não sei quanto tempo fiquei ali, uma mão a satisfazê-lo, a outra a me satisfazer, me masturbando na mesma velocidade em que o fodia. Fechei os olhos e deixei rolar, entregando-me a sensações completamente novas. Gabriel me olhava, me devorando lentamente, imaginando tudo o que poderia fazer comigo.

Eu estava doida para descobrir.

— Venha cá, Mila — Gabriel disse. E eu obedeci.

Ele me puxou sem dó e me beijou com vontade. Pegou um dos meus mamilos e o enfiou na boca, guloso, passando a língua nos mamilos como se beijasse um amante. Abracei a sua cabeça e peguei no seu pau gostoso, começando a masturba-lo. Como se estivéssemos de comum acordo, o desconhecido se afastou e começou a lamber aquela linda cabeça rosada, enquanto eu enchia a mão naquela lenta punheta.

— Mila — já falei que ele sabia meu nome? —, este é o Leandro, meu amigo e foda ocasional.

— Muito prazer, Leandro — nunca pensei que iria dizer isso a um cara que eu estivesse dividindo um caralho.

— Não, Mila. Com prazer é assim — ele comentou, enfiando a cara dentro da minha boceta. Perdi o controle quando ele meteu a língua com tudo, os dentes mordiscando o meu clitóris, enquanto seus dedos também abriam caminho, me abrindo, me preenchendo, fazendo com que eu me jogasse no capô, completamente rendida.

— Calma, gostosa. A brincadeira está apenas começando. Agora vocês dois têm de me agradar...

Ajoelhei diante de Gabriel, junto com Leandro, como se ambos reverenciássemos o pau pulsante do nosso homem. Automaticamente nos unimos, os nossos lábios sobre aquela carne rosada. Beijamos, línguas e lábios em meio a um pau que ia e voltava diante de nossos rostos, o cheiro do sexo tomando o ar, o saco pesado tocando nossos queixos. Queríamos senti-lo, sozinhos, até o céu de nossas bocas. Lambíamos, lambuzávamos, babávamos no pau de Gabriel, que com as mãos em nossas nucas, pedia mais e mais. A barba de Leandro, por fazer, dividindo minha boca com o pele lisa da rola de Gabriel, me davam uma sensação única, que não vou conseguir colocar em palavras. Deixarei apenas a imaginação trabalhar.

Quando eu menos esperava, Gabriel pegou o seu pau entre as mãos e nos deixou órfãos, as bocas abertas por mais. Tirou as calças completamente, ergueu uma das pernas no para-choques e pediu, em uma ordem.

— Leandro, quero sentir sua língua fodendo meu rabo.

Com um sorriso no rosto, ele foi atender ao pedido.

— E você... — ele nem sequer terminou. Pegou a minha cabeça e deu aquele caralho delicioso todinho para mim.

Quem nunca colocou um desses na boca, não sabe a deliciosa sensação que isso proporciona. Sentir as estocadas preenchendo sua boca, aquela baba que sai da cabeça adoçar a sua língua e sentir o cheiro dos pelos do macho. Ele pulsar na sua língua enquanto ele pega os seus cabelos compridos e o fecha entra os dedos, te forçando para a frente cada vez mais.

— Me fodam, vai. Os dois — ele pedia, enquanto Leandro metia a língua em sua bunda musculosa. Eu, insaciável, esticava as mãos e buscava ter o outro pau, que também era grosso,

Acheron - Nacionais

entre os dedos.

— Enfia esse rabo na minha cara — ele pedia para Gabriel. E eu me deliciava, perdida naquela que já considerava a melhor foda da minha vida. Não me importava com joelhos ralados, dores no corpo ou qualquer outra coisa banal. Nosso objetivo era único e exclusivamente os nossos gozos.

Foi ali, com o pau dele na minha boca que eu gozei a primeira vez. Quase gritei alto, molhada, esfomeada, querendo saber como seria aquela pica dentro de mim, batendo com força, a bunda dele se contraindo enquanto bombava deliciosamente sobre mim.

— Está doida que eu te coma, não é? — eu assenti com a cabeça, os olhos pidões, cada centímetro dele ainda dentro dos meus lábios. — Pode ficar tranquila, eu não sei dizer não para as pessoas.

Foi assim que ele me ergueu e me colocou encima do capô. Abriu as minhas pernas e também me chupou, lambuzando meu clitóris, descendo até o meu rabo, me deixando louca, implorando para que ele me comesse ali, naquele exato instante. Foi o Leandro que colocou a camisinha nele, pois quando ele ergueu aquele pau em minha direção meteu tudo, de uma só vez, me fazendo perder o fôlego. Ele me puxou ainda mais para si, as duas mãos em minha cintura me apertando sem delicadeza, enquanto ele tirava a rola inteira de dentro de mim para depois voltar a coloca-la, sem dó.

Eu pedia por mais, os dedos beliscando os mamilos, enquanto eu pedia para que ele me comesse com mais força. Por um momento ele parou, dentro de mim, enquanto Leandro aparecia por trás dele, lambendo o seu pescoço.

— Você vai comer ela... E dar para mim, Gabriel.

Vi o meu vizinho safado morder os lábios enquanto Leandro o penetrava, bem devagar. Assim, começamos um novo ritmo, mais devagar, mais gostoso, três formas de amor como poucos ousavam se aventurar. Gabriel se deliciava, comendo e dando ao mesmo tempo, sendo algo além de regras, gêneros e explicações. Chocando a sociedade que não sabe gozar. Quebrando tabus.

Segui o ritmo, a força de dois machos sobre mim, minha boceta preenchida como nunca antes. Um trenzinho disposto a me mostrar que eu estava viva, era gostosa, e podia ter o que eu quisesse. E se alguém não estava comigo, era porque não me merecia.

Gabriel fez com que eu gozasse mais uma vez. E junto com Leandro não se fez de rogado. Como se tivessem combinado, ambos tiraram as camisinhas e bateram punheta um para o outro, para enfim me banharem de porra, na face, nos peitos, na barriga, a maior homenagem que eu tive naquela noite.

Por fim, eles me levantaram com delicadeza, os corpos doloridos e saciados de sexo, e nos beijamos, os dois machos provando o gozo que ainda estava em mim.

Só depois que nos vestimos, em silêncio, a cabeça vazia começando a se encher de

pensamentos e anseios, fiquei pensando no que faria depois de uma experiência daquelas. Como poderia imaginar no sexo com apenas um cara depois de tudo aquilo.

Me vesti, já triste. De costas, constrangida. Depois, me virei e olhei para os dois, que já estavam vestidos. Pensei que eles iriam me fitar com outros olhos, julgadores e machistas, já sem valor após a foda. Ergui a cabeça, pronta para me defender.

Mas não foi preciso. Gabriel se aproximou, me pegou pela cintura e me deu um beijo que fez as pernas bambearem.

— Eu e o Leandro estávamos pensando: amanhã você quer que seja no meu apartamento ou no seu?

Eu sorri, aliviada. Leandro veio e, sem que eu saísse dos braços do meu vizinho delicioso, nos beijou. Primeiro ao Gabriel, depois a mim. Sem perder o desejo... Nem um pouquinho.

— No lugar que vocês quiserem. — eu disse, enquanto Leandro me abraçava por trás, seu pau se esfregando na minha bunda, endurecendo mais uma vez.

— Amanhã, quem sabe eu queira comer outro cu?

— Só se for enquanto eu fodo essa boceta gostosa...

— Vou adorar atender aos desejos de vocês, meninos — comentei, já querendo começar tudo de novo.

E nós tivemos muitas e muitas vezes. E dei muito, e chupei mais ainda e comi aqueles dois de formas que nunca pensei. Mas, o mais importante, descobri que para me sentir realizada, não preciso procurar pelo príncipe — e encontrar o sapo pelo resto da vida dormindo no sofá, depois da novela. Basta só corrermos atrás do que nos satisfaz, sem ter hora para voltar.





— Meu coração está igual a este lugar... Vazio — Juliana quebra o silêncio, em um murmúrio, enquanto encosta a porta do anônimo quarto lentamente, tendo por único acompanhante o barulho dos saltos.

Deixa a bolsa pendurada em uma cadeira e evita se olhar no espelho, para fitar os cabelos presos em um desalinhado coque e o rosto marcado pela tristeza. De pé, visualiza cada detalhe daquele que seria o seu último repouso enquanto as lágrimas borram a maquiagem, formando listras escuras a descenderem pelo seu rosto. Ela fita as portas escuras do guarda-roupas, a televisão moderna pendurada na parede, como se fosse um quadro capaz de reproduzir o mundo, e a cama de casal, de lençóis vermelhos desbotados, domina o ambiente, tentando dar um colorido a sobriedade local. Juliana não tira os olhos do móvel, lugar em que tantos dormiram, amaram e choraram, pensando se seria ali que encontrariam o seu corpo sem vida.

Juliana sentou-se sobre os ásperos lençóis. E se pôs a esperar a chegada do homem que iria matá-la.



Ao contrário de muitos, ela ansiava pelo esquecimento que só os mortos poderiam alcançar. Não se lembrava de há quanto tempo se sentia tão exausta. Das traições do marido, Afrânio, um mulherengo e mentiroso nato; dos maus tratos da chefe, a carrasca e mal-amada da dona Isolda, que nunca sairia dali só para não dar o gosto de que Juliana fosse promovida; da ingratidão dos familiares que sempre lhe pediam algo mas nunca estavam disponíveis quando ela precisava de algo; das falsas amizades que buscavam apenas arrancar, sugar dela tudo que consideravam valioso e importante, sem se importarem com as suas necessidades. Estava cansada de ser esquecida, prorrogada, deixada de lado. À cada dia Juliana morria por dentro, os vermes da dor e da indiferença a lhe roubarem o amor próprio e a esperança de um dia ser feliz. Não queria mais distribuir sorrisos falsos, lidar com os problemas dos outros que nunca pensaram em lhe perguntar como se sentia. Perdida em ser tudo o que lhe era atribuído pelos outros, esquecera-se de quem verdadeiramente era. E não conseguia mais se encontrar.

Em que lugar estaria aquela que tinha sonhos, que desejava amar e ser amada? A mulher que se olhava no espelho e se achava gostosa, não apenas cansada — e gorda? A que um dia seria uma escritora de sucesso, e não apenas a mulher de um homem que vivia trabalhando ou inventando desculpas para não estar ao seu lado, presa em um emprego estável e monótono, em uma vida anestesiada? Isso sem contar as atividades incontáveis da casa, a mãe doente, os irmãos que nunca a apoiavam em nada, e os conhecidos que não entendiam porque Juliana sempre estava triste, com aquela cara de coitada, fazendo-se de vítima... Não tinha ela todos os motivos para ser feliz?

Não, fazia muito tempo que Juliana não sorria de verdade, com o coração. Que seus sentimentos fugiram de sua alma, cansados de serem negligenciados.

Para ela, restava apenas uma coisa a ser feita: morrer. Acabar com aquela miséria que a massacrava de uma vez por todas. Mas engana-se quem pensa que Juliana iria se matar naquele quarto escuro, desconhecido e solitário. Ainda havia nela uma ínfima consciência de mulher, aquela que não permitia ser tratada como uma fraca e covarde após a sua morte. Não concebia a ideia de que o seu fim fosse miserável como todos os instantes que vivera até ali, jogada em um

caixão simples, a carne já fria cercada por olhares de pena e desprezo.

Não, pelo menos o seu desfecho seria triunfal, notável, notícia, manchete de jornais. Pelo menos na morte Juliana seria gloriosa. Causaria choque, horror, suspeita e culpa a todos que a conheceram um dia.

Isso porque Juliana havia contratado alguém para matá-la. E transformá-la, pelo menos em seu último ato, em manchete de jornal.



Quando o desejo de morte surgiu pela primeira vez na mente de Juliana, ela havia a achado absurda, tola e fantasiosa. Tentou de todas as formas jogar aquela ideia fora, escondê-la em alguma das múltiplas gavetas das suas ideias... Mas quem disse que os pensamentos somem assim, repentinamente? Há certos pensamentos que se alojam, tomam forma, criam consistência, ocupam todas as horas do nosso imaginário. A vontade de morrer seduziu-a a tal ponto que o tal crime passou a criar ares libertários na mente da mulher que estava prestes a chegar aos 35 anos sentindo-se como se carregasse todas as idades do mundo. Apaixonou-se pela ideia como quem toma para si um amante imaginário, alguém que a livraria de todos os seus encargos de uma só vez. Deixou de lado todos os seus objetivos, até mesmo os mais miseráveis, para dar cabo a uma nova missão: a de se tornar notável na hora de sua morte. Já que a vida a fodia constantemente sem lhe proporcionar prazer algum, que a terra a comesse, por fim. Pelo menos assim não se deprimiria mais com o descaso dos outros.

Foi assim que, com os olhos de uma perita investigadora, Juliana começou a mergulhar na sujeira da cidade, ouvidos e olhos atentos à procura do homem certo a cumprir o seu intento. Visitou bandidos na cadeia, como uma boa mulher, e os seduziu com potes de doce de leite e ambrosia para que seus lábios se tornassem doces. Foi através deles que ficou sabendo da mítica figura de um homem chamado *Cisne*, o enigmático codinome de um assassino certo, que poderia matar quem o cliente desejasse, pelo preço certo. Como Juliana ouvira de João das Dores, um velho ladrão que estava na penitenciária há tanto tempo que o seu maior medo era ser libertado, as vítimas do Cisne tinham as suas vidas retiradas pelas mãos do assassino rapidamente, sem maiores sofrimentos. Eram encontradas deitadas, como se repousassem, com uma única pluma preta entre os dedos.

Assim que soube da existência deste tão inusitado homem, Juliana soube, em seu coração, que aquele seria o senhor do seu destino final. E voltou a ser, nem que por um momento, uma mulher verdadeiramente alegre. Imaginou-se bailarina, nuvem, sem peso, a abraçar o gentil e cruel executor em uma dança única, em que a dor seria rápida e derradeira. Apaixonou-se pela ideia romântica de cerrar os olhos com a visão do misterioso assassino diante da sua frente, alguém que lhe desse, pelo menos na morte, o respeito que merecia.

Por isso, Juliana se empenhou mais e mais para realizar o seu objetivo. Vendeu roupas que não mais utilizava, joias que não mais a enfeitavam. Foi a boa — e chifruda — mulher, a compassiva filha, a passiva funcionária padrão... Fechou-se em um casulo aguardando a hora de ser borboleta.

Quando tinha uma quantia que achava suficiente em mãos, descobriu por intermédio de um garçom de um barzinho mequetrefe como contatar o Cisne. Apesar de não acreditar muito que aquela seria a forma correta, fez como indicado: através de um e-mail anônimo, Juliana entrou em contato com a mítica figura, passando-lhe o número de um celular pré-pago adquirido exclusivamente para aquela negociação.

O tempo passou sem que houvesse resposta, mas ela não desanimou. Andou com o pequeno aparelho junto ao coração durante dias, na esperança de que tudo desse certo, lutando contra a razão de que afirmava ser tudo uma ilusão. Até o fatídico momento em que o celular tocou, enquanto Juliana fugia dos resmungos de dona Isolda e se trancava no banheiro do escritório.

— Alô? — Juliana perguntou, hesitante.

— Soube que gostaria de falar comigo — uma voz grave lhe indagou, fazendo-a arrepiar de uma forma nunca imaginada. Descobrira, por fim, a voz sedutora da morte?



Foi assim que, de forma impessoal, tudo foi acertado. Como se a vida fosse um reles produto, Juliana programou cada detalhe de sua morte meticulosamente, com tamanha frieza que o defunto em questão parecia ser outra pessoa, e não ela. Agendou a data para o crime e o horário. Sem gaguejar, reservou um quarto de hotel sob um falso nome, sem gaguejar ou hesitar, e depois passou todas as informações que faltavam no misterioso endereço eletrônico.

Se surgiu algum arrependimento da parte de Juliana? Nenhum, imagine só... Via a si mesma como outra, alguém que devesse ser roubada de cena, arrebatada, para que enfim sentissem sua falta no grande esquema das coisas. A pessoa que encontraria, finalmente, o seu lugar de destaque: nem que fosse entre as vítimas da violência de sua cidade.

Juliana encontrara um sentido para si mesma... Pena que fosse o seu ato derradeiro. Era por ela, pela última cena de sua trajetória, o seu clímax, que estava ali, fechado no quarto 304, sentada em silêncio, a respiração afoita. À espera.

Do doce abraço da morte.



Juliana fecha os olhos, conta os segundos, bate os pés para ver se o momento derradeiro chega mais rápido. Coloca no celular a famosa música de *O lago dos cisnes* para ver se relaxa. Solta os cabelos castanhos, que caem em ondas até os ombros, e abre o vestido, acalorada, deixando à mostra apenas a lingerie de renda — não iria ser encontrada fria e com peças velhas — que enfeitavam suas suculentas curvas de mulher gorda e exuberante. Começa a tremer, um misto de ânsia e medo, imaginando como seria a hora em que o Cisne, por fim, entraria naquele quarto. Espantava, como se fosse uma mosca inconveniente, a possibilidade de que algo desse errado e seu plano fosse abortado.

Mas a morte nunca deixa de cumprir os seus objetivos.

Por isso, quando a porta se abriu lentamente e os passos suaves começaram a vir em sua direção, o coração de Juliana parou, por um momento. Sabia que não estava mais sozinha, que começara a sua inevitável dança com o assassino. Ouvia-o se aproximar, pé ante pé, até que ele parou diante de si, o calor do corpo a esquentar o seu rosto como uma leve e quente brisa. Algo foi posto ao seu lado, na cama. Seriam os seus instrumentos de execução? Ela se enchia de perguntas e expectativas, desejando abrir os olhos e contemplar o seu vilão de uma vez por todas, mas temia que o encanto sombrio daquele momento se quebrasse. O perfume, masculino e cítrico, invadia suas narinas. Ousou esticar a mão e tocou, hesitante, a barriga lisa, respirando tranquilamente.

Uma mão a tocou, de repente, e Juliana arfou, perdendo o controle. Suspirou fundo, por aquilo que a esperava, por todos os desejos que não conseguiu cumprir, pelos desejos não saciados, pela mulher que não havia sido. Como retribuição, sentiu que ele erguia sua cabeça delicadamente.

Todas as histórias eram verdadeiras. Havia chegado a sua hora, e ela seria doce... Não havia como voltar atrás.

— Abra os olhos para mim.

Ela o obedeceu. E ao fita-lo, descobriu que, mesmo no instante da morte, ela ainda

sentia vontades.

Fitou os olhos azuis, bem escuros, em contraste com a pele morena. O cabelo, tão escuro que parecia a noite, em um moicano moderno. E a boca, ah que boca, a sorrir para ela, e prometer tantas coisas ali, repousando no meio da barba grossa. Sua mão se afastou dela, rapidamente, para abrir a camisa preta que ele vestia. Botão a botão, foi revelando o peito cheio de pelos, engrossando pela barriga até alcançar o cóis da calça. Seus braços, tatuados, pareciam ter múltiplas cores e desenhos que não conseguia ver à meia luz. Se Juliana abaixasse o rosto, seria capaz de lambeo o umbigo do sexy assassino e dali em diante abocanhar tudo aquilo que ele permitisse. Principalmente se todo aquele volume que a calça escondia fosse verdade.

— Pronta para sentir o gosto da morte? — ele perguntou, sedutor, como se fosse amá-la e não assassiná-la.

Ela assentiu, resignada, dividida entre o desejo de ficar, aquele que sempre nos toca no último segundo, ao de libertar-se de todo o marasmo e tristeza que a oprimiam. Juliana não tirou os olhos dos dele, à espera do veneno que iria lhe invadir a boca ou da lâmina que lhe rasgaria a carne.



Sem hesitação, ele fechou as mãos sobre o pescoço dela. Só que em vez de enforcá-la, ele se abaixou e beijou Juliana como nunca fizeram com ela antes. O homem literalmente fudeu a sua boca com a dele, a língua a invadi-la, a se entrelaçar na sua, entrando e saindo, correndo pelos dentes e bochechas, fazendo-a submissa daquele que até então era desconhecido. Ele empurrou seu corpo contra a cama, e se encaixou entre suas pernas sem perder o ritmo, fazendo-a sentir o pênis dele despertando entre suas coxas. As mãos não a largavam, a sufocavam, tiravam o seu ar, fazendo o ventre se contrair, a enchendo de medo e, ao mesmo tempo, de tesão. Seria assim que morreria, perdida entre a dor e o prazer?

Ele terminou o beijo, mordendo os seus lábios, sugando-os como se fossem uma fruta doce. Largou-a sem delicadeza, o corpo jogado entre os lençóis, permitindo que ela respirasse por fim. Mas antes que ela voltasse a ter voz, ele reassumiu seu posto entre as pernas dela com um pedaço de corda em uma das mãos. Esticou seus braços para cima e amarrou os pulsos de Juliana firmemente, as palmas unidas, como se estivesse prestes a fazer uma oração.

— O que você vai fazer? — ela tentou perguntar, mas o desconhecido nada disse. Subiu sobre ela em direção à cabeceira da cama, imprensando-a sobre o colchão. Juliana viu, surpresa, que ele não estava mais de calça, mas sim com uma justa cueca preta, o pau já enrijecido marcando o tecido, convidativo e tentador.

— Abre a boca para mim — o assassino disse. E ela obedeceu. Enquanto sentia a corda repuxar os seus braços, prendendo-a ao pé da cama, ele esfregava o cacete duro em sua cara, em sua boca, apenas o fino tecido da cueca a separá-los.

O cheiro de macho a invadia, sentindo a aspereza dos pelos e o pênis a pulsar sob o pano. Ela pensou em virar o rosto por um momento, mas era impossível fugir ao seu papel de vítima. Estava rendida. Por isso, abriu os lábios e abocanhou com avidez o membro ainda preso dentro da boxer.

O Cisne, ou pelo menos assim era chamado o assassino, não parou. Depois de um momento, começou a gemer baixinho, esfregando com cada vez mais intensidade seu pau sobre o rosto dela. Sem que Juliana esperasse, abaixou a cueca e libertou o pênis, que parecia explodir

de tão duro, fazendo-a abandonar qualquer pensamento mórbido. E ele, aproveitando dos lábios dela entreabertos, meteu ali o cacete, todo de uma só vez.

— Vou fuder sua boca, gostosa. Vou comer ela do mesmo jeito que irei fazer com sua buceta e seu cu — disse ele, indo e voltando, as nádegas redondas a se contraírem sobre o rosto daquela que deveria ser a sua vítima.

Juliana pensou que iria engasgar, sufocar com o cacete dele a comê-la daquela forma. Mas se sentiu preenchida, inebriada, absoluta. Ele erguia o corpo e bombava sobre ela, seus dentes brincando sobre a glândula rosada, a rola deslizando por sua língua, ocupando todos os espaços, aguçando o seu paladar com o gosto de macho.

O corpo de Juliana se contorcia, excitada. Roçava as coxas, querendo ser tocada, estapeada, comida. Queria morrer sim, mas de gozar com aquele homem dentro dela. Se fosse para matá-la, que fosse no clímax, o gozo a tomando enquanto a vida se esvaía, fazendo-a explodir como nunca imaginou.

Da mesma forma que ele colocou o pau em sua boca, o tirou. Repentinamente, deixando em Juliana vontade de mais... Muito mais. Ele roubou os seus lábios para si mais uma vez, com posse. Mordeu sua boca já inchada e voltou a se encaixar nela, a vara dura esfregando sobre a sua calcinha, deixando-a molhada.

O assassino não diminuía o ritmo. Ergueu o corpo e admirou-a, com fome e devoção. Seus olhares se cruzaram, fixos, presos, cheios de vontades a serem saciadas. Juliana não tinha mais como escapar dali.

— Tão linda, tão gostosa... Vou acabar com você — disse, empunhando algo brilhante em sua direção.

Era um faca. De tamanho médio, com o cabo preto. Aparentemente letal.



— Droga! Não podia esperar um pouco mais?! — Juliana murmurou, desconsolada. Mas o assassino parecia não ouvi-la. O máximo que Juliana podia fazer era empenhar-se em gozar antes da punhalada. Começou a se esfregar nele, sentindo toda aquela maravilha de cacete roçar a sua buceta, deixando o seu clitóris inchado, sensível, levando-a a gemer.

Se fosse para morrer, que fosse com satisfação garantida.

Os olhos frios fixos nos dela, a faca se aproximando, seu corpo e o dele entrando no ritmo, aumentando a força, o contato. A cabeça do pau dele pressionando o tecido, forçando a entrada, o gemido dela aumentando.

Juliana gozou, gritou alto. Xingou, libertou-se. Tocou os céus e voltou, sem se importar com mais nada. Ignorou a lâmina que se aproximou friamente...

E cortou o seu sutiã como se fosse um trapo descartável. Deixou o seu seio livre, quente. Seio que ele passou o aço frio da faca, roçou os mamilos, desceu pela barriga, no quadril.

— Vamos tirar isso aqui também — disse, cortando a calcinha. De um lado e de outro, com precisão cirúrgica. Deixando a sua vagina aberta, à sua vontade.

Juliana ficou na expectativa. Tensa, excitada, nua. À espera do que ele iria fazer.

— Permita-se, sinta, tire o prazer da dor... — ele ordenou para Juliana, com aquela voz grave que a tirava do eixo.

— Como assim... — ele não deixou que terminasse. Com a mão livre, a palma aberta, deu um tapa na sua buceta. Uma, duas, três... Incontáveis vezes. Na primeira vez a dor a chocou, para em seguida excitá-la. A ardência entre as pernas, a sensibilidade aumentando a cada toque, sua carne inchando, avermelhada, permitindo que o que era visto anteriormente como punição fosse transformado em ferramenta de prazer.

Quando começava a se deliciar com aquele gesto, ele mudava de tática. Com a outra mão, segurou a faca perto da lâmina e começou a esfregar o cabo preto e frio em seu clitóris. Circulava, brincava na porta da sua vagina, ameaçava fodê-la com a lâmina, alternando assim o

frio da arma com o calor dos seus tapas. Quando o assassino via que Juliana estava prestes a ter mais um orgasmo, ele parava e sorria, maldosamente.

— Só vai gozar quando eu mandar — e recomeçava quando bem entendia.

Juliana se perdeu nas sensações daquela masturbação tão inusitada e louca. E quando ele ordenou que ela gozasse mais uma vez, ela não recusou e se molhou inteira, gritando mais alto que queria mais, deixando que ele provasse do seu gosto metendo os dedos dentro dela, para em seguida lambê-los, ávido.

— Adoro gosto de fêmea — o assassino confidenciou. E no mesmo instante se estendeu na cama e mergulhou entre suas coxas. Juliana arqueou com a língua ágil dentro de sua buceta, apenas os olhos dele de fora das coxas a fita-la, como um crocodilo sobre a superfície da água. Ele mordiscava o seu clitóris, o sugava, se concentrava nele com uma dedicação que Juliana nunca conhecera. Meteu um, dois, três dedos, vagarosamente, um por vez, todos juntos, com tanta facilidade que ela pensou que se abriria toda para o seu assassino, se assim ele quisesse.

— Assim eu vou gozar de novo — ela conseguiu murmurar, mordendo os lábios.

— Se for assim, que seja comigo te comendo — o Cisne assim sentenciou.

Toda contente, Juliana abriu as pernas, convidativa. Mas ele negou com a cabeça.

— Não assim.

Saiu de cima dela e virou seu corpo de bruços, apertando ainda mais o nó das suas mãos. Juliana via que sua pele já estava marcada, vermelha, machucada, mas não se importava com a dor. Seu inconsciente só focava no prazer proporcionado.

Sentiu o seu peso deixar a cama por alguns instantes, mas logo ele voltou. Abriu as suas pernas e introduziu algo em sua vagina. Algo frio, que a fazia arrepiar. Pareciam bolas, rígidas e grandes.

— Um presentinho para você, gostosa — ele disse, fazendo-a se contorcer com os objetos gelados dentro dela — Isso, sente cada uma das bolinhas dentro de você. Acomode-as, deixe que elas sejam parte sua.

E assim ela o fez. Aguentou quieta enquanto elas se adaptavam à sua temperatura, tornavam-se parte dela, abriam o seu canal e se moviam ao menor toque, proporcionando sensações que as palavras aqui expostas não são capazes de descrever.

Sem que Juliana esperasse, veio o primeiro tapa em sua bunda. Com força, sem dó. Mesmo com a dor repentina e intensa, com um ato que poderia ser considerado mal, ela não queria que parasse. Pois, com o movimento, as bolinhas se mexiam dentro dela, vibravam em sua vagina, despertavam novos pontos de prazer, permitiam que Juliana descobrisse o prazer de ângulos completamente diferentes. Os tapas se intensificaram, com força, deixando marcas na sua pele, mas molhada e dolorida. Permitindo que dor e tesão se mesclassem, ultrapassassem juntos os limites impostos pelo sexo *baunilha*, fazendo-a desprezar o usual.

— Não para, por favor — Juliana sorria, a cabeça virada, a bunda arrebitada e aberta

Acheron - Nacionais

diante do seu opressor — Me bate, me come, faz de mim o que quiser.

— Seu desejo é uma ordem — Juliana ouviu, antes de ver pelo canto do olho o invólucro da camisinha ser jogado longe — Vou começar comendo esse cuzinho gostoso. Tão rosadinho...

Ela sentiu as mãos dele lhe abrirem as nádegas e a glândula forçar a entrada do seu rabo. Mordeu os lençóis enquanto ele abria espaço, centímetro a centímetro, o corpo deitado sobre o seu, deliciosamente devagar. Sentiu seu ânus se moldar ao pênis dele, acomodá-lo, até que sentisse somente a pulsação da vara dentro dela.

— Pronta? — ele perguntou. Juliana assentiu.

Ele começou a meter com propriedade. Tirava o pau até a metade e metia novamente, em estocadas secas, seguras. Fazia o corpo dela tremer e as bolinhas se mexerem, vibrarem, a fina pele que separa os dois canais sendo estimulada de ambos os lados. Como poderia ela não pedir por mais?

Juliana arrebitava a bunda, deixava que ele a mordesse, puxasse os seus cabelos, a chamasse de sua puta, vadia, gostosa, rainha. Ela não se recusava a entrar no jogo. Falava sacanagem, exigia mais, o incitava a meter mais e com força, se era só aquilo que ele poderia dar. Deixou que ele se lambuzasse nela e urrasse em sua nuca, gemendo na mesma altura, o cio inundando o quarto. Ela contraía o rabo para senti-lo forçar e, com isso, pressionar os brinquedinhos dentro dela, mexendo-se para que ele lhe proporcionasse ainda mais prazer.

— Tá gostando, cachorra? Quer gozar com a minha rola?

— Quero, gostoso. Mete seu pau sem dó. Esfola a minha buceta, mete nela até cansar.

Ele afastou o corpo e tirou o pênis, deixando só a cabecinha dentro de seu ânus, para logo em seguida meter com tudo, sem pausas. Juliana conteve um pequeno grito.

— Então pede por favor — e fez novamente. Ameaçava tirar o cacete de dentro dela e depois colocava de novo, de uma só vez, sem que ela tivesse tempo para tomar fôlego. Colocou uma, duas vezes...

— Por favor... Hummm — Juliana cedeu, em um fio de voz.

O assassino saiu de dentro dela e a virou. Enfiou os dedos em sua buceta encharcada e puxou as bolinhas, ligadas por um fio. De olhos vidrados, abaixou-se e lambeu-a mais uma vez, com furor, tentando sugar cada gota de gozo que ele proporcionara a Juliana. Tirou a camisinha antiga e colocou uma nova no caralho duro como uma rocha.

— Eu vou te fazer gozar até a morte, delícia. Porque agora você é minha... E está em minhas mãos.

Para confirmar isso ele fechou as mãos no pescoço dela. De maneira firme e fria, começou a sufoca-la. Juliana tentou se mexer, sair daquele aperto, buscar ar, mas não conseguiu. O rosto dele, sobre o dela, não transmitia emoções. Enquanto o corpo de Juliana se apertava, ele metia fundo, o baixo ventre dela contraído à procura de ar.

O assassino começou a bombar devagar, enquanto gemia, lentamente, sustentando olhares cruzados, o pau sendo devorado lentamente pela vagina de Juliana. Ela, os olhos cobertos de lágrimas, lutava instintivamente contra a sufocação, enquanto seu corpo se apertava, contraía, para receber o majestoso pau do seu assassino.

Quando parecia que Juliana ia desmaiar, ele a soltou. Seu corpo se abriu por ar, relaxou, permitindo que ele a invadissem de uma maneira mais bruta. Deixou de ser o vagaroso e delicado e meteu rápido, até o talo, as bolas generosas do saco dele batendo em suas coxas, fazendo barulho. Enquanto isso, mordida seus mamilos, esfregava a sua barba neles, observando divertido as reações da mulher que uma hora desejara morrer em seus braços.

Um momento ele arremetia de forma lenta, outro bruscamente, como se o mundo fosse acabar. O assassino grudava as mãos em seu pescoço e a sufocava, fazendo-a se contrair, buscar o ar, o corpo acreditar que a morte estava chegando. Era quando a penetrava devagar, como se degustasse uma iguaria única, colocando e tirando o pau, fazendo-a pedir por mais. Quando estava prestes a perder os sentidos ele a soltava, fazia se expandir, buscar o ar. Era quando ele acelerava, a bunda deliciosa a se movimentar, a rola inteira dentro dela mal saindo, indo e voltando em um ritmo enlouquecedor. Juliana não diferenciava qual momento era melhor, com aquele homem metendo dentro dela, incansável, pronto a fazê-la gozar tantas vezes que até perdera a conta.

— Vou gozar, delícia. Em você — o assassino disse, tirando o pênis para fora, malicioso. Sentou em seu peito, tirou a camisinha e começou a se masturbar. Por ela, para ela.

Juliana ouviu-o gemer mais alto, o pau brilhante diante de si, a cabeça melada de tesão. Foi ali que ele gozou, em seu rosto, despejando a porra em seu rosto e boca, o gosto agri-doce do homem sem identidade a descer pela sua garganta, saciando a fome. Deixando-a exausta, quebrada e satisfeita.



O assassino, após satisfazer a sua vítima, tornou-se outro, de certo modo terno e gentil. Levantou-a da cama e despiu sua roupa, lentamente. Foi com ela até o chuveiro e lavou cada parte do corpo de Juliana, beijando cada uma das partes que se encontravam feridas. Homem e mulher, dois corpos em silêncio a se admirarem sobre novos ângulos. Assim que terminou, a enxugou e conduziu-a até a cama. Tirou tudo de sujo de cima e entre os lençóis e a deitou ali, aconchegada em seus braços.

Antes que o sono a pegasse, Juliana perguntou a única indagação que ainda não havia sido feito.

— É agora que você vai me matar, Cisne?

Ele acariciou os cabelos de Juliana e sussurrou em seu ouvido:

— Você estava morta até agora, delícia. Eu só te mostrei como é viver.

Juliana acordou horas depois, o quarto já vazio. Do seu assassino, nem a mais mísera presença. Apenas uma pequena pluma, preta, ao seu lado na cama. Ela sorriu, diante das lembranças daquela tarde.

Reuniu o sutiã e a calcinha rasgados entre as mãos jogou-os no lixo. Colocou o seu vestido, chacoalhou os cabelos e saiu daquele quarto, do lugar em que a antiga Juliana havia morrido. Já não era a mesma. Via-se em seus olhos uma nova chama, uma altivez entre os ombros, uma sensualidade que há muito ela esquecera de transmitir. Era nova, mulher, dona das suas vontades.

Não iria voltar para casa e sua antiga rotina. Largaria do marido que não a veria nunca como era, não abaixaria a cabeça para a chefe dominadora. Novas pessoas pedem novas histórias. E ela iria garantir que a sua seria maravilhosa. Sem limitações.

Só o puro e indescritível prazer.



Mas será que a morte veio visita-la ou a vida encontrou uma forma de toca-la? Nunca saberemos a verdade. A única coisa que podemos afirmar com certeza é de que, naquela noite, no hotel em que Juliana se hospedara, uma confusão havia se formado. Um novo porteiro tinha começado ali e, por completa falta de atenção, trocara todos os apartamentos, causando a maior confusão.

Um senhor idoso, do 140, recebera uma pizza que não pediu. Para o casal de amantes do 205, a entrega de remédios para alergia. E teve uma certa senhora mandona, que bem conhecemos, aquela que tornava a vida de Juliana em um grande inferno, estava em um quarto próximo, de número 308, à espera de um garoto de programa com exímias técnicas de dominação. Pode ser que ela tenha recebido a visita esperada do emissário dos desejos, ou alguma presença muito, mas muito malvada...

Bom, quem sabe? Talvez o famoso Cisne tenha mesmo se apaixonado por Juliana, à sua forma. Ou quem sabe tenha se deparado com um quarto vazio? Agora, se você é como o autor desta história, que tem uma mente sombria, pode imaginar o famigerado e verdadeiro assassino sendo conduzido ao quarto errado, apenas duas portas depois de Juliana, e encontrando Dona Isolda, de uma forma que a rancorosa mulher nunca mais esquecerá... Liberando assim para Juliana o emprego que ela tanto precisa...

Quem sabe, né?

Bem, só o tempo poderá dizer... Ou a sua imaginação.

Você decide.



Esse conto nos faz refletir sobre nos reinventarmos, desprendidos, dos tabus estabelecidos pela sociedade.

Se você tem uma fantasia latente viva-a intensamente.

Compartilhe com seu parceiro o desejo e prazer.

Liberte-se...

Reacenda, es quente, viva!

Vocês merecem.

Sue Hecker



Chegava mais um Dia dos Namorados. As lojas cheias de pessoas em busca dos presentes de última hora, enquanto os donos de restaurantes e lojas de chocolate comemoravam o sucesso daquela sazonalidade. O amor estava no ar, cheio de promessas sentimentais e adocicadas para a noite que ainda demoraria a se aproximar. Mas em alguns lugares a rotina não muda, sequer uma vírgula, por causa dessa celebração ao amor. Como o escritório do Posto Fiscal, por exemplo.

Lá, o ambiente continua sombrio, de pouca luz, repleto de fichários, mesas e pessoas com caras amarradas diante das intermináveis filas. É gente andando por todos os lados, vozes alteradas nos mais diferentes tons e alturas, papéis entre os braços, dispostos a buscar soluções rápidas para os seus problemas. Mas, ao chegarem ao balcão, encontram o desalento, em meio aos funcionários que não se preocupam com a hora que passa, ou pecam por estresses desnecessários. Atendem pessoas furiosas e impacientes sem se abalarem, em um ritmo cauteloso, próximo da morosidade.

Mas será que podemos achar alguém ali, naquele ambiente, que irá acabar a sua noite entre orgasmos e gemidos? Vamos procurar!

Pulemos o balcão, e vamos ver o que podemos encontrar nos corredores perdidos deste departamento. Logo a direita, pode-se ver em um canto a máquina fotocopadora a desovar cópias com o seu rumor barulhento, e uma estagiária perdida, tentando desligar o ensandecido aparelho. Mesas e mesas com pessoas debruçadas sobre os seus computadores, a digitarem de forma desesperada, ou a mexer com os carimbos, ritmados, a protocolar requisições. Um pouco mais à frente, avistamos a copa e ousamos nos aproximar, para ver se conseguimos ouvir os sussurros que o chefe da seção, considerado um porco machista, e a dócil secretária pronunciam, entre sorrisos discretos. Certeza de que se permanecermos ali, mais alguns instantes, poderemos ver o tapa estalado que ela dará na bunda dele antes de sair, deixando-o vermelho e sem graça, mas muito excitado.

Mas, apesar das promessas que temos nessa cena, ainda não é ali que está o nosso principal personagem, um dos protagonistas do conto da vez, está. Bastam seguir em frente, mais

Acheron - Nacionais

um pouquinho, até a última mesa da fileira, e ver aquele homem que está ali, inquieto, olhando de um lado para outro, com um jornal de anúncios entre as mãos.

Abaixa a cabeça, levanta, bate os dedos na mesa, suspira. Observa ao seu redor mais uma vez, murmura consigo mesmo:

— Agora vai! Liga logo, Marco. Cria coragem, homem.

Ameaça pegar o telefone, encolhe as mãos, xinga a sua covardia em silêncio. Sabe que não tem muito tempo para resolver essa situação. O dia está correndo e ele tem medo de que o momento passe, que ele se negue às satisfações daquela noite, que irá para casa mais um dia para fitar o silêncio rotineiro da esposa, a falta de paixão, o esfriamento do desejo, a acusação com os olhos. Pensa nas constantes reclamações e das ausentes palavras de carinho, incentivo e afeto. Está exausto de se fitarem em silêncio antes de deitarem na cama, as costas coladas, pensando em todas as palavras que queria dizer contidas em seu peito.

Pensar nisso o entristecia. Na verdade, o revoltava. Isso foi impulso suficiente para que ele fizesse o que hesitara nas últimas duas horas.

Abriu o jornal e encontrou no mesmo instante o anúncio em destaque. Seus olhos correram pelas letras, deixando o rosto vermelho com as promessas ali incutidas. Os lábios ficaram secos, os dedos hesitantes e um tremor, misto de expectativa e ansiedade, lhe descera pelo corpo, gerando uma convidativa ereção involuntária.

Venha se aquecer comigo. Loira, gostosa e tarada, pronta para satisfazer os seus desejos mais insanos. Transforme sua rotina em puro gozo.

Em baixo, o nome — Suelen — e o número de um telefone. Aquele que Marco tanto ensaiava para ligar. Mas o que iria fazer naquele Dia dos Namorados? Voltar para a vida sem graça que o casamento lhe oferecera ou inventar uma desculpa para a esposa e resgatar o calor do sexo novo, cheio de expectativas e anseios?



Discou o número.

— Olá! — disse a voz rouca, feminina e cheia de promessas que o atendeu.

— Go-gostaria de falar com a Suelen? — Marco voltara a ser um jovem, marcando o primeiro encontro.

— Está falando com ela, gato. Tá afim de alguma coisa?

— Sim, estava afim de comer você essa noite — dissera ele, de supetão. Será que era assim que se falava com as prostitutas?

— Hum, que delícia... Espero que o cacete seja tão gostoso quanto a voz que está falando aqui, comigo....

— Como é? — Marco ficou vermelho, mas gostou de imaginar a loira, ainda sem rosto, com a mão entre suas calças, abrindo o seu zíper. Sentiu seu membro enrijecer... E gostou daquela sensação.

— Qual é o seu nome, gostoso?

— Oi, e-eu sou o Marco — Droga, onde estava com a cabeça, dando o seu nome?! Bom, agora não tinha mais jeito, iria até o fim — Podemos marcar algo? Estou querendo muito foder hoje.

— Doido para dar uma comida gostosa, né, Marco?

— Sim — ele sussurrou, acenando com a cabeça como se ela fosse capaz de vê-lo.

— Vou adorar atender você... Não sei porque, mas sua voz me deixou toda molhada, sabia? Passo os meus dedos dentro da minha calcinha — ela deu um gemido profundo — e eles saem encharcados...

Ele, ao ouvir isso, involuntariamente, enfia a mão livre do telefone debaixo da mesa e toca a cabeça do seu pau através do pano da calça. Marco arfa, divertindo-se com aquilo, aguçando-se com a expectativa dos momentos prometidos.

— Que delícia — Marco comentou, já se sentindo à vontade. — Vou adorar te comer e te chupar inteirinha. Quero ver se sou capaz de fazer uma puta gozar.

— Hummmm... Mal posso esperar, Marco. Em que lugar podemos nos encontrar?

Combinaram o preço a ser pago e o local do encontro: um discreto bar perto do Centro. Despediram-se com beijos e promessas no ar, como se fossem velhos amantes. Marco sentiu o peito estufar, orgulhoso, pela missão a seu favor finalmente cumprida. Teria a noite do Dia dos Namorados que há muito desejara, sem que a maçante rotina estragasse seus planos. Agora só faltava dar a sua desculpa para quem ele tinha certeza de que não se importaria. A esposa.

— Bom dia, amor!

— Oi, Marco. Esqueceu alguma coisa em casa? Algum problema? — a voz irritante parecia explodir do aparelho.

— Não, Débora! Porque?

— Ufa! Pensei que já tinha feito alguma cagada... — ele pensou em comentar algo, mas se absteve. Aquele tipo de comportamento dela nunca o surpreendia.

— Não, está tudo bem. Só queria te falar que não tenho horas para chegar em casa esta noite...

— Porque? — Imagina Débora arregalando os olhos, as antenas ligadas tentando detectar se havia alguma mentira no ar. Marco fechou os olhos e deu a desculpa já contada e recontada na sua mente, pausadamente.

— Tenho um trabalho a fazer no departamento. Estamos com auditoria federal aqui e não podemos sair até que tudo esteja alinhado. Como temos de atendimento ao público normal, só podemos começar o processo após às 17h, depois de fecharmos.

— Já entendi, Marco! Tudo bem, meu querido. Vai mergulhar nos papéis que você tanto gosta por aí. Acordei com aquela enxaqueca, sabe? Aquela que me atormenta o dia todo?

— Eu sei, amor — Ele tinha vontade de falar que ia mergulhar em outras coisas, mas se conteve. Nem se tivesse coragem faria um comentário daqueles, naquele dia. Marco se lembrava como ficava o humor de Debora nos torturantes dias de enxaqueca. Graças a Deus não estaria por lá para ouvir as suas lamúrias e curtir a agressividade gratuita.

— Vou acabar indo para a cama depois da novela. Vê se não faz muito barulho na hora de chegar, tá?

— Tudo bem, amor. Desculpa não estar com você hoje, no Dia dos Namorados.

— Ah, é hoje? Nem lembrava! Sabe que não sou muita atenta à essas datas comerciais. Tchau, Marco.

— Até mais, amor — Marco desligou, deixando para trás qualquer possível culpa que aquela situação poderia lhe dar. Como corria tentando agrada-la, ano após ano. Anulava-se tentando satisfazer as suas vontades, deixando aquilo que mais desejava de lado. Era hora de

Acheron - Nacionais

mudar, voltar a sentir-se capaz de sentir e proporcionar prazer a alguém. Nem que tivesse de pagar para alguém, apenas para não se envolver.



Assim que ele colocou o aparelho no gancho, tornou-se outro. Macho, viril, despertando em si o alfa interior, sedento e sonhando em dominar a caça. A cabeça dando asas à imaginação, misturada à libido, pensava em mil e uma situações e posições em que pegaria a misteriosa mulher. Seus dedos se fechavam imaginando como seria grudar em suas ancas enquanto comesse suas nádegas; o gosto da sua pele quando a lambesse; as pernas dela entre os ombros quando a erguesse para mergulhar em sua buceta cheirosa; a deliciosa textura de sua boca ao chupá-lo antes que gozasse em seus alvos seios. Controlou-se para não ir ao banheiro do departamento e se masturbar várias e repetidas vezes com o sonoro nome da vendedora de prazeres nos lábios... Suelen... Seu nome sussurrado nos lábios parecia que estava dizendo sacanagem, a língua estalando perto dos dentes, os lábios nem tão abertos, mas convidativos, secretos e cheios de desejos contidos.

Contou as horas, minutos e segundos, como criança que vai para o parque de diversões. Quando encerrou o expediente, saiu calmamente e se despediu, com sua timidez e silêncio habituais, um simples gesto de cabeça a comunicar tudo que precisava àqueles que via todos os dias. Enrolou no banheiro, fingindo mal-estar e abriu a mochila com a roupa que havia trazido para o encontro. Vestiu-se com esmero, penteou e perfumou-se como se tivesse ido à um primeiro encontro... Que teria muito mais que beijos, é claro.



Marco chegou ao bar, o Veloso, alguns minutos antes do combinado, graças ao táxi que pegou um trajeto sem trânsito. Tivera muita sorte em conseguir um lugar ali, com toda esta febril atividade do romântico dia. Ali não haviam coraçõezinhos cartonados, jovens grudados ou risadas descabidas. A sensualidade era o regente daquele local, envolvido pelo meia-luz e música ambiente, cada mesa um ambiente de discrição. Lhe ofereceram um lugar ao canto. Marco deixou o garçom avisado de que Suelen o procuraria. Pediu uma cerveja e tentou acalmar-se, o copo gelado entre os dedos, tentando acalmar a respiração e evitar de suar. Estava visivelmente nervoso, mesmo que estivesse aguardando apenas uma mulher que trocaria o seu corpo por dinheiro. A curiosidade de encontro tão proveitoso dominava os seus anseios. Como ela seria, o que poderia esperar daquela noite? Ainda se sentiria bem após o tão aclamado orgasmo?

— Olá, gostosão — a voz macia o tirou dos devaneios.

E finalmente lá estava ela, exatamente como Marco previra. Vestia-se com discrição e elegância, os cabelos loiros até o meio das costas; o verde dos olhos à fitá-lo, brilhantes. Os lábios cheios e convidativos pareciam extremamente macios, assim como o seu corpo pequeno, mas generoso.

Marco, com fome no rosto e avidez no olhar, murmurou apenas uma palavra:

— Gostosa...

— Adoraria ouvir você me chamar assim a noite toda. Mas acho que não ficará bem, pelo menos aqui — seu sorriso se abriu, encantando-o. Pode me chamar de Sue, gato. Sou toda sua hoje, para fazer o que quiser...

Ela sorriu e Marco retribuiu. Suellen, ou Sue como ela mesma pedira para ser chamada, sentou-se tranquilamente ao seu lado, as coxas junto às dele, imaginando como seria o contato dos corpos sem todas aquelas roupas. Beberam um, dois, três copos, enquanto a conversa se tornava íntima, quente, o flerte repleto de insinuações. A mão de Marco fez-se de boba e encostou em sua coxa, enquanto os lábios dele procuravam os dela. Sue desviou-se habilmente, fazendo com que o beijo fosse depositado em seu pescoço.

— Nada de beijos. Não sou dessas mulheres, tipo sentimentais... — ela confessou, ditando assim aquela que lhe parecia a mais importante das regras.

— De-de-desculpe, Sue. Não estou acostumado... — Marco tentou se explicar.

— A comer prostitutas ou a não beijar aquelas quem fode? — ela riu diante do rosto sem graça do seu acompanhante. — Não se preocupe, sempre há uma primeira vez para tudo — Aproximou-se de sua orelha e sussurrou: — Vou adorar te descabaçar nesse sentido, e em todos os outros.

A língua dela correu a sua orelha, fazendo-o se arrepiar. O pênis, já duro, pulsava sob a calça, doido para ser o centro das atenções. Como se fosse guiada pela vontade de Marco, foi para lá que uma das mãos de Sue se dirigiu. Passeando por debaixo da mesa, aproveitou a meia luz para pegar no volume daquele que seria o seu homem naquela noite. Acariciou o membro sob o jeans, apertou-o, sentiu a sua pulsação e enquanto Marco arfava, comentou:

— Reservo os meus beijos para um bom e belo pau. Não há nada mais delicioso que sentir o gosto da carne crescer entre os lábios...

Sue desceu o zíper lentamente e libertou o pau da cueca, sentindo-o quente, livre e vivo entre os dedos. E deixando Marco espantado, sem reação.

— O que vai fazer, Sue... Huummmmm — gemeu ele, enquanto ela começou a masturbá-lo, com força, firme. Sorrindo, Sue sentia a pele do cacete subir e descer entre os dedos, a glândula inchada e aquela viscosidade saborosa saindo da ponta. Ia e voltava, subia e descia, enquanto Marco tentava se manter quieto, virando os olhos e gemendo baixinho. Sue, aproveitando da situação, só falava:

— Cresce para mim, gostoso. Mostra o que você tem... Quero só ver o quanto você aguenta firme.

As mãos dele se retorciam, abrindo e fechando, enquanto a de Sue ia, impiedosa, mexendo em seu próprio andamento, despertando o pênis e o tomando sob o seu controle, como o indiano que com música encanta a serpente. Ela o incitava, pedia mais, provocava, enquanto mordida sua orelha, descia a língua pelo pescoço, o outro braço por trás de suas costas a prendê-lo no abraço sensual daquela amante temporária.

O tesão de Marco se intensificou, tomou forma, travou os músculos do seu corpo. A vontade passou a tornar-se loucura, despi-lo da sanidade e do controle que tivera por toda a vida. Um gemido escapou, sem rumo, vazando pelos seus lábios, mostrando sua rendição.

Sue parou, repentinamente, deixando-o com as pernas bambas. Passou dois dedos pela sua glândula úmida e subiu com a mão, passando-a com ela diante do seu rosto. Olhou os dedos marcados pelas pequenas gotas viscosas que escorreram do pau de Marco, e como se estas fossem um delicioso néctar, as lambeu com avidez.

— Sabia que ia adorar o gosto do seu cacete, Marco — disse ela, baixinho, com um sorriso atrevido. Imagina quando você estiver despejando ela toda, quente, na minha boca.

— Quer experimentar agora?

Ela assentiu, o rosto afogueado. Era visível que Sue fazia aquilo por prazer, e não apenas pelo dinheiro proporcionado.

— Me leva daqui e me transforma em sua puta...

— Vou pedir a conta.



Fidelidade?

Casamento?

Débora?

As palavras e seus conceitos, tão fortes em outra época, perderam-se em meio ao desejo. Pediram um táxi e, enquanto esperavam, ele a abraçava, o pênis ereto sendo esfregado nas nádegas dela, que sorria, satisfeita. Ele beijava o seu pescoço e Sue encolhia-se, mexia o corpo, aumentando a fricção e o contato, deixando Marco cada vez mais louco. Quem os visse, podia achar que eram um casal apaixonado em um momento de intimidade. Mal imaginavam que em suas cabeças ocorriam pensamentos bem mais sujos.

— Você só está me provocando... Vai me pagar, Sue. Ah, se vai...

— Lembre-se de que você que está me pagando, Marco — ela respondia, em tom de sátira — Não há nada que possa fazer que eu já não conheça.

— Tem sim: eu comer esse rabo de um jeito que você nunca mais vai esquecer — ele dizia, apertando o lado de suas ancas.

— Palavras são fáceis de serem pronunciadas, gostosão. Mas como sou boa, deixarei que você dê o melhor de si para me provar isso.

Entraram no táxi e mal se importaram em esperar o motorista sair com o veículo. Marco puxou Sue pelos cabelos e lambeu o seu pescoço, sentindo o seu gosto misturado ao perfume. Enfiou a mão entre as coxas dela, erguendo a saia que ela vestia, esfregando os dedos na renda. Ela gemia, de olhos fechados, mas sem perder a vontade de provocar.

— Só isso que consegue fazer?

O motorista, após pedir o endereço, calou-se para não quebrar o clima. Divertia-se, os olhos a passarem de vez em quando pelo retrovisor, espiando o espetáculo proporcionado pelo casal. Teria boas inspirações para quando chegasse em casa.

Marco, enquanto isso, não se fazia de rogado. Desceu a alça da blusa e beijou o colo da

provocadora mulher. Liberou um dos seios do sutiã e com eles encheu a boca. Lambuzou-se, mordendo a pele clara, lambendo os mamilos, sentindo-o entumescer. Chupou-os com vontade, abriu a boca e a mamou como se voltasse a ser bebê, procurando saciar aquilo que o consumia.

Sue gemeu, mas, antes que Marco se achasse vitorioso, ela o afastou. E antes que ele reclamasse por tê-lo afastado, ela se debruçou sobre o colo dele. E mordeu a calça jeans, prendendo entre os dentes o seu cacete duro. Marco arfou e forçou o rosto dela contra a calça, querendo senti-la inteira.

Bastou este gesto para que ela o compreendesse. Abriu o zíper pela segunda vez aquela noite e libertou o pênis que já conhecia entre os dedos, apesar de não o ter visto. Até aquele instante.

Encantou-se com sua virilidade. Não se importava com tamanho, que era proporcional, a grossura, que era mediana, ou a sua beleza. Aprendera com os anos que as mais gigantescas picas nem sempre eram as que mais satisfaziam. Lambeu-o em toda a sua extensão, sentiu o gosto, passou o cacete em seu rosto, mal se importando se a maquiagem borrava, para quando o seu dono menos esperava, enfia-lo inteiro na boca, de uma só vez.

— Puta que pariu! — Marco gritou, enquanto os lábios dela e a língua brincavam com todo o seu membro de uma só vez. Diante dessa reação, Sue saiu vagarosamente de sua pica, olhou-o, os lábios ainda úmidos de saliva e lhe perguntou:

— Se quiser eu posso parar...

— Não mesmo! — ele disse, eufórico, e direcionou sua boca de volta ao seu prazer.

Sue não se fez de rogada. Indiferente aos solavancos do carro, às curvas ou a presença do taxista, ela mamou o mastro de seu cliente com vontade e disposição. Abriu toda a calça e expôs as bolas, que segurou entre os dedos. Lambeu cada parte de seu cliente com fome e literalmente fodeu aquele pau como se os seus lábios fossem a vagina. Fez sexo com Marco além do imaginado, despertando nele um lado devasso e abusado que até então desconhecia.

Ele ajudava. Erguia o corpo e arremetia de encontros aos lábios gulosos de Sue, que gemia, satisfeita. Mesmo com todo o pau dentro da boca, ela em um gesto hábil e experiente, colocava a língua para fora e lambia ocasionalmente seu saco, em um ritmo inusitado de vai e vem.

Sue, não contente, ergueu o corpo. Abriu a camisa de Marco e mordiscou os seus mamilos, lambeu sua barriga e se perdeu no corpo indigente, enquanto roçava o pau dele em seu seio descoberto. Mamilo e glândula se encontravam, em um beijo nunca imaginado, dando a Marco vontade de gozar.

— Eu vou gozar assim, Sue. É melhor pararmos.

— Você promete me dar muito mais que isso em um quarto de motel, Marco?

Ele assentiu.

— Então goza para mim. Estou doida para beber da sua porra!

E sem hesitar, ela o tomou mais uma vez entre os lábios. Sentia-o pulsar, macio e, ao mesmo tempo, tão rígido, a roçar-lhe entre os dentes. Pena que durou tão pouco. Marco não teve tempo de avisar quando o orgasmo veio. Inundou a boca de Sue com o gosto agri-doce da satisfação.

Quando o taxista anunciou que tinham chegado ao local desejado, os dois já estavam arrumados, como se nada houvesse acontecido. Mas, se a gente olhasse bem em seus olhos, veria uma centelha que antes não havia. Um brilho de reconhecimento, de sentimentos ainda não declarados.



Após se recomparam, entraram no motel, de mãos dadas, a pé, sem se importarem com quem passasse na rua. Marco, de mãos trêmulas e pernas bambas, excitação à flor de cada centímetro da pele, preencheu os papéis e pegou a chave em poucos minutos.

Entraram no quarto decorado em vermelho e dourado, brega, onde muitos gemidos de prazer e jatos de sêmen foram derramados, marcando com o cômodo sua presença lasciva, capaz de excitar aqueles que ali adentravam, passando pela porta.

Com eles não foi diferente. Marco mal esperou a porta se fechar para grudar em Sue. Pressionou o volume de suas calças contra a saia dela, ainda na vã tentativa de que ela se perdesse e pudesse enfim roubar o sabor da sua boca. Ela resistia bravamente, seu sorriso em forma de Monalisa prometendo mistérios e sensações inimagináveis.

Sue pediu o dinheiro combinado, que ele tirou do bolso. Guardou-o no sutiã. Sem que esperasse, ela o jogou na cama, deixou o quarto à meia-luz e procurou a música para deixar o ambiente propício para o prazer prometido. Os acordes iniciais de *Till The cops come knocking* começaram a invadir o quarto, transformando o Dia dos Namorados ideal de Marco em realidade.

Sue fechou os olhos e deixou-se levar pelo ritmo da música, enquanto Marco, perdido entre os movimentos de sua deusa noturna, inebriava-se com a cena. Com movimentos contidos, ela despiu-se lentamente, os sapatos jogados em um canto, a roupa disposta com suavidade, o pé entre as coxas de Marco a roçarem o pau enquanto ela arranca as meias. Ele tenta segurá-la, mas, Sue afasta-se, aumentando a tensão, o tesão, a vontade de que Marco fizesse com ela tudo o que rondava a sua mente. Sue despe o sutiã e o deixa com cuidado em uma cadeira junto com o pagamento, deixando livres os seios que Marco tocara, e por fim, tira a calcinha, de costas, mostrando o rabo generoso. Dança e rebola, nua, sem pudor algum diante do homem que mal conhece. Está livre de uma forma que Marco nunca vira antes em uma mulher.



Quando a música se encerra, ela por fim vai ao seu encontro. Arranca-lhe a camisa, botão a botão, deixa o seu peito e barriga expostos. Esfrega o seu corpo alvo e liso no dele, coberto de pelos. Entrega o seio nu aos lábios dele e permite que Marco se lambuze, se farte, esfregue a face áspera da barba nos mamilos que incham, florescem em tesão. Ele a cheira, a lambe e a beija, enquanto ela esfrega a vagina úmida sobre a sua calça, o pênis inchado e dolorido pronto para ser devorado por ela. Sue recua o corpo e desce a língua pelo seu pescoço.

— Agora é a minha vez — ela diz, quando passa língua em seu mamilo escuro, pequeno. Mergulha em seus pelos e o morde, belisca, descobre com as mãos e a língua o que o faz gemer e se entregar.

Nada foi perdoado. Chupou sua barriga, dedos, brincou com a língua em sua axila, fazendo-o se retorcer, dando um gemido profundo. Desceu com os lábios os lados do corpo até a curva da calça, presa pelo cinto.

Tirou-o como se estivesse com preguiça, com pausas que para Marco pareceram intermináveis. Abriu o zíper e desceu da cama para puxar-lhe as calças, com cara de menina que vai fazer arte. Viu o volume querendo sair da cueca e se maravilhou.

— Abre as pernas, gostosão.

Ele obedeceu sem pestanejar, deixando que ela lhe tirasse a peça final.

Quando os lábios dela passaram pela sua glândula, ele quase gritou. Centímetro a centímetro, ele absorveu sua grossura, formato, tamanho. Devorou aquele pau como se fosse um prato exótico, sem a pressa dos contatos anteriores. Queria descobrir com a língua cada veia, cada reentrância, cada sabor diferente que Marco seria capaz de proporcionar. Deixou que ele se rendesse, gritasse, gemesse, forçasse a sua cabeça. Ali, naquele instante, ela era a dona.

E o faria desabrochar sob o seu comando. Pegou o seu saco, massageou-o e desceu o dedo pelo caminho secreto e temido pelos machos. Mamou-o com mais vigor, engolindo o seu membro inteiro dentro da boca e, quando Marco ergueu o corpo de encontro à sua face, Sue passou com o dedo em seu rabo, sem hesitação. Isso só aumentou o volume da voz de Marco.

Incentivado, o homem casado se redescobria como ser sexual nos lábios e dedos da prostituta, em um ritmo enlouquecedor. Marco revirava os olhos, as pernas já sem força, querendo que a deliciosa tortura do coito lhe consumisse, mas quem disse que Sue permitia? Ela parava, esperava, passava o cacete no rosto e sorria. A carne enfraquecera e se desfazia diante daquela que era a sua rainha da noite.

— Quer me ver gozar já, Sue? — ele disse, fazendo uma cara de pena.

— Não, gostosão. Sei que está doido para me comer... — ele assentiu a cabeça — Quer agora?

— Sim, delícia. Não aguento mais... Preciso te foder.

Ela escalou o seu corpo, passando as unhas pela cabeça do seu pau, umbigo, peito, pescoço. Encaixou a cabeça de Marco entre as coxas e apoiou-se na cama. Começou a se movimentar para frente e para trás, a vagina carnuda de Sue e seu cuzinho rosado passando diante dos olhos maravilhados de Marco.

— Qual quer, Marco? Qual deles precisa comer primeiro?

Marco não resistiu. Ergueu a cabeça e meteu a língua nos dois. Deixou que Sue rebolesse em seu rosto, enquanto a língua e os lábios de Marco intercalavam entre o clitóris e o rabo da dama secreta. Ela gemia pela primeira vez naquela noite, sentindo a língua dele a brincar com o seu sexo, beber do seu sumo e marcá-la com aqueles intermináveis e íntimos beijos.

Sue tentou sair dali, mas ele não deixou. Com as mãos em suas ancas, a puxou para baixo e deixou que a língua adentrasse a sua fenda. Ela se retorceu, tentou sair, implorou para que ele a largasse, gemendo e chorando com a força e destreza de Marco sob ela. E ali aconteceu algo que Sue nunca imaginou.

Ela gozou. Derreteu-se sobre a língua inquieta de Marco como nunca imaginara fazer com um cliente. Foi só depois que ele bebeu dela o suficiente, que enfim permitiu que saísse. Como castigo, ela colocou a camisinha em seu cacete, de forma brusca, e enterrou o pau dele em sua buceta. Marco havia perdido a liberdade para escolher. A foda seria dela também.

Talvez quisesse gozar mais vezes, quem sabe? O importante foi que, encima dele, ela foi frenética. O corpo erguido, os seios a chacoalharem, a buceta dela a engolir e cuspir o cacete do homem, as nádegas dela a baterem contra o corpo dele, sem delicadeza, força pura e animal. Gemeu, gritou, xingou-o, enquanto Marco, perdido nas sensações e maravilhado com a disposição dela, deixava apenas que o corpo a acompanhasse, desejando banhá-la com sua porra. Quando o orgasmo estava prestes a vir, ele tomou a dianteira em um arroubo e jogou-a na cama. Tirou a camisinha e se masturbou até banhar os seus peitos, sua barriga, sua vagina, deixando que ela se esfregasse com o líquido viscoso e claro e o engolissem, saciada.

Já sem forças, Marco jogou-se na cama, ao lado de Sue.

— Você acabou comigo, sua gostosa.

— Se quiser dormir, fique à vontade, gostoso. Vou tomar um banho e depois te acordo.

Se quiser, chamo um táxi para você voltar para sua esposa.

Mas ele não respondeu. Talvez estivesse perdido em pensamentos, ou dormisse mesmo... Quem sabe os mistérios que rondam o silêncio de um homem?



Sue entrou no banheiro, olhou-se no espelho. Lavou na pia o rosto borrado de maquiagem, e deixou que a água fria banhasse o seu colo, mostrando-a sem fetiches, nomes e fantasias. Mostrando apenas ela, uma mulher marcada por um intenso encontro em busca do prazer. E porque não do amor?

Despia-se dos papéis. Voltava a ser a comum.

Quando ela ergue o rosto, Marco estava atrás dela com um sorriso terno.

— Deixa que eu te ajudo, amor.

Ela assentiu e sorriu, nos olhos o mesmo brilho que fulgurou por um momento durante o táxi. Aquilo que hesitamos em sentir, mas chamamos de amor. Aos poucos eles tiraram juntos cada um dos apliques que ela colocou no cabeleireiro para deixar as madeixas mais longas, descolaram as unhas falsas que já se encontravam meio fora de lugar e ela tirou as lentes que clareava os seus olhos, mostrando os castanhos que ele fitara há 20 anos, jurando amar em todas as situações possíveis.

— Já falei que te amo hoje, Débora?

— Já, meu “gostosão” — disse ela, brincando, tomando os lábios dele entre os seus. Mais lentamente, menos esfomeados, mas com igual paixão.

Há dias, Marco achou que aquele ano o Dia dos Namorados passaria em branco. Debora, sua esposa, se virava em mil no trabalho, na casa e com o filho adolescente. Mal ficavam juntos e namoravam, ambos cansados demais para maiores aventuras. Por isso, ele havia ficado a semana inteira pensando em uma ideia de tornar pelo menos aquela data inesquecível. Avisou ao filho que não passariam a noite comemorativa em casa e o mandaram para a tia, sob protestos, já que o menino-homem de 16 anos achava que não era mais criança. Reservou uma mesa em um lugar que ela sempre quis conhecer, que prometia um ambiente diferenciado daquelas aglomerações de casais adolescentes que proliferavam naquela data, e o motel, era claro, em um quarto que a esposa mostrara para ele um dia, no site. Marco pessoalmente achava brega a decoração, mas o importante seriam os gostos dela naquela noite. Quando tudo estava

Acheron - Nacionais

previamente pronto, Marco e sua ansiedade não aguentaram em guardar a surpresa e fizeram com que ele contasse a Débora tudo que ele havia planejado para o Dia dos Namorados. Débora alegrou-se com a ideia e o gesto apaixonado.

Só que Débora não dormiu de imediato, para estranheza de Marco. Ficou se revirando, perdida em pensamentos. Sentia-se feliz, mas sem saber como retribuir tamanho gesto caloroso. Até que uma ideia surgiu, embalada pela madrugada, que coroou aquela noite especial como nenhuma outra fora antes.

Quando Marco chegou à cozinha para tomar café no dia seguinte, viu que a mesa estava pronta. Até o jornal do dia estava disposto na mesa para sua apreciação,

Marco estranhou tamanha solicitude. Normalmente ambos corriam juntos, organizando as coisas para dar tempo de cumprirem os seus horários.

Enquanto tomava o seu copo de suco, Débora comentou, de modo falsamente displicente.

— Abre o jornal. Acho que tem um anúncio do seu interesse.

Foi assim que a Sue surgiu aos olhos de Marco pela primeira vez. De um pedaço de papel quadrado, imitando um anúncio, colado no jornal de Marco, o marido. Nele, Débora colocou o seu próprio número de celular, criando uma fantasia: a de ser a prostituta que satisfaria os prazeres do seu marido. Criaram aos poucos os seus papéis para serem desempenhados naquela noite. Nada poderia dar errado.

E, como bem vimos, não houveram falhas. Somente desejos e muita, muita sacanagem.

Para Débora, ser Sue, havia sido libertador. Fingir a ligação para marcar o encontro e logo depois fingir ser a esposa displicente e de voz irritante. Arrumar-se toda para ele de um jeito que nunca fizera antes e entrar como uma desconhecida no ambiente combinado, vendo a surpresa em seus olhos. Quando dançou para ele e por fim transaram, não se lembrava dos corpos marcados pela meia idade, da cintura que não era mais a mesma, os seios que ficaram mais pesados com o tempo. Rugas e fios brancos foram destoados pela fantasia que o amor e o sexo poderiam proporcionar. Desceu a língua pela barriga, aquela de cerveja, com o mesmo desejo de quem descia por um tanquinho. Lambeu o pau que conhecia há 20 anos como se fosse novo, um objeto inédito a ser explorado.

Marco também não deixou por menos. Criou uma esposa em sua mente que nunca existira e deixou o fetiche tomar conta. Quando a pegou, foi com vigor renovado, fazendo-a gozar com a língua em uma rapidez e intensidade ímpares. Não fizeram amor, foderam até que as pernas ficassem bambas. Sue surgiu como um presente de Dia dos Namorados para Marco e acabou despertando ambos para um calor que julgavam adormecido.

Agora, diante do espelho, ele a abraçou por trás. Pegou seus seios, massageou-os, a fez encostar-se no seu ombro e beijar a sua boca, como só Débora sabia fazer.

— É assim que eu te amo, Débora. Sem a necessidade de disfarces. Gosto de te ver livre

das roupas de mãe, profissional, dona de casa... Gosto que seja a sua essência, aquilo que te faz feliz, Aquela pela qual serei sempre apaixonado. Ora Débora, ora Sue... Minha mulher. A única.

Ela sorriu e deixou que as lágrimas caíssem pelo rosto, de felicidade plena. Virou-se para Marco e declarou-se, por fim:

— Eu te amo, Marco. Desde que nossos olhares se cruzaram pela primeira vez, esse sentimento não mudou. Feliz Dia dos Namorados, amor.

Os lábios se chocaram mais uma vez. As línguas se acariciaram, intensas e sôfregas. E após se perderem um no outro, as mãos de Marco a prenderem Débora, aquela que já foi e sempre seria um pouco a Sue, abraçaram-se, despejando nesse gesto todos os sentimentos que não conseguiriam verbalizar.

Até que Débora se arrepiou, e ronronando como uma gata, confidencia no ouvido de Marco.

— Espero que não esteja cansado. Ainda tem um cuzinho para você comer — conta, enquanto desce as mãos até o pau do marido, que já começa a despertar novamente.

— Para você eu sempre tenho disposição, amor — ele diz, a virando de costas, fazendo-a arrebatar a bunda e metendo nela ali mesmo, com gosto.

Bom, acho que é hora de nos afastarmos. Vamos deixar o casal apaixonado com seus gemidos e desejos. E, enquanto nos despedimos, talvez devêssemos nos lembrar que o verdadeiro amor é esse, aquele se enfeita e fantasia para o outro. Mas que quando se despe, ainda se encontra munido dos mesmos sentimentos, na mesma intensidade. É fiel a cada curva, sussurro e palavra suja. É delicioso mesmo nos gestos mais banais. Não segue padrões, costumes ou regras. É simplesmente vivido e reconhecido, não importa como se disfarça.

O verdadeiro amor, quando se manifesta fica diretamente à flor da pele. E quando o prazer o acompanha, durará até a velhice com a mesma disposição da juventude. Espero que todos vocês leitores, um dia, sintam isso. E vivam todos os instantes de suas vidas um eterno Dia dos Namorados.





— Dona Ivânia! — o som prolongado é a primeira coisa que ecoa pelo departamento, quebrando o barulho ritmado das máquinas de escrever e as reclamações roufenhas do público insatisfeito. A voz, grave e rouca, talvez resquícios do excesso de cigarro, soa como o rosnar de um cão bravo, criando um silêncio incômodo antes mesmo que o seu dono abra a porta da sala. O som de seu pisar se aproxima, junto ao volume dos gritos, fazendo com que os mais sensíveis sofram de crises repentinas de arritmia, ou que os pelos de seus braços se ouricem, a espera que o monstro mais cruel e chauvinista daquele lugar finalmente apareça.

E ele atende aos medos e expectativas dos seus colaboradores, surgindo em toda sua imponência, assomando a porta. Quando ele, Nilson, o chefe, a figura mais odiada por ali, surge, com a sua face de desprezo habitual, reações adversas e silenciosas invadem o departamento. Algumas pessoas se encolhem, outras mudam de direção, as pastas a tremularem nas mãos, as cabeças a fitarem o chão, com medo de encararem o seu olhar petrificante de Górgona.

Nilson, ou Nil, como gostava de ser chamado — principalmente pelas mulheres — fugia completamente do padrão de chefe de setor, principalmente de um Posto Fiscal como aquele, igual a tantos outros, espalhados pelos quatro cantos do Brasil. Longe de ser aquele homem velho, meio careca e barrigudo, ele poderia povoar o desejo de muitas mulheres... Isso se elas não convivessem com ele por muito tempo, é claro. Moreno, alto, olhos verdes como de um gato, lábios carnudos perdidos em uma castanha barba cerrada e um corpo de fazer inveja a muitos meninos, o trintão poderia ter todo aquele departamento aos seus pés — se não fosse tão grosso, mal-educado e machista.

Ele adorava ser o centro das atenções, o superior entre os homens e o perigo das mulheres. Ao chegar, erguia o corpo e se vangloriava pelos corredores, disposto a ser adulado e cobiçado. Contava vantagem sobre os funcionários, descrevendo em seu falatório as suas incríveis peripécias sexuais. Despia as mulheres, independentemente da idade, como se fossem pedaços de carne, prontas a serem devoradas. Quantas, infelizmente, não foram transferidas repentinamente dali, por resolverem abrir as pernas para o chefe, esperando, quem sabe, uma promoção no departamento? Doce ilusão. Após o ato, sumiam repentinamente, entre suspiros,

carregando nas mãos, a maioria das vezes, apenas as calcinhas rasgadas entre os punhos fechados — souvenir que ele adorava guardar para si quando as ganhava pela primeira vez e devolvia ao se despedir em uma falsa máscara de tristeza. Na verdade, fazia com que a coitada da dona Ivânia, que ele tanto grita, as devolvesse, discretamente. Centravam-se nele as principais definições de cafajeste, calhorda e galinha. Tanto que metade do departamento o odiava, enquanto a outra metade simplesmente se mantinha longe de suas vistas, a fim de evitar problemas.

A única que não podia escapar aos seus desmandos era a pobre, sensata — e tão arduamente aclamada — dona Ivânia. Sempre alinhada, com seu cabelo loiro preso em um coque e os óculos na ponta do nariz, a moça era a única que ignorava completamente os ataques de egocentrismo e raiva homéricos do seu chefe. A maior prova disso é que desde que Nilson assumira o cargo, Ivânia era a única mulher que ele respeitara... Com restrições, é claro. Pois o desgraçado a tratava como a mucama, a empregada, a mulher que serviria apenas de enfeite em determinada reunião cheia de homens como ele. A única vez em que ela o pegara olhando para sua bunda com as intenções de apalpa-la, ela lhe devolvera um olhar tão gélido, que o pinto de Nil se recolhera para dentro do corpo por quase uma semana. Foi assim que, com o tempo, estabeleceram ambos os seus limites. Ela atendia as suas necessidades com toda a calma e felicidade do mundo, desde que não fossem as corporais, da libido. E ele, em contrapartida, poderia até desejar fazer uma demonstração de seu poder de bom macho viril sobre as coxas grossas e nádegas roliças da secretária, mas não ousaria com medo de que ela o abandonasse, já que Ivânia lhe servia tão bem no departamento. Apesar de que ela se tornou mais do que a assistente do miserável Nilson, como já foi mencionado anteriormente. A pobre era quase uma escrava do homem, a sua extensão pensante. Cabia a ela, além de separar seus relatórios e memorandos, saber onde estava cada coisa, comprar suas camisinhas, flores para as mulheres que ele desejava agradar, presentes para a mãe, que achava que seu filho era um santo, entre outros disparates. Ela entendia mais do cargo de Nilson do que ele próprio. Era seus olhos e ouvidos, sem ser injusta para com os outros, e era, acima de tudo, a mulher que o cretino do Nil mais dava ouvidos por ali. E mais tratava com respeito.



— Dona Ivânia — repetiu ele, mais uma vez, antes que ela colocasse o rosto visível, sobre a sua mesa, nem um pouco abalada pela histeria do patrão.

No rosto dela, notava-se o impassível sorriso que já era sua marca registrada, os lábios alongados e indecifráveis. Os óculos, na ponta do nariz. O cabelo com nem um fio fora do lugar. Ivânia fitou-o, com seus olhos límpidos e disse, em seu tom mais doce, sem perder a compostura:

— O relatório que o senhor precisa está em cima da sua mesa. Perto do seu telefone — ela disse, aumentando ainda mais a extensão do seu sorriso para o seu chefe, expondo os dentes alvos. Ele, diante disso, fica vermelho por um momento, depois roxo como um pimentão. Ensaia uma, duas, três palavras, mas sabia que não teria razão ali. Por isso, decidiu-se ir embora,

adentrar novamente o seu reinado. Mas não sem antes balbuciar um obrigado para sua tão estimada secretária.

Ela nem ao menos respondeu. Apenas assentiu com a cabeça e voltou ao seu serviço, sem reclamar, com a mesma tranquilidade e passividade de sempre.

Aos poucos, os murmurinhos voltaram à sala. Pessoas aliviadas se dividem entre voltar às suas tarefas ou se indagarem como dona Ivânia, uma mulher tão boa e tão bonita, perdia o seu tempo ali, aturando os desmandos de Nilson com tamanha serenidade, em um ato diário de quase martírio. Ficavam contando as horas, apostando entre eles o exato minuto em que ela iria explodir, perder completamente o controle, jogar tudo para o alto e, num ato ensandecido, arranhar todo o rosto belo — e prepotente — de seu patrão.

Mas o que ninguém ali sequer imaginava era o que existia dentro da cabeça aparentemente pura e caridosa de dona Ivânia... Podemos afirmar que se sua mente fosse uma sala, seria toda em detalhes vermelhos e pretos, cheias de couro, correntes e muitos objetos, capazes de proporcionar prazer e dor, na mesma intensidade e de tal forma, que você não saberia discernir uma coisa de outra... O seu som seria o som do chicote, os gemidos dos amantes e o barulho da carne sendo estapeada, punida em atos de submissão... Para demonstrar poder.

Para demonstrar prazer.



Dona Ivânia odiava seu chefe, com todas as forças possíveis. Trabalhava o seu controle em um exercício diário, imaginando com satisfação o belo e inútil homem de joelhos, domado, entre correntes, as costas largas sob a ponta dos seus saltos. Alimenta-se da ideia de um dia vê-lo implorar, lambe os seus pés, atender os seus desmandos, andando de quatro à sua frente. Mas, enquanto esse desejo não se realiza, ela sacia atendendo a necessidade de outros escravos.

Porque fora dali, não existia nem sombra daquela mulher tão cordial. Dentro do seu reduto, ela se transformava, em meio às máscaras de couro, renda e roupas justas, em Pandora Miller, uma das mais famosas *domines* do mundo BDSM, famosa pelo uso do chicote, do *cane* e de oferecer aos seus submissos os mais ousados e humilhantes tratamentos. Entre homens e mulheres que acessavam o seu site, Ivânia, ou melhor, Pandora, a portadora dos males — ou seriam prazeres? — do mundo, proporcionava aquilo que eles desejavam.



Ivânia nascera para o poder, comandar e submeter. Nunca tivera filhos, amores ou traumas do passado, como os senhores de livros eróticos banais, que precisam de algum motivo sentimental para ter as vontades dos outros sob os seus pés. Longe disso. Desde que fora treinada, nunca se imaginara como submissa, pés rentes, cabeça baixa e mãos às costas, em total rendição. Via-se com roupas justas e botas, aprisionando homens e prendendo seu pequenos e escuros mamilos com *clamps*, andando nua encima de belas mulheres, como potros obedientes, ou talvez prendê-los no pelourinho e amaciar suas carnes com o seu chicote rabo de gato.

Ouvi-los gemer, sem controle, é um espetáculo único. Ver suas cabeças se moverem, em um gesto de negação, mas seus lábios murmurarem por mais, é algo que a excita, a deixa úmida, a deixa pronta para gozar na língua de seus submissos, quando senta em seus rostos e bocas esfaimadas, em um gesto nobre de retribuição por suas donas. Já que, não importa se for a primeira ou a décima sessão, eles voltam.

Eles sempre voltavam.



Para Ivânia, Nilson era um mal, mas ao mesmo tempo, sua constante inspiração. Alguém que desejava domar, submeter e esmigalhar à vontade, deixa-lo passivo a tal ponto que poderia destruir toda essa sua falsa fachada, essa masculinidade forçada que tanto incomodava as pessoas. Por isso, mesmo quando não estava tão inspirada para uma sessão e, mesmo assim, tinha um novo submisso à sua espera, a falsa tranquila secretária e verdadeira senhora dos mistérios dolorosos fechava os olhos e via o seu patrão diante de si, as costas musculosas arqueadas, as nádegas roliças e a cabeça baixa, à sua espera. Alimentava assim uma chama que nunca tivera antes, que transformava o ato de dominar e punir um êxtase glorioso, uma chama devoradora que a tomava de forma ímpar. Era como a mulher do mito grego, a primeira entre os homens, a transgressora, dotada de todos os triunfos e qualidades divinais para destituir a soberba alheia. Sua falsa passividade nutria o ego de Nilson, mas o homem nem imaginava que alimentava os desejos de sua secretária de uma forma completamente diferente do esperado.



Mas a capacidade de sonhar, desejar, ansiar por algo dos seres humanos é algo maravilhoso. Ocasionalmente, se pedimos algo, consciente ou inconsciente, com muita vontade, somos agraciados por aquilo que queremos. Não sabemos o que existe de verdade por trás do véu das razões ocultas, se algum anjo diz amém, se é apenas o considerável fruto de nossos esforços ou se caso algum ser superior nos achou dignos de tal atendimento — ou entendimento. O importante é que conseguimos e nos esbaldamos daquele sentimento de conquista pessoal, tentando permanecer contidos e não esfregar a nossa alegria na cara alheia, mas ansioso para gritar ao mundo que conseguimos.

Essa euforia também chegou a Ivânia, ou melhor dizendo, à Pandora Miller. Pois assim que ela entrou em seu apartamento, se despindo do papel de servil trabalhadora, jogando as roupas longe. Caminha nua pelos cômodos, a predadora novamente ativa, sem a pele de cordeiro. Sentou-se em seu escritório, de frente ao notebook, e começou a ver recados de seus submissos,

agendamentos e possíveis novos encontros. O sexo proporcionado por ela, em sessões privadas, era o que realmente pagava os seus custos. Era ali, em seu quarto libertador, que aliava verdadeiramente o trabalho ao prazer. Sua vida pública era apenas a fachada para caminhar entre os cordeiros. E isso sempre deu muito certo.

Estava ali, imersa na rotina, o lápis a rodar os lábios, os cabelos soltos a roçar os seios, verificando os seus recados, quando um deles chamou a sua atenção, destacou-se diante dos olhos. O sorriso, aquele misterioso que é sua marca registrada, surgiu, e no mesmo instante clicou sobre o endereço de e-mail conhecido.

Boa noite, Pandora!

Gostaria de saber se tem um horário para uma sessão. Quero ver se você é tão boa assim.

Manda o valor, como pagar e o que faço para encontrar você.

Fico no aguardo.

Pandora quase perdeu o controle, efusiva, batendo palmas de alegria por presente tão inusitado. Reconhecia a prepotência nas palavras, a falta de tato e, nelas, a oportunidade de ter a sua doce vingança saciada por todos aqueles anos. O nome de Nilson assinando aquela mensagem coroava a sua noite, dando novos significados, oferecendo um ânimo — e muitas ideias — de como oferecer uma sessão inesquecível ao seu patrão. Lembrava-se de ouvi-lo comentando com outro dos estúpidos que o acompanhavam que nenhuma mulher iria conseguir torna-lo um capacho.

Precisava começar a ensiná-lo qual era seu verdadeiro lugar.

Com os dedos hábeis sobre o teclado, Pandora voltou a ser Ivânia. E com o rosto sério e compenetrado, fez a sua missiva ao prepotente homem.

Criatura,

Se você quiser ser um dos meus servos ou escravos, precisa saber o seu lugar. Antes de tudo, serei a sua Lady ou Senhora, por uma sessão apenas (o que acho mais fácil, pois homens muito senhores de si não aguentam uma punição adequada) ou será merecedor de um espaço contínuo em minha masmorra. Portanto, só voltarei a trocar algum contato com você caso eu queira e você se mostre adequadamente servil.

Ela nem perdeu o seu tempo assinando. Enviou sem hesitar. Ele saberia desde o primeiro contato com quem estava lidando e por mais que esbravejasse, o seu lado *domine* não cederia. O jogo havia começado.



Aquela foi a semana em que Ivânia mais se divertiu com seu trabalho maçante de secretária e babá de Nilson, uma em que seu sorriso foi um acessório constante a lhe enfeitar o rosto. Nunca se sentiu tão grata pela sua vida dupla. De sua mesa, via a constante frustração do chefe, as mudanças de humor, cada ocasião que mandava um e-mail e aguardava uma resposta de Pandora, coisa que ela nunca fazia. Ao chegar em casa, todas as noites, ela se deliciava lendo os vários e-mails que ele mandava. Os primeiros foram querendo se pavonear sobre a sua figura, em que gritava, indagava, insistia, mas sem perder a pose. No decorrer dos dias, ignora-lo deve tê-lo ofendido, pois ele mostrava claramente o desespero de chamar-lhe a atenção nos textos. O homem se tornou fera. Vociferava, a vilipendiava, tornava-se o torturador e o torturado em um simples decorrer de linhas, seu tom cada vez mais hesitante e inseguro, o ego de macho ferido, diante da ausência da recusa de Pandora em atendê-lo, em uma mísera cena que fosse. Dia após dia, com o seu silêncio ela o quebrou, fazendo seus desmandos se transformarem em humildade, subserviência, deixando-o disposto a obedecê-la cegamente às suas ordens mais absurdas, as que lhe alimentassem o ego e os desejos de dominação acumulados por anos.

Na empresa, ele estava diferente, gerando os mais sutis comentários. Não provocava as mulheres ou contava vantagens. Ficava perdido em pensamentos em sua mesa, olhos na tela do computador, como se tivesse um objetivo, uma determinação a cumprir, uma ânsia a ser concretizada. Ivânia sabia o que era aquilo e se divertia ao ver: Nil nunca tinha sido tão claramente desprezado. E como aquilo incomodava o seu patrão.

Só decidiu respondê-lo, de forma positiva, duas semanas depois do primeiro contato. Sentada em seu apartamento, divertida e excitada com o jogo, fez-se presente de forma sucinta: passou o seu endereço — um lugar que ele nunca se interessara em descobrir onde era — e o horário que ele deveria aparecer. Junto, o valor da sessão. Seca, franca, sem brecha para contra-argumentos ou dancinhas da vitória. Só que, assim que ele chegou ao trabalho no dia seguinte, e cumprimentou a todos tão cheio de si, o mesmo velho e obtuso homem de sempre, Ivânia rugiu por dentro, apesar de manter no rosto o sorriso impassível, aqueles perigosos em que não mostramos os dentes. Ela sabia que teria de doutrinar aquele espírito de suposto alfa de forma impiedosa. E já sabia como iria preparar a cena para o *mise-en-scène*.

— Nilson, você está perdido — sussurrou ela, entredentes, ao vê-lo rodeado de outros colaboradores, igualmente ridículos, comentar que nenhuma mulher tinha força e inteligência para dominá-los — Isso é o que iremos ver, *criatura* — finalizou, com desprezo.

Mal podia esperar para encontra-lo. A loba e sua presa.

Ainda teria de esperar um pouco mais de 48 horas para isso. Mas quando ele estivesse à sua mercê, iria devora-lo aos poucos. E seu gozo seria transformado em punição.



Ivânia esperara ansiosamente pelo momento da revelação, o instante exato em que adentrasse o quarto e os jogos se inverteriam, o poder finalmente delegado à sua verdadeira dona. E agora, que este momento finalmente chegara, iria deleitar-se nos despojos daquele que seria consumido pelo seu próprio ego. Para esse ato tão grandioso, Ivânia preparava-se com esmero. Em frente ao espelho, despia-se da figura comum, transfigurava-se, deixava que a sua verdadeira face se manifestasse em seu corpo. Permitia, assim, que Pandora a possuísse. Vestiu o corpete e o trançou com firmeza, a fim de que ele afunilasse ainda mais a sua cintura. Colocou a calça e as botas de couro, vagarosa e metodicamente, de forma que não formassem vincos e proporcionassem a ela qualquer sensação incômoda. Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo firme e vestiu a sua máscara vermelha, que lhe cobria quase todo o rosto, destacando os lábios, que pintara de uma púrpura brilhante. Mira-se no reflexo, de corpo inteiro, uma bela e temerosa visão em negro. Do seu corpo, apenas o seio de fora, o mamilo esquerdo envolto por um escorpião tatuado, o símbolo de seu signo.

Sorriu, satisfeita com o seu aspecto. Verificou a sua sala, os instrumentos capazes de proporcionar prazer e dor, e escolheu qual chicote iria utilizar. Escolheu um rabo de gato, com as tiras de couro trançadas em um fino fio. Iria adorar ver as marcas que aquele instrumento faria na pele dele. Ligou o som ambiente e ia fechar a porta quando o interfone soou pelos cômodos.

Era a hora do espetáculo.

Ordenou ao porteiro que ele deixasse Nilson subir, a voz aveludada ganhando novos contornos, e o esperou, batendo de forma displicente o chicote na coxa.



— Olá, tem alguém por aqui? — Nilson diz, cauteloso, adentrando a sala de poucos móveis. Um passo após o outro, apruma o corpo enquanto se adianta, vendo que ali não há nada que oferece perigo. A música, *Erotica*, da Madonna, o convida a viver os seus prazeres sem

regras ou pudores. E ele, por mais que diga aos quatro ventos que nenhuma mulher o dominará, sabe que ali encontrará o que sempre desejou. O que nunca teve coragem em pedir em voz alta.

— Tire a sua roupa e entre — uma voz feminina o incita, vindo de uma porta a frente. Apenas uma luz bruxuleante mostra para onde deve seguir. Ele hesita por um momento, tremendo de vontade, como uma criança prestes a ter nas mãos o doce que tanto almejou.

Mas obedece.



Desde que ouvira falar em Pandora Miller, Nilson sabia que tinha de conhecê-la. Cercado por um mundo em que as mulheres adoravam lhe servir e se submeterem, a deitarem os corpos para que ele se deleitasse sobre elas, pensar que existia a possibilidade de ver-se diante de uma mulher que poderia menosprezá-lo e mostrar-se superior a ele, mexia com seu ego. Mais ainda, a capacidade de existir uma fêmea capaz de fazê-lo obedecer, o excitava, o tirava do tédio que o poder lhe exercia.

Via a submissão como uma droga que sempre quisera experimentar, mas a recusava, resistia, criava coragem para experimentá-la em pequenas doses, com moderação. Vivera desde tenra idade para ser rotulado como o macho, o dominador, o que destruiria os corações e as vaginas da vizinhança. E sempre exercera com louvor o papel que lhe fora empenhado. Mas uma parte dele, aquele recôndito ínfimo e secreto do seu ser, sempre pensara em um dia livrar-se do peso das rédeas, do ato de tomar decisões, determinar escolhas e ter de lidar com consequências. Essa ideia, iniciada em uma centelha, tomou proporções gigantescas e o fez acordar várias e várias noites excitado, o pênis pulsando, a explodir em gozo em um jorro de consciência e tentações não saciadas. Foi diante de tamanha fome, tamanha necessidade, que se determinou a ter uma sessão com ela, a qualquer custo.

Sua aparente recusa e frieza depois do primeiro contato quase o levaram ao desespero. Tomado pelo seu ego ele gritou, ameaçou céus e terra, pediu para cortar cabeças, mas só foi confrontado pelo silêncio. Foi assim que se submeteu à Pandora pela primeira vez, tomado por um furor que não conhecia. Mostrou-se hesitante nas palavras, sensato e humilde. Pediu perdão pelas grosserias e prometeu que seria uma boa *criatura*. Sentiu naquele gesto algo, uma culpa prazerosa, por deturpar tudo aquilo para qual fora criado. Mas não se arrependeu.

A resposta veio, seca e rápida, mas certa. As coordenadas que o levaram até ali, àquele quarto, diante daquela que seria sua senhora.

Nu, o cacete duro, já na antecipação do ato, ele a fitava. A máscara vermelha cobrindo o rosto, arrancando-lhe a identidade, criando uma aura de mistério e desejo. Os seios, redondos e empinados, os mamilos rosados tão perto, mas tão distantes. A roupa de couro a reluzir à meia luz e o chicote a bater, ritmado, em sua perna.

— Ajoelhe-se diante de mim, criatura — ela pronunciou, a última palavra com um desprezo imensurável.

— Peraí, não vamos conversar nada antes? — ele tentou falar, mas o chicote foi mais rápido. Batendo em cheio nas coxas, fazendo Nilson se encolher de dor e surpresa, enchendo-o de indignação, revolta — e porque não — vontade de que ela fizesse de novo.

— Ajoelhe-se diante de sua senhora — ela replicou mais uma vez, cheia de ameaças veladas.

Com a dor ainda a dominar-lhe, ele cedeu. Pandora então se mostrou gentil: levou as mãos dele gentilmente para trás e as prendeu. Nil só percebeu quando o barulho das algemas sendo trancadas foram ouvidas. Ele tentou protestar, mas o chicote ressoou mais uma vez. Só que agora em suas costas. Ela o rodeou, o salto a clicar em volta de seu corpo e lhe exigiu respostas.

— Qual a sua palavra de segurança?

— *Maldita* — ele disse, em um muxoxo, os olhos irradiando ódio sobre Pandora. Que se manteve impassível. Só deixou que um sorriso brotasse de seus lábios escuros, enquanto a cabeça levemente assentia, compreendendo a mensagem ali implícita.

— Agora chegou a hora de obedecer a sua dona, criatura — Pandora disse, colocando uma coleira em seu pescoço. Pediu que ele se sentasse, como um cão à espera de um osso e manteve-o por perto, uma corrente a tintilar ligando o punho à coleira, mostrando quem era a verdadeira dona. Fechou os olhos quando Pandora o tocou com suas mãos macias e quentes, avaliadoras. Desceu pelo seu rosto, roçou pelos lábios, caminhou pelo ombro e clavícula. E quando ele quase se perdeu em tão delicado toque, ela apertou um dos seus mamilos e o torceu, sorrindo, enquanto ele tentava se encolher.

— Não recue. Renda-se, criatura — Pandora disse, baixinho. Desceu a mão pelo umbigo, os dedos acompanhando os pelos espessos abaixo do umbigo. Quando por fim, ela pegou no pau dele entre os dedos e o apertou, Nilson arfou, pedindo baixinho que ela não parasse. Mas ela, provocativa, masturbou-o furiosamente durante poucos segundos, e depois deixou-o a ver navios — Para se tornar um escravo útil, você precisa ser arduamente treinado. Consegue me compreender?

Nilson assentiu com a cabeça mais uma vez.

— Boa criatura — ela disse, e continuou a correr os dedos pelo corpo de Nilson. Virou-o de costas e desceu-lhe as unhas, alcançando por fim, sem pudor nenhum, o glúteo redondo, que bateu com energia, as mãos abertas sobre a carne tenra, ameaçando diretamente a sua masculinidade.



Pandora sentiu-o se retrair, as popas redondas e macias encolhendo-se repentinamente em um susto, talvez em uma forma machista de defender a sua falsa virilidade. Faminta por uma punição lenta e deliciosa naquele corpo másculo, esperava que Nil reclamasse ou fizesse um ato de rebeldia sequer, mas, para sua surpresa, ele abaixou a cabeça em submissão. Já estava molhada só de pensar em como aquilo havia sido difícil para ele... A passividade, a obediência

Acheron - Nacionais

que lutava em manter. Imaginava o quanto ele a xingava em pensamento e ansiava que Nil lhe desse qualquer motivo para castigá-lo, transformar o suplício dele em seu gozo. Tinha vontade de montar em suas costas, com a pele nua, grudar em seus cabelos e fazê-lo andar como se fosse um cavalo, o chicote a lhe estalar nas ancas, marcando a pele e despertando os gemidos daquele homem que odiava.

E que, mesmo assim, a excitava.

Mas faria ele satisfazê-la de outras formas.

Para isso, não hesitou. Puxou com firmeza a corrente, fazendo-o se abaixar. Sentou à frente de Nilson e levantou os pés, o salto de um dos sapatos, fino como uma agulha, quase roçando em seu rosto.

— Chupe, lamba... — disse ela, o fitando sem pestanejar.

Pandora teve de se segurar quando ele a fitou. Primeiro, com espanto. Depois, com incredulidade. Vendo que ela não iria recusar, ele aproximou seus lábios lentamente do fino salto. Beijou a ponta fina, com certa cara de nojo e depois introduziu aos poucos na boca. Ela, para lhe dar o impacto visual suficiente, abriu as pernas e começou a passar o cabo do chicote entre as coxas, friccionando levemente sua vagina que inchava, pulsante, o clitóris entumescido ansiando por ser mordido, lambido e tocado.

— Toda boa criatura deve lambe o chão que sua dona pisa — ela murmura, um meio sorriso ensaiado no rosto enquanto Nilson encara o movimento ritmado de seu chicote. Empolgando-se, talvez imaginando que acaricia com a boca a sua fenda desejada, ele lambe a sola do sapato, chupa o salto com afinco e geme, o pau querendo explodir, babando de antecipação pelo que irá acontecer.

Ela, por fim, recolhe o pé. Nilson nada diz, fitando-a, à espera.

— Tire as minhas botas, criatura — ela ordena, libertando-o.

Ele prontamente obedece e quando Pandora lhe oferece os pés, ele mostra a que veio. Passa os pequenos dedos no rosto, os chupa, beija a planta dos pés e os esfrega no rosto. Dedicado a proporcionar prazer àquela que se diz sua dona, deita e pede que ela pise nele, ande em seu corpo, esfregue aqueles pequenos pedaços de pele desnuda em seu corpo, com a mesma disposição de um exímio podólatra. Pandora não hesita em pisar no seu escravo, pressionando entre os pés o corpo definido, o músculo do peito e das coxas, a carne quente do pênis que parece prestes a explodir. De olhos fechados, ela se dispõe a recompensa-lo.

Para isso, tira a parte de baixo de sua roupa. Caminha sobre o homem, deitado no chão, e abre as pernas diante de sua face, deixando que ele por fim veja a sua boceta depilada, os lábios grossos e rosados, o grelo úmido e convidativo.

Eis que ela, sem hesitar, se agacha. E deixa que sua intimidade mergulhe na face dele.

— Chupe sua dona. Faça-a gozar.

Com um gemido, Nilson obedece. Esfrega o rosto enquanto Pandora rebola, melando a

Acheron - Nacionais

face do seu escravo. Sente a língua se meter dentro dela. Primeiro hesitante, depois com mais afinco. Ele tenta agarrá-la, mas ela o chicoteia na direção do pênis, fazendo-o gemer mais alto. O prazer deve ser proporcionado apenas para ela.

Pandora provoca. Arrebita a bunda e deixa que o rabo rosado passe pela cara de Nil. Ele quer tudo, invadi-la, toma-la, render-se. Quer gozar com ela e fazê-la gozar, mas o controle não lhe pertence daquela vez. A fera estava rendida diante daquela fêmea exemplar.

Ela não se contém, maliciosa. Se curva e coloca a glândula dele na sua boca. A suga como se fosse uma bala e a prende entre os dentes. Aperta os testículos dele, generosos, na palma da mão, e tem vontade de gargalhar quando ele geme cada vez mais alto. Passa os dentes por todo o comprimento da vara e deixa que ele arpie. Percorre com as unhas as suas coxas, deixando que ele relaxe.

Faz com que ele baixe a guarda para fazer o que deseja. Sua deliciosa vingança ao seu machismo exacerbado, aquilo que sempre imaginou.

A hora de ser Indomável.



Como alguém como ele podia perder o controle daquela forma? A visão daquela boceta gostosa na sua cara o deixava louco. Queria fodê-la, arreganha-la, meter nela sem dó... Só de imaginar o som do seu saco batendo na beirada daquela coisa deliciosa enquanto trepava já o enlouquecia. Mas aquela Pandora só judiava dele. E como ela sabia fazê-lo com maestria, já que Nilson não conseguia mais discernir a diferença entre prazer e dor. Suas unhas e dentes se intercalavam com os lábios generosos e a língua macia. O chicote se esfregava nele, dando em seguida lugar ao seio dela, os mamilos como dois botões de rosa a desabrocharem sensações novas. Ele se permitia, perdido em sensações, consentindo a tudo que ela pedisse. Relaxado, abria as pernas e deixava que as unhas percorressem sua virilha.

— Você quer mais, criatura? Está pronto para ser a minha putinha?

Como assim, o que ela pretendia fazer? — Nilson se perguntou. Mas antes que eu perguntasse ou fosse punido mais uma vez, Pandora enfiou o pau dele inteiro na boca, com gula. Brincava com a glândula e o abocanhava mais uma vez, em um vai e vem que o enlouquecia. Ele não se segurou mais, começou a arfar, gemer e pedir por mais. Implorou que ela o transformasse no que quisesse. Em sua puta, na merda que quisesse, desde que ele pudesse servi-la como estava fazendo agora. Ele se enganara achando que ela não conseguiria domá-lo. Ali, exposto, rebaixado diante daquela mulher, ele descobrira que sempre desejara ser um capacho, servil e submisso. E que agora não conseguiria mais escapar... Ali, deixaria o seu orgulho de macho, com prazer e dor. E agradecia, silenciosamente, que ninguém do seu trabalho, de sua vida fora dali, saberia daquele seu lado fraco... Ainda poderia mostrar sua pose dominante aos quatro cantos, como se aquela nova descoberta, aquele gosto peculiar, pudesse permanecer como um doce segredo.

Mal imaginava como se enganara...

— Sim! Faça tudo que minha senhora quiser! — disse, num gemido rouco, abrindo-se para as possibilidades que aquela misteriosa mulher lhe daria.

— Era apenas isso que precisava escutar... Criatura.

Assim, triunfante e cheia de expectativas, ela começou a descer a boca pelo seu pau mais uma vez, vagarosamente. Seus lábios se encaixando na cabeça, com perfeição, devorando, centímetro a centímetro. Junto a isso, Nilson constatou, com uma crescente sensação de apavoramento, que um dos dedos dela rodeava o seu rabo, massageando o seu cu, que piscava contra a sua vontade. O que aquela maldita estava fazendo que tirava completamente o seu controle?

Nilson até tentou travar o seu anel, ficar livre do aperto daquela que se chamava sua mestra, mas era impossível. A cada vez que ele tentava se livrar, ela travava o seu pau dentro da boca e o sugava, deixando suas pernas bambas. Assim, ele não conseguiu resistir quando o dedo dela entrou na sua bunda, todo convidativo, acompanhando o ritmo da chupeta que ela lhe fazia. A melhor que ele já provara, na verdade.

Restava a ele aproveitar o momento e castigar na boceta dela tamanha ousadia. Por isso, a lambia inteira, prendia o seu clitóris entre os dentes e a mamava, sentindo-a úmida e inchada, querendo arrancar dela um gemido que fosse, um vestígio de humanidade. Mas ela se conseguia se manter fria nos gestos, concentrada em suga-lo e fodê-lo, dando-lhe um prazer tão novo e imenso que já mandava sua tão valorizada masculinidade às favas. Deixava, por fim, que o célebre tomar no cu tivesse um novo significado, ali nas paredes daquele quarto. Revirava os olhos ao ritmo das bocas e do dedo de Pandora, que o proporcionavam um novo e libertador prazer. Queria mais, ansiava por tudo que ela poderia proporcionar, mas ainda se limitava, pela primeira vez um verdadeiro submisso, à espera do prazer que lhe fosse oferecido.

Até que Pandora o abandonou, deixou seu corpo a querer mais, a sentir sua falta, o pau e o rabo desejando-a como nunca quiseram outra mulher antes. A boceta, maravilhoso objeto de desejo, se afastou quando ela se ergueu, deixando-o desamparado, outra vez menino, despido de todas os machismos e ideias que o sustentaram diante de todos.

O que seria dele, Nilson, agora?



É nesta hora que os mais fracos de coração e misóginos de plantão devem deixar de lado este conto, pois ele já não lhes diz respeito. Nil, em um rompante, não irá tomar conta da cena, ou Pandora irá se apaixonar pela beleza desenvolta e selvagem daquele que, em outra vida, a chamada de forma depreciativa de normal, ele é chamado diariamente de seu chefe.

Fujam para longe e protejam suas viris nádegas, pois Nil se renderá aos desejos daquela que lhe despertara a vontade pela total entrega.



-Vá para a cama — Pandora ordena e Nil a obedece. Levanta-se vagarosamente, com as pernas trêmulas, ainda perdido entre o desejo de que ela faça mais e a ansiedade do que está por

Acheron - Nacionais

vir. Deita seu corpo grande na cama, os pelos úmidos, a pele reluzente de suor e a boca, que se retorce, ressecada de vontade em meio à barba espessa. O pau lateja, pulsa, mastro em riste pronto para viajar por mares nunca dantes navegados pelo seu dono. Pandora apenas o fita, o rosto impassível sob a máscara e com o chicote, bate em suas coxas, ordenando de forma silenciosa que ele abra as pernas, deixando-se à mostra. Sem hesitar, Nil o faz, para plena satisfação de Pandora — ou será de Ivânia?

A dominadora não para... Anseia por mais. Passa as cordas entrelaçadas pelas canelas grossas, pelas coxas musculosas e passeia lentamente pelo saco generoso, depilado. Sob o chicote pelo pênis grosso e reto e, de surpresa, bate com ele na virilha da sua criatura. Ele segura um grito, assustado, mas os olhos permanecem brilhantes, vivos, esfomeados. O cacete corresponde, mostrando uma deliciosa baba transparente sair pela glândula.

Pandora não tinha mais dúvidas. Já podia fazer o que quisesse.

— Você está disposto a me dar prazer, Criatura?

Ele assentiu, a respiração acelerada.

— A me comer o quanto eu quiser e só gozar quando eu assim ordenar?

O sorriso começou a surgir na face de Nil. Uma certeza fútil, mesmo pequena, de que ainda conseguiria, no último instante talvez, domá-la.

Pobre tolo. Nem imaginava o que o esperava...

— Você vai dar para mim tudo o que eu quiser, Criatura?

Nil fitou os olhos nos dela, hesitante por um momento. Mas ela não iria esperar, tinha de agir no calor do momento.

— Enquanto você me come, eu vou te comer, Criatura... Bem devagar, o quanto eu quiser. Está pronto para isso? Ou prefere sair daqui com o rabo salvo, mas entre as pernas, como alguém que não foi homem o suficiente nem para satisfazer os seus próprios desejos?

Naquele instante, algo entrou em combate dentro do tão famigerado machista. Medos e dúvidas lutavam contra o desejo, como se o seu mundo tão bem construído e estruturado fosse posto à prova, ameaçasse ruir... Mas o preço a ser pago era bom demais, uma experiência única que, caso recusasse, o colocaria sempre em dúvida e vontades.

E afinal, era uma mulher que estava ali, não era mesmo? Aquilo não o tornaria um viado... Mas e se ele pegasse gosto pela coisa?

Pandora se aproximou e ele pode ver, novamente, a sua deliciosa boceta. A pele clara, os lábios rosados e a fenda pequena, apertada, suculenta... Valia a pena pagar o preço que a sua senhora exigira, com certeza.

— Me fode gostoso, minha senhora... — ele disse, em um fio de voz, sem acreditar que fizera aquilo.

Sem que dissesse uma palavra, a senhora daquele lugar lhe deu as costas. Saiu do quarto

Acheron - Nacionais

por um momento, deixando-o sem saber o que pensar. Mas voltou antes que sua cabeça se enchesse de dúvidas, com algo entre as mãos. Uma oferta generosa que Nil não sabia se corria ou se deixava levar... Afinal, se os dedos dela junto com os lábios lhe deram tamanho prazer, o que dizer da sua boceta rosada junto com aquele cacete de borracha? Deveria ser mais ou menos do tamanho de seu próprio pau, mas, mais grosso, a cabeça como um cogumelo a brilhar nas mãos dela. Sem que Nil protestasse, ela passou o consolo dos peitos, desceu pelo corpo e colocou na porta da sua fenda, esfregando entre os grandes lábios.

Caralho, aquela porra de cena estava deixando ele doido.

Sabendo que conseguia o efeito desejado, Pandora colocou uma camisinha, vagarosamente, no acessório... E apertou algo em sua base, que o fez começar a vibrar.

O sorriso dela aumentou no rosto, algo de predador que por um momento ele pensou reconhecer. Uma devassa Monalisa estava ali, diante dele.

— Te apresento um dos meus brinquedinhos preferidos... Seu nome é Indomável — e, diante do silêncio petrificado do rapaz, ela continuou: - Está pronto para se tornar o meu escravo, Criatura?

Bom, me diga você, que está aqui lendo esta história, acha que Nil conseguiria recusar?



Nil começou a gemer assim que Pandora pegou no seu cacete. Duro, sensível, dolorido, ele tinha de esperar as vontades daquela que se dizia sua dona para perder-se. Fechou os olhos e contou até dez, tentando se controlar, mas tudo foi por água abaixo assim que ela colocou a camisinha no seu pau... Com a boca.

Ele arfou, incontrolável, quando ela o envolveu, os dedos dela mais uma vez acompanhando o movimento, penetrando-o, fazendo que o seu cu, esse maldito traidor, se abrisse com vontade, como se os dedos dela sempre fossem lhe visitar.

— Você só vai gozar quando eu mandar, Criatura. Não se esqueça disso. Caso não faça o que eu mando, eu lhe punirei... E garanto que não será nada agradável.

— Sim senhora — Nil disse, tentando cada vez mais entrar no clima. O que estava ocorrendo mais rápido do que imaginara.

Assim, ela subiu na cama. De costas para ele, se agachou e brincou, esfregando seus lábios vaginais lentamente na cabeça do seu pau. Ia e voltava, as nádegas brancas e redondas a se aproximarem dele e fugirem de forma maldosa. Ele mordia os lábios, praguejava em pensamento, tentava manter os olhos longe daquela cena para não enlouquecer, mas Pandora o havia hipnotizado. Ali descobrira o real significado da tortura.

Quando começou a choramingar baixinho, ela o cavalgou. Sem aviso, freios ou delicadeza. Sua vagina abocanhou todo o seu pau para dentro de si e o abraçou, fazendo-o gritar um “Putá que Pariu” que fez Pandora rir, o som cristalino de sua voz a ecoar pelo quarto.

— Deseja que eu pare, Criatura? — ela sussurrou, o rosto meio de lado, escondido pela máscara.

— Não, minha senhora.... Por favor... — ela o provocava, rebolando em seu pau com vontade, fazendo-o gemer mais alto, revirar os olhos, relaxar completamente dentro daquela mulher gostosa. Quando ele estava prestes a gozar, ela parava, e repetia, provocativa:

— Só goze quando eu mandar.

Ela fez isso várias vezes, o deixando alucinado. Erguia o rabo até seu pau quase sair de dentro dela e depois arremetia, pousava em seu corpo, o saco batendo em sua vagina em um som delicioso. Nil, sem se mover ou ousar toca-la, para que aquilo não acabasse, amassava o lençol entre os dedos e ia das lágrimas ao riso, sem mais controle sobre os seus próprios desejos.

Foi nessa hora, aproveitando de sua fraqueza, quando toda a sua macheza e bravata entravam em curto, que ela colocou o Indomável na porta de seu rabo. Acompanhando os movimentos da succulenta boceta em seu pau, ela ia e voltava com aquele consolo macio, que vibrava na entrada do seu cu, dando a ele, o grande macho, um prazer que nunca imaginou.

— De quem é esse rabo, escravo? — Pandora se divertia, em sua posição de amazona. Nil não conseguia dizer, imerso em tamanhas sensações, deixando de lutar contra o seu cu, aquele pequeno filho da puta, que cedia ao tesão, deixando que a cabeça de Indomável entrasse inteirinha dentro dele. *Meu cu é um filho da puta*, xingava-se em pensamento, como se não fosse ele o dono do seu corpo.

— É seu, minha senhora — ele disse por fim, e emitiu um rosnado de gato saciado quando ela começou a abrir a sua carne com a maciez de Indomável.

Uma dor o tomou, algo que não seria capaz de descrever. Mas logo em seguida, poucos momentos depois, um tesão louco o incendiou, pau e cu sendo usados pela mesma mulher. Pandora ia e voltava em um momento ritmado, sua boceta sendo dele e o rabo dele pertencendo a ela. Era como se ambos sentissem a mesma coisa: a maciez do membro a toma-los por dentro, vibrando dentro dele, massageando-o, provocando nele pequenos orgasmos antes que ejaculasse. Como um bom servo, Nilson perdeu seu nome, identidade, grau de machismo exacerbado e se tornou carne trêmula, pronto para dar e receber sexo, as pernas se arqueando a arremeter na vagina úmida e perfeita, enquanto seu cu se abria e recebia aquela delícia macia. Ia e voltava. Preenchendo e sendo preenchido.

No jogo do sexo, nem Pandora se aguentava. Gemia, extasiada, dona da situação, vendo todas as suas vontades sendo satisfeitas por aquele homem que não sabia se amava ou odiava. Esquecia-se de manter a frieza de dona, satisfazia-se com aquele cacete inchado a preenchendo por dentro, enquanto comia o seu dono, triplicando o seu tesão. Dava e recebia pica como poucas mulheres ousavam fazer, sem pudor ou vergonha de exercer as suas vontades.

O ritmo intensificava, tornava-se incomparável. Ela se agitava e parava, controlando a velocidade, torturando Nil, o impedindo de gozar. O rabo dele já recebia o consolo inteiro dentro de si, relaxado e esfomeado, pedindo por força. A boceta dela, inchada, pedia por uma trégua, ao mesmo tempo que ansiava por mais. Para Pandora, aquilo poderia continuar a tarde toda, mas para Ivânia, a mulher ali escondida, aquela que queria dominar o chefe, haviam ocorrido tantos orgasmos que perdera a conta. Era chegada a hora de ser misericordiosa.

E deixar o macho gozar.

Foi assim que ela saiu de cima dele e, antes eu reclamasse, deitou-se entre as suas coxas.

Arrancou a camisinha com velocidade e abocanhou o cacete, com sede de porra. Lambeu todo o membro, desceu pelo saco e passou a língua naquela pele sensível, aquela “terra de ninguém” tão excitante e proibida aos homens. A mão direita não parou. Recomeçou a foder o homem, com precisão, entrando e saindo do rabo rosado. Ele a fitou, louco, alucinado, prestes a se tornar um homem mais primitivo e perder a racionalidade no meio do corpo daquela mulher.

— Quero beber você, meu escravo. Goza para mim!

E ao sentir as estocadas de Indomável dentro de si, Nil gozou, banhando de sêmen a boca e o seio de sua senhora, gritando como uma criança que nasce para um mundo que nunca imaginou.

Exausto, Nil dormiu. Quando acordou, viu somente sua roupa estendida no sofá e a porta aberta, o convidando a sair. Da mulher que o domara daquela forma, nem o mais sucinto perfume.



Poderia dizer a vocês que depois dessa ocasião, Ivânia se sentiu vingada, saciada, permitido que o seu sorriso, aquele cheio de secretas intenções, ficasse em seu rosto por muito tempo. Mas se dissesse isso, estaria mentindo. Ela passou a ficar cada vez mais quieta no escritório, calada, a passividade dela alcançando estágios alarmantes. Para todos, parecia que a secretária perfeita por fim cedia ao cansaço, cheia dos desmandos de seu chefe, que a cada dia se tornava mais insuportável... Mas a grande verdade era que ambos sentiam faltam daquele encontro que tinha tudo para ser único.

Ivânia se pegava pensando em cada gemido, cada instante, no corpo delicioso de Nilson cedendo aos seus desmandos. Perdia-se ao imaginar quantas vezes gozara naquela pica generosa que se deleitava em satisfazê-la. Mais ainda, como suas costas largas aguentavam suas pancadas sem pestanejar... Mas, o que mais a fazia contorcer as coxas de desejo era se lembrar dele com Indomável... A entrega total daquele homem gigante, músculos e pelos suados, a boca a tremer em meio à barba, convulsa. Vê-lo ali, irritado ao extremo, andando de um lado para o outro como um animal ferido, doía em seu corpo. Queria amansá-lo, puni-lo, deixa-lo aos seus pés para fazer somente o que ela pedisse.

Ela sabia a causa da inquietação de seu patrão. Nil queria mais de Pandora Miller.

No dia seguinte, ele já lhe mandara vários e-mails, pedindo para que ela o submetesse das mais variadas formas. Pedia por migalhas, minutos, em que pudesse servi-la. Prometia rios de dinheiro, a xingava, implorava por uma sessão que fosse. E o que ela fazia?

Se silenciava...

Mas porque, deve se indagar, toda essa recusa, se ela sempre desejara aquilo? Pelo simples fato do que ainda não foi dito. De que assim que Pandora Miller viu o seu escravo deitado na cama, em sono profundo após uma sessão tão venturosa, ela se encantou pela fera. Despiu-se das máscaras, das barreiras e viu que sempre estivera apaixonada por aquela criatura

tão ridícula... E que assim como ele, queria compartilhar dos seus lençóis de cetim todos os dias.

Mas como fazer isso se o calhorda amava a fantasia e não a realidade?



Para saber como essa questão foi finalmente resolvida, vamos deixar o tempo rolar um pouco, seguir seu rumo. Afinal, essa é uma história erótica e não um drama. Deixemos que aqui os gemidos sejam apenas de tesão e as palavras somente de sacanagem, certo?

Pois bem, a história se resolveu em um dia que Nilson chegou especialmente irritado, como se mil demônios pulassem em suas costas. Não cumprimentou os funcionários, destratou a copeira, jogou os papéis para o alto da mesa e, pela primeira vez, gritou com ela, Ivânia, chamando-a de capacho imbecil e inútil. Quando essas palavras foram ditas, o departamento inteiro pareceu parar, em choque, com tamanha atitude grosseira. Porque não importa o que acontecesse, Nilson sempre tivera um grande respeito por Ivânia. Nunca, entre todos os colaboradores ali, imaginou-se que o poderoso chefe amputasse dessa forma a sua mão direita, a que sempre lhe alimentara.

Por isso, ao ver o mal que havia feito, Nilson parou, estupefato com seus próprios atos. Pediu desculpas baixinho e se trancou na sala. Ivânia ergueu o corpo por um momento, pensou em invadir a sala e desfiar tudo o que lhe passava na cabeça, mas, ao encostar a orelha na porta, seu peito se contorceu ao escutar uma coisa: Nilson, o chefe, o machão, chorava. Aquele tipo de choro contido, mordendo a mão, que você não quer que ninguém escute. Ela, a dominadora, ficou sem ar por um momento, cheia de culpas e sentimentos mal resolvidos. Isso porque, na noite anterior, em sua casa, nua em pelo como sempre fazia, ela respondeu o e-mail de Nilson, dizendo que não marcaria mais sessões, que aquele imprestável nunca serviria para ser seu escravo, que dinheiro nenhum pagaria um minuto que fosse com ele.

Era mentira, claro. Mas como conseguiria, depois de tudo aquilo, manter as duas vidas ao lado de Nilson separadas? E, ao mesmo tempo, como sofrer tanto a saudade de dar para ele e comê-lo com tanta fome?

Ivânia ficou o expediente inteiro se remoendo, e quando Nilson por fim saiu da sala e se dirigiu a sala de café, soube o que fazer. Tentaria um último e ousado ato, e se desse algo errado, ela estaria literalmente destituída de tudo. Mas nunca fora uma mulher de fugir de batalha, de perder o controle.

Assim, levantou-se e foi determinada atrás de seu chefe, na sala de café. Os olhos de todos os funcionários a acompanharam, tensos pela expectativa das próximas cenas. Mas ela fechou a porta ao passar, pois não estava disposta a ser observada por incautos.

Nilson estava parado, o pensamento distante, o copo descartável de café na mão quando ela entrou como um furacão. Com um tapa jogou a bebida no chão e antes que ele reagisse, encostou-o na parede, a massa de músculos a mercê da suntuosidade feminina.

Quando os olhos dele a fitaram, tentando entender o ocorrido, ela sorriu. Aquele mesmo esticar de lábios, predatórios, dignos da Gioconda, que habitava os sonhos dele durante dias. E Nilson, quando a reconheceu sem as vestimentas e máscaras, ficou estático, sem fala, como uma criança perdida, abandonada no shopping.

— Escute aqui, Criatura. Você vai parar agora mesmo com esses pitis e falta de educação. Não só comigo, mas com todos. Vai ser o chefe mais educado e legal que se viu por aqui, e vai ser elogiado por todos os departamentos. Entendeu? — ele quis continuar, mas ela não deixou — Ouça e respeite a sua ama.

Ao ouvir isso, Nilson sorriu, estarrecido. Pois é, quem imaginaria que aquele homem tão bruto iria se descobrir escravo de uma única mulher?

— A partir de agora, não irei mais devolver suas calcinhas rasgadas. Você irá obedecer a mim, somente a mim, e virá como um bom escravo toda vez que eu o chamar. Isso aqui — disse, enchendo a sua mão com o pau dele que já estava duro — e isso aqui — deslizou suavemente a mão pela bunda dele — são meus. E você vai me comer, me chupar, e me dar quando e onde eu quiser. Estamos entendidos?

Nilson nada dizia, maravilhado com o rumo dos acontecimentos. Somente assentia.

— E agora vá trabalhar, como um bom escravo, criatura! — ela mandou, sem levantar o tom. Ele aprumou o peito para sair, e antes que abrisse a porta, Ivânia lhe deu um sonoro tapa na bunda.

Ele se virou por um instante e a viu de braços cruzados, com aquele sorriso que, agora sim, ficaria em seu rosto por muitos dias.

Nilson nada disse, ainda sem saber o que pensar. Mas ao lembrar que tinha tudo o que queria ali, ao seu alcance, sem julgamentos, ensaiou um sorriso. E no final do expediente, quando todos os funcionários se prepararam para ir embora, ensaiou um “boa-noite” hesitante, tentando assim iniciar a sociabilidade por ela pedida.

Se ele foi recompensado por isso? Naquela mesma noite, na sua escrivaninha, as mãos presas pela sua gravata de cetim vermelho... Com sonoros tapas de seu cinto de couro.

Mas acho que já tivemos emoções suficientes. Porque isso já é outra história...





“Ele a atacou, como uma fera insaciável ao se deparar com a presa frágil, indefesa, trêmula... Encostou-a na parede e começou a devorar a sua boca, deixando-a sem ação. As mãos dela, que antes queriam apenas feri-lo, grudaram-se em suas costas musculosas com força, as unhas marcando sua pele, descendo em direção aos quadris, alcançando as carnes generosas de suas nádegas. Ela nem sentiu quando ele arrancou a sua roupa, mas alcançou um êxtase glorioso quando o seu mastro pulsante a invadiu, ocupando espaço, fazendo dali o seu ninho. Gemendo, ela instintivamente cruzou as pernas na cintura dele e acompanhou o contrair forte e compassado dos quadris dele se arremetendo sobre ela...”

— Dona Andreia.... Delegada! — o bater incessante na porta a tira da concentração em um pulo. Como se estivesse em pleno delito, a mulher esconde rapidamente na gaveta o exemplar do romance de banca que lia tão ardorosamente. Aquele era um dos seus vícios de juventude que não conseguia largar.

— Fala, Matheus! — foi só então que percebeu o intenso burburinho que ocorria fora da sua sala — Que está acontecendo para bater na minha porta como se fosse cair o mundo, caralho?! — responde, irritada, abanando-se para afastar o calor que a leitura lhe proporcionara sob a trilha sonora do barulhento ventilador de teto velho e descascado.

— Precisamos da senhora para fazer uma acareação... Temos um caso de agressão aqui, mas uma das envolvidas diz que só vai falar se uma mulher a escutar... E como a senhora é a única no plantão dessa noite.

Andreia bufou, exasperada, xingando até as almas do purgatório por tamanho estresse. Quando ingressou na carreira policial anos atrás, cheia de sonhos de justiça, disposta a fazer a diferença, nunca imaginou que entraria em um sistema tão deficiente e cheio de misoginia. Esquecida na delegacia daquela pequena comunidade, tentava todos os dias manter-se imponente, ser melhor que os outros, mostrar a sua força dez vezes mais, deixando de lado seus desejos, amores e prazeres. Somente a sua profissão importava. Não tinha feriados, salão de beleza, sequer algumas horas esticada na praia que era há apenas alguns quarteirões dali. Para ter sucesso em sua carreira e mostrar que poderia um dia alcançar novos ares, subir alguns degraus

na escala do poder, essas banalidades não poderiam fazer parte de sua vida.

Levantou-se, parou em frente ao espelho e ajeitou os cabelos castanhos até que não ficasse um fio fora do lugar. Pegou um pedaço de papel toalha e limpou a fina camada de suor no rosto, que deixava sua pele negra reluzente. Verificou o batom — vermelho, é claro, seu único e sutil protesto diante das convenções que a engoliam — e abriu a porta, deixando de lado as pequenas fraquezas e distrações que só andava encontrando ultimamente nos populares romances eróticos de banca.

Foi até o balcão de entrada e deparou-se, boquiaberta, com uma cena inusitada. Aquela noite prometia, já que duas das mulheres mais conhecidas daquela região estavam diante dela, de uma forma que nunca imaginou.

De um lado, Graci, a quituteira mais famosa daquelas bandas. Com mãos de fada, a moça produzia os bolos e doces mais suculentos dali. Todos a procuravam para fazer as suas encomendas, desde o mais singelo batizado até os casamentos suntuosos. Passava horas de seu dia em meio a sua cozinha equipada de maneira simples, batendo massas e enrolando doces. Vê-la trabalhando era também um espetáculo a todos os homens desocupados e jovens do bairro, que se sentavam em frente a sua janela, para ver a moça cheia de curvas a trabalhar, com apenas um vestidinho leve sobre o corpo, os cabelos presos em desalinho, os seios sem sutiã a roçarem sobre o tecido. Quantas vezes, ao passar pela rua onde Graci morava, Andreia buzinhava espantando a pequena plateia da confeitaria que ali se inspirava para suas brincadeiras noturnas e solitárias.

Mas ali, sentada diante dela, Graci não lembrava em nada a gentil moça. Com raiva no olhar, fitava a mulher que se encontrava na cadeira ao lado, as mãos abertas em garra querendo se alimentar de sangue. Respirava com força, arfante, sem se importar com o vestido magoado, uma das alças rasgadas a mostrar o mamilo que distraía a atenção da maioria dos policiais que as rodeavam. Dois oficiais a seguravam pelos ombros, enquanto ela gritava para que todos ouvissem.

— Vou arrancar essa sua cara de satisfação, desgraçada. Nem se for na porrada!

Do outro lado, encolhida, com lágrimas e sangue a lhe escorrerem pelo rosto, estava Belinha, uma das ajudantes na capela da comunidade. O que aquela pobre alma era desprovida de beleza, transbordava de bondade. Sempre recolhida pelos cantos, invisível, conseguia tirar notas mágicas do piano imprestável, quase uma sucata, doado há décadas por uma ricaça que passara por ali e se apiedara do povo. Tinha sempre uma palavra amiga e gentil para as pessoas, em um fiapo de voz, cobertos de timidez. Essa pobre sim, estava em frangalhos, vítima de uma ira até então desconhecida vinda da parte de Graci. Belinha olhava a outra apavorada, a face já judiada pela própria natureza toda arranhada.

Andreia esperava, de verdade, que os ferimentos da coitada não fossem graves. Já não bastava a pobre ser magra como um palito, estrábica e dona de um nariz imenso, com uma verruga na ponta? Imagine se o seu rosto fosse coberto por cicatrizes, como se fosse um mapa do ódio descabido de Graci?

Bom, mas para que não fiquemos todos imersos em curiosidade, vamos acompanhar o decorrer da cena e ver o que realmente ocorrera. O que será que levava a sensual bela a espancar a bondosa feia?



— Que porra é essa, minha gente? — já chegou gritando, impondo sua presença entre os homens do local. — Tá tendo feira por aqui? Posso saber porque os senhores não estão fazendo as suas obrigações? Quero todo mundo trabalhando — continua a dizer, batendo palmas, liberando o espaço — e só deixar aqui os responsáveis pelo caso.

— Foi ela quem pediu para falar com a senhora, delegada — Matheus, um dos policiais recém-transferidos para aquela unidade, comunicara, indicando Graci com a cabeça. Era um galego bonito, jovem, de olhos claros, cheio de disposição para ajudar Andreia. Comenta-se à boca miúda que ele sente bem mais que admiração pela delegada, já que dispensa com delicadeza todas as moças da região e, se pudesse, dormiria na delegacia, desde que a delegada lá estivesse. Mas vocês acham que ela se prendia às ideias ditas aos sussurros? Ignorava completamente. A única coisa que importava era que Matheus obedecia cegamente às suas ordens, a respeitando como profissional em meio a um sistema necessitado de mudanças.

— Obrigada, oficial Matheus! Peço que leve a dona Belinha para a enfermaria. Façam um exame preliminar e cuidem dos machucados da coitada. Enquanto isso, já que a dona Graci tanto insiste, vou escutar o que ela tem a dizer. Quer que eu chame algum advogado? — ela diz para a moça, que nega com a cabeça. Só quando Belinha sai da sua frente Graci começa a se acalmar e os olhos, antes cheios da mais intensa fúria, passam a encher-se de lágrimas.

Caminham em silêncio até a sala. A delegada, ativa e de passadas firmes, representando a lei em todo o seu empoderamento. A ré, cheia de culpas que ainda não se transformaram em palavras e confissões, a segue, algemas nos punhos, cercada por um oficial que de vez em quando olha de esgueio para o mamilo rosado que cisma em fugir da cobertura do vestido. Entram na sala quente, liga-se o ventilador, o oficial é dispensado por Andreia. Fecha-se a porta e ficam as duas, olhos a se fitarem em silêncio, em meio a arquivos, pastas e papéis — isso sem contar o livrinho jogado na gaveta, é claro. Analisam-se e cada uma, à seu modo, buscam na cumplicidade de seu sexo ver até que ponto as verdades serão ditas.

Enquanto isso, aqueles que correm as páginas por entre as linhas roem as unhas, loucos para descobrir o que reside ali, escondido, pronto a ser revelado. Porque alguém tão alegre e centrada como Graci espancara a desgraçada Belinha? O que a mulher, quase invisível por ali, fizera para libertar a insanidade da quituteira?

Foi essa pergunta, a tão intensa pergunta, que Andreia verbalizou para alívio de todos e felicidade geral da nação. Ao ouvir tão precisa pergunta, Graci não gritou ou clamou por inocência. Apenas fitou a mulher, entre lágrimas já profusas e disse, sem hesitar:

— Foi por causa do sorriso dela, doutora. Eu não aguentava mais ver o sorriso de

Acheron - Nacionais

satisfação dela... — confessa e, entre soluços, se debruça sobre a mesa.



Andreia olha estupefata a cena, sem conseguir compreender o ocorrido. E quem aqui, entre os que presenciam esta história, conseguem entendê-la? Graci, aquela que era considerada uma das mais belas mulheres da região, derrama-se sobre a escrivaninha em um pranto convulso, abandonando a expressão dura e fria de raiva que emolduravam a sua face. Em seus olhos marejados, que fitam a delegada após uma série de soluços, aparece, por fim, o vislumbre de algo que ela consegue entender: uma mulher ferida, passional, enlouquecida de ciúmes.

Mas o que poderia tirar Graci de seu eixo daquela forma, Andreia se interroga? O que poderia gerar tamanha inveja na vida sem graça de Belinha. A pele amarelada, o quadril magro e os seios pequenos, talvez o seu cabelo armado e sem brilho, sempre preso por incontáveis grampos? Qual era a novidade que surgira na vida daquela miserável que mexera tanto com Graci?

Foi aí que Andreia se lembrou... E a hipótese de que aquilo fosse real a deixou ainda mais chocada do que toda a violência que Graci direcionara a Belinha.



— Não me diga que... O Jurandir?! — Andreia olhava a moça, de boca aberta, sem acreditar até mesmo que aquilo havia sido pronunciado por ela. — Você bateu na pobre coitada por causa do homem mais feio daqui? Você deve estar muito louca, dona Graci! Não vou nem prendê-la, tenho é de internar a senhora!

A violenta quituteira, ainda tentando se controlar, aquiesceu, para completo horror da delegada. Jurandir podia ter os mais variados predicados, mas nenhum que o beneficiasse. Pelo menos na aparência externa. De um negro retinto, daqueles que as pessoas maldosas dizem que mal se nota no escuro, parecia um pedaço de varapau, braços e pernas finos a sacolejar conforme caminhava. Dentes sem possuir qualquer padrão, o nariz imenso e encaixar nos lábios grossos. E, para piorar, seus olhos... Ah, o modo que ele fitava as pessoas incomodava Andreia, já que ambos não seguiam a mesma direção, cada um buscando um ponto de vista diverso na paisagem

que o cercava.

Os oficiais, em suas conversas machistas, aquelas que falavam de tudo e de todos, diziam que Deus não tinha criado Jurandir, tinha judiado dele, zoadado com a cara do infeliz desde o nascimento. Andreia tentava apaziguar, fazer vista grossa, impor que eles respeitassem a todos os cidadãos, mas secretamente ela compartilhava das mesmas opiniões. A sorte era que, assim como o danado era horroroso por fora, possuía uma série de predicados que o tornavam belo há muitos da cidade. Sempre prestativo, gentil e de um bom humor notável, fazia amigos por onde passava. Como ele mesmo dizia:

— Eu já sou feio... Tenho de ser pelo menos legalzinho... — dizia com sua voz baixa, gerando altas gargalhadas.

Por isso, quando ele e Belinha começaram a ser vistos de mãos dadas pelas ruas do lugar, as pessoas não se surpreenderam, ou assustaram. Fitavam os dois, que tão bem se completavam, e se indagavam de como não tinham pensado em juntar aqueles dois antes. Quando passavam, com seus andares gingados e peculiares, as pegadas miúdas, era notável a felicidade que os dois possuíam de estar juntos.

Surpresa, para Andreia, é ver Graci como um possível terceiro elemento dessa história. Atenta, fitava a outra de forma séria, inquisidora, disposta a ouvir até a última palavra dessa inusitada trama, que estava se mostrando muito mais divertida que todos os livros de banca por ela já lidos. Pigarreou, chamando a atenção da bela morena, de pele dourada pelo sol, que finalmente parecia ter se recomposto.

— E aí, vai me dizer tudo o que aconteceu? — indagou, de forma seca e direta.

Graci assentiu, o *sim* pronunciado em um fio de voz.

— Então anda logo. Estou esperando e eu não posso ficar a noite toda à sua disposição... — Poder, ela podia, mas quem disse que assumiria isso? Naquele fim de mundo pouca coisa acontecia. Ficava ali muitas horas a ver navios, com seus três ou quatro oficiais, resolvendo no máximo desavenças entre vizinhos, brigas de bar e assuntos aleatórios. Uma rixa inusitada entre mulheres tão díspares como aquelas era uma completa novidade.

— Eu vou contar, delegada... Não vou esconder nada. Espero que a senhora possa me entender...

— Então comece, sem demora. E não me poupe de nada.

Graci respirou fundo, enxugou as lágrimas. Talvez, percebendo por fim o quanto abandonara de sua dignidade naquela delegacia, resolveu se mostrar apresentável. Arrumou os cabelos como pode, enxugou as lágrimas e deu um nó na tira arrebitada do vestido, colocando tudo em seus devidos lugares. Por fim, fitou a delegada, mais composta e começou a narrar a sua história, da forma mais crua possível.

— Tudo começou no dia que eu saí de casa, pronta para *fazer tudão*...

— *Fazer tudão?*

— Isso mesmo, delegada! Vou tentar explicar — ambas se debruçam automaticamente na mesa, como se fossem compartilhar um dos maiores segredos femininos. Por isso, acho que também devemos nos aproximar um pouquinho, para não perder nenhum detalhe. — Sabe aqueles dias que a gente acorda com o corpo pegando fogo? Aquele calor desgraçado que sobe pelas coxas e não há dedo ou brinquedinho que nos sacie? As coxas se roçam, o pano da calcinha incomoda, o mamilo lateja, querendo ser chupado com vontade por um macho... A gente tenta se controlar, mas parece que está no cio, se roçando nos móveis e ronronando igual gata. Já teve um dia desses?

Andreia simplesmente a fitou, sem graça. Que mulher nunca tinha passado por aquilo?

— Pois é, são nesses dias que eu resolvo *fazer tudão*. Mas o faço de modo discreto, na surdina, sem levantar alarde. Não sou a galinha que bota o ovo e sai cacarejando para todo o lado. Preciso ser chamada de pata, aquela que faz a sonsa, está sempre por aí, mas quando bota os seus ovos ninguém os rouba, porque não descobrem. Afinal, nesse lugar, uma imagem a zelar é tudo que nos resta. É com essa imagem de boa moça, virtuosa, que consigo me dar bem com todos, e trabalhar sem problemas tanto para os mais pobres quanto para as mansões que cercam a região.

— E como a senhora faz isso, dona Graci? — Andreia continuava com o interrogatório. Por fora, permanecia a imagem da impassividade. Mas, por dentro, entre os recantos da sua mente que muitos nem sequer sabiam da existência, ela desenhava o depoimento da quituteira cena a cena, com riqueza de detalhes.

— Senhorita, delegada, por favor — ela corrige Andreia, discretamente, antes de continuar. — É simples. Não escolho entre os molecotes e tarados que ficam bisbilhotando na minha janela. Seria óbvio e arriscado demais. Eu literalmente os capturo, nos lugares mais discretos e banais. Saindo do banco, por exemplo. Ou até mesmo saindo da padaria, como foi com o Jurandir. Sempre escolho os mais discretos, aqueles que são conhecidos na cidade pelo seu cavalheirismo e seriedade. Fujo dos casados ou dos impulsivos. Nem de longe penso em acabar os meus dias sendo casada — ou amante — de um desses homens daqui, sem expectativas.

Andreia tentava acompanhar o raciocínio da outra, mas sua mente travara no encontro de Graci e Jurandir, na porta da padaria. Como será que a moça fizera, apenas o encarara e sorria, mordendo os lábios? Suspirou diante do olhar esfomeado do feio, que se rendera automaticamente às vontades dela? Ou será que, após se cruzarem, Graci simplesmente virou o rosto de lado, por um mísero instante, o convidando a segui-la?

— E como você fazia, Graci? — suas emoções já começavam a domina-la, fazendo-a abandonar até as palavras usuais de tratamento.

— Bastava apenas uma troca de olhar, um meio sorriso, um discreto morder de lábios. Os homens entendem a linguagem do corpo e são atraídos por isso como moscas no mel. Acabam nos seguindo, talvez para uma viela escura, onde os corpos se tornam invisíveis. Ali, trocamos as primeiras palavras, as mãos deles roçam em meus peitos, sobem pelas coxas

Acheron - Nacionais

enquanto toco os seus paus, sob o tecido de suas calças. Adoro a surpresa de seus rostos quando afastos as coxas e veem que estou sem calcinha. Nessa hora, eles parecem esquecer suas humanidades, viram machos querendo saciar nosso tesão, tentar nos fazer gemer tão alto, de tal forma que a cidade inteira escute. Você imagina qual a sensação de ser chupada de pé, em uma viela, delegada? Uma das pernas sobre o ombro do homem escolhido, enquanto ele se lambuza de sua buceta e mordia o seu clitóris, que lateja e incha, pedindo por mais? A sensação da língua dele a te foder junto com o medo de ser descoberta é excitante demais...

— Não tinha medo de ser descoberta? — A delegada pergunta, levantando-se para pegar dois copos de água. Gelados, bem gelados.

— Como eu disse, eu conhecia cada um dos homens que escolhia para foder. Lembre-se, não queria problemas... Ou romance, nem sequer o menor gesto de fidelidade. Queria suas vontades, seus paus e gozos, que eles castigassem a minha vagina e o meu rabo com seus movimentos intensos e ritmados. Após terminarem o serviço, não queria promessas ou tinha a menor chance de ligar para cada um cobrando algo. Era o acordo perfeito. Acha que algum deles iria desejar perder aquilo?

Lógico que não, Andreia pensou. E tem como discordarmos?

— Então aquele dia você resolveu *fazer tudão* com o Jurandir?

— Não foi bem assim, delegada... Com ele a coisa simplesmente aconteceu, foi maior que eu.



— Existem alguns dias — poucos, graças a Deus — que você deseja não ter saído da cama. Sabe como é isso, delegada? — Andreia assentiu, ali já perdendo toda a sua autoridade diante das palavras de Graci. Debruçou-se sobre a mesa, os olhos brilhantes, os lábios lutando para não se abrirem em um sorriso de expectativas, como a criança que vê ali, ao alcance de duas mãos o doce mais desejado. — Pois é, o dia que comi o Jurandir foi assim... Acordei até disposta a fazer o dia ficar bom, juro que tentei, mas não rolou. Tive duas encomendas canceladas, a mãe de uma noiva pentelha que decidiu mudar todos os recheios dos doces faltando uma semana para a festa e para piorar a vontade, aquela sabe, foi surgindo no decorrer do dia e só aumentando...

— A do *tudão*... — Andreia comentou, revirando os olhos. Aquela palavra seria uma coisa que nunca esqueceria, com certeza.

— Isso mesmo, doutora. Parecia uma cadela no cio, me esfregando nos móveis, doida para sentir uma pegada forte, entende? Sonhando que um macho de verdade, não aqueles mocinhos delicados de filmes, entrasse na minha cozinha, com cara de bravo e corpo suado, erguesse meu vestido, arrebitasse minha bunda e me fodesse ali mesmo, no balcão de sovar massa. Queria que um filho da puta me sovasse tanto, que me deixasse assada depois, toda suja de farinha e porra...

— Vamos voltar à história, dona Graci? — pediu Andreia, o suor do relato já começando a gotejar em seus poros... Assim como cada um de nós. Será que conseguiremos sobreviver a esse incendiário relato? Teremos que ficar para descobrir... Por enquanto, voltemos a sala da delegacia.



— Bom, voltando à história, como a senhora pediu... Todas essas circunstâncias já eram suficientes para deixar uma mulher como eu completamente descontrolada, a senhora entende? Até que aconteceu a gota d'água, o que me fez perder todas as estribeiras e terminar a noite dando pro cara mais feio — e mais metedor — que eu tive na vida.

Graci pediu um copo de água, que Andreia rapidamente pegou. Ela bebeu vagarosamente, como se estivesse colocando, através daquele gesto, as palavras em ordem, como se dispusesse os ingredientes sobre a mesa, analisando os pesos e medidas, antes da preparação de um delicioso bolo. Ou uma fornada de quindim.

Colocou a peça de vidro sobre a escrivaninha, suspirou e continuou, de forma mais calma.

— A senhora sabe que não sou daqui, né? De onde eu venho, uma cidade um pouco maior que esse pedaço de chão, era normal a molecada ficar reunida na rua, jogando vôlei ou queimada, enquanto as mães colocavam as suas cadeiras nas calçadas para colocar as fofocas em dia. Era uma época boa. Crescemos em uma turma todos juntos, e pensamos que seríamos amigos para sempre. Ou outras coisas, como foi o meu caso e do Pedro. Todo mundo achou que a gente ia casar um dia, inclusive nós mesmos. Pedro foi o primeiro em tudo. No beijo, no sexo, no estar apaixonada... Quando saí de lá, disposta a fazer a faculdade de gastronomia na capital, prometemos um ao outro se reencontrar. Ele dizia que só casaria comigo, e eu com ele. Era mais que coisa de pele, sabe? A gente tinha certeza de que o mundo podia acabar, mas sempre teríamos um ao outro. Os anos passaram, a gente se distanciou, mas os e-mails eram constantes, perguntando sobre a vida, o tempo, a saudade da juventude e do calor no corpo. Fazíamos de tudo para nos vermos, e raras vezes dava certo. Muitas vezes conseguia organizar uns dias de férias, e nos encontrávamos no meio do caminho. Nem lá, nem cá. A gente se trancava em um quarto de hotel e mandava ver. Trepávamos que nem coelhos. Só depois, abraçados e sujos de suor e gozo, íamos falar de nós, os olhos nos olhos. Ou saíamos de mãos dadas para tomar sorvete, tentando retomar o tempo que a distância pedia. Eu não cobrava nada dele, nem ele de mim. A gente não precisava... Sabíamos a quem nosso corpo e coração pertenciam. Pelo menos era o que eu achava?

— O Pedro terminou com você naquele dia, foi isso?

— Pior, doutora. Naquele dia recebi uma mensagem dele, falando que ia se casar. O filho da puta estava noivo e eu nem sabia. Meus pais, coitados, nunca me disseram nada porque nem imaginavam que sua boa filha ainda o encontrava para dar o cu e a buceta para ele, pelo menos uma vez a cada dois, três meses. Descobri que, diferente dos nossos sonhos de juventude, tem homem que ainda acha que a mulher para comer e a para casar são diferentes. Eu era a puta safada de errejota para ele, não mais a Graci que falou, deitada no peito dele, após lhe entregar a virgindade, que sempre o amaria. Quando terminei de ler o e-mail, frio e impessoal, não gritei, quebrei tudo ou pensei em ligar para ele. Ia adiantar alguma porra? Simplesmente abri a primeira garrafa de bebida alcóolica que vi na minha frente, de licor de cacau, e virei no bico, chorando baixinho. Eu, que não bebia nada, fui tomar o meu primeiro porre de amor com licor de cacau, a senhora imagina isso?

Andreia se segurava para não rir diante daquela insólita história. Aquela mulher adquiria cada vez mais o seu respeito. Deixara de lado o papel de punidora, ali, naquele instante, e se identificava com a mulher que perdera o único homem que sentira algo, algum dia. Pensava se

um dia sentiria algo assim, que a fizesse cometer loucuras, que mexesse com ela inteira por dentro. Por enquanto, constatava com tristeza, nada mais despertava a sua carne, a deixava trêmula de vontades.

— Acho que acabei cochilando, doutora, bêbada e carente, em um canto da casa. Acordei já com a casa escura, acabada, melada de lágrimas e licor. Qual foi a primeira coisa que fiz? Decidi não me lamentar mais por aquele filho de uma quenga velha. Ia seguir com a vida normalmente, um passo de cada vez. A primeira coisa que tinha de fazer era tomar um banho. Afinal, eu estava mais judiada que vaca velha que se perde no sertão. E depois, tinha de ir na padaria, comprar a merda do licor que tinha bebido a garrafa inteira.

— Foi aí que você encontrou o Jurandir?

— Foi sim, senhora. Eu estava saindo da padaria com a garrafa na mão e ele entrando. Juro para a senhora que normalmente eu nunca olharia para ele, pois vamos falar a verdade: oh homem feio dos infernos! Magrelo, narigudo e vesgo, com aquele sorriso meio torto... Mas aquela noite, com tudo que havia acontecido, e do jeito que estava doida para dar, não só de tesão, mas para livrar a raiva, o ódio e o ciúmes de mim, acabou que aconteceu. Na verdade, ele me olhou por poucos segundos, mas com uma admiração e um desejo tão grandes que teria me molhado as calcinhas, se eu estivesse usando alguma. Sabe aquele homem que te come com os olhos? Jurandir aquele dia fez mais que isso: comeu, gozou e pediu mais. Isso com aqueles olhinhos meio bambos... Pelo menos o que se fixou em mim. Acho que junto a isso veio o orgulho de mulher traída, sabe, afim de provar para mim mesma que o feio podia me fazer gozar mais que o bonito que havia noivado com outra. E confesso uma coisa para a senhora, delegada. Não é que o danado fez? E muito.

— Então você levou o Jurandir para sua casa?

— Tá doida, delegada? Acha que eu seria louca a tal ponto de entrar com aquele trambolho na minha casa para todo mundo ver? Não! Assim que os nossos olhares se cruzaram e aquele choque me percorreu o corpo, sabia que ia comer o cacete daquele homem tão certo quanto sei fazer bala de coco. Apenas parei por um momento, olhei meio de lado e sorri. Na mesma hora, ele parou, me olhando meio bobo, sabe? Mas nem dei bola, comecei a andar e deixei que ele me seguisse, com as ancas chacoalhando mais que o normal, fazendo aquele andar de mulher que provoca, quase rebolando, só prometendo mas não mostrando nada.

— E onde você, digamos, *comeu* ele? — A delegada perguntou, ansiosa.

— A senhora quer saber o básico ou em detalhes?

— A senhorita está em uma averiguação. Preciso de todos os detalhes. Peço que o seu relato seja o mais minucioso possível, me entendeu?

Graci assentiu, vendo que a delegada estava se divertindo com aquilo. Ela contaria tudo, sem ressalvas. Quem sabe aquilo atenuasse um pouco o seu crime contra Belinha? Por isso, após mais um copo refrescante de água, a quituteira resolve abrir tudo que podia, sem censura.

Para a alegria geral dos que estão compartilhando desta história.



Jurandir só me alcançou algumas quadras depois, em uma das vielas escuras que ficam atrás da igreja. Me chamou em um fio de voz, cabeça baixa, todo solícito, perguntando se eu estava perdida. Argumentou que era perigoso que uma moça como eu andasse sozinha por aquelas ruas escuras. Quem sabe o que poderia acontecer comigo. Eu, doida para ver o que aquele trem tinha de bom a oferecer, não tirei o sorriso dos lábios. Deixei que ele se aproximasse, ergui o seu rosto delicadamente com a mão e murmurei, como toda boa moça faria: - Ora, mas tenho você para cuidar de mim, não?

O feio tremia que nem vara verde, todo cheio de vontade de colocar as mãos em mim e eu só no jogo, prendendo o moço como uma aranha faz com o inseto na teia.

— É lógico que eu protejo a senhorita...

— Me chama de Graci, Jurandir. Nada de formalidades, já que pelo jeito vamos nos tornar íntimos...

— Como assim, senhori... Graci.

Já sem querer saber se ele ia correr ou não, peguei a sua mão, grossa e calejada, entre as minhas e levei ao meu seio. Sua mão a cobriu, e automaticamente começou a massagear o meu peito.

— Estou precisando tanto que cuidem de mim hoje, Jurandir.

Como se entendesse a deixa, a sua outra mão meteu-se entre as minhas pernas. Vendo que eu estava sem calcinha, ele sorriu, o dedo encontrando com hábil perícia o meu clitóris, em poucos segundos. Um choque me percorreu, e segurei o gemido. Não é que o infeliz sabia como fazer? A mão que estava sobre o seio embolou o meu vestido e o subiu, o tirando pela minha cabeça, me deixando nua no meio da rua. E você acha que me importei? O desgraçado me metia tão bem com o dedo que erguia os meus braços e me apoiava no beiral de uma janela, mordendo os lábios, sem me importar com nada.

— Vou tomar conta de você como merece, Graci. Como sempre quis fazer... Você quer?

E que mulher é capaz de recusar algo quando tem um homem batendo uma formidável siririca para você? Eu não conheci nenhuma ainda.

O dedo grosso, áspero, mãos de homem, rodeava o meu clitóris, batia nele, deixando-o inchado, pulsante, como se aquele pequeno pedaço de mim gostasse de ser ordinária, vadia, masoquista, deleitando-se com o toque nada delicado de macho. Sua boca, de lábios grossos, rústicos, lambeu meu pescoço como se fosse uma iguaria fina, delicada, e desceu pelo meu seio, em direção ao mamilo. Colocou meu peito inteiro dentro da boca, com fome, sem pudor, os dentes travados entre o mamilo, indo de um lado ao outro, me transformando em loba sedenta querendo uivar para a lua.

Ele me meteu um dedo, dois, três, sem pedir com gentileza, dispensando delicadezas, se proclamando o meu macho. Minha boceta estava em festa com tudo aquilo que acontecia ali, diante de mim, prometendo uma noite cheia de realizações e esquecimentos, no fogo que dois corpos podiam produzir. Se abria toda alegre, faceira, úmida e rendida, querendo cuspe, porra e carne dentro de si. As coxas se afastavam automaticamente e eu movia o meu corpo em direção à mãos dele, excitada, querendo que ele inteiro estivesse dentro de mim, me transformando em êxtase.

Depois de se lambuzar em meus peitos, ele se abaixou. Ajoelhou-se diante de mim, fitando a minha buceta como se ela fosse o mais belo e admirado espetáculo do mundo. Por um segundo, apenas um segundo, ele a reverenciou como se faz com os santos... Ou objetos de perdição.

— Quantas vezes eu já bati punheta homenageando essa delícia... — murmurou e, em um puxão, ergueu uma das minhas pernas. Com o meu sexo todo exposto diante de si, cuspiu uma vez e esfregou os dedos sobre a saliva, me lambuzando com seu gosto, me dando uma prévia de como minha pele ficaria após sua boca me chupar.

Tomei um choque quando ele caiu de boca em mim. Lambeu-me por inteira e mordeu o meu pequeno centro, logo em seguida sugando-o com avidez, explodindo minha libido com sensações nunca imaginadas. Não saciado, sua língua tornou-se rígida e, ao mesmo tempo, tão macia, passando a ser comido pela minha vagina encharcada, como nunca ficara antes.

Esqueci que estava na rua. Perdi o pudor, ali, encostada no muro. Me ajoelhei ao seu lado e o beijei, rendida e apaixonada. Nada do amor platônico dos livros, quero deixar bem claro, doutora. Era algo de pele, de corpos que se completam, do incêndio que nos consome. É quando a mulher tem a rara sensação de que aquela noite será bem, muito bem fodida.

Mas a certeza maior de que isso ia acontecer surgiu quando eu, peladona, de joelhos na calçada suja, abri a calça de Jurandir. Delegada, nunca pensei que em uma jeba eu pudesse encontrar a minha visão de paraíso. Assim que abaixei o jeans, levando a cueca junto, o seu órgão veio em minha direção, tomando toda a minha visão, poderoso e intimidador. A pele negra, quase de um roxo profundo, brilhava sob a meia luz. Grosso em toda a sua extensão, cheio de veias que pareciam mostrar, ali, naquela pele que pulsava em minha direção, o caminho do prazer. E, para coroar toda aquela deliciosa extensão, vejo aquela cabeça... Ah, que

Acheron - Nacionais

cabeça! De um tom rosa escuro, era grande e me deixava doida para chupá-lo. Parecia um bolinho explodido, sabe ao que me refiro? Como algo que transborda, jorra, capaz de saciar toda a sua fome.

A minha, pelo menos.

E a senhora acha que fiquei esperando alguma coisa? Caí de boca naquela vara, enfiando o que podia dentro daquela boca, sentindo o gosto almiscarado de suor e tesão. Enfiava na boca até sufoca, engasgava, ia e voltava naquilo tudo, deixando que minha boca fosse uma extensão da buceta e começasse a devora-lo com todo o prazer do mundo. Ouvia ele gemer, as pernas finas trêmulas, a mão grande a agarrar os cabelos da minha nuca com força e me empurrar em sua direção. Deixei que os joelhos ralassem, os pernilongos me picassem... Que o mundo acabasse. Eu não estava nem aí, imersa no sexo, perdida na vontade de ser simples e puramente movida pelo cio. Se eu morresse ali, asfixiada por aquela coisa enorme e deliciosa na minha boca, eu iria para o lado de lá bem feliz...

Jurandir me tirou da rola dele, me deixando com cara de criança que tem a sua chupeta arrancada. Levantou o meu corpo e prensou-me contra a parede. Chegou perto do meu ouvido e disse, com uma voz mandona que nunca imaginei ouvir dele.

— Agora eu vou comer a sua buceta. Vou colocar o meu pau inteirinho dentro dela, te comer todinha. Meter tanto que vou te deixar sua buceta no formato da minha rola...

— Por favor, me fode gostoso... — foi só o que consegui falar.

Não precisei pedir duas vezes. Ele meteu em mim, seco, ríspido, de uma só vez. Entrou inteiro, encaixou-se em mim e começou a bombar, de forma rápida e intensa. Ergueu meu corpo encostado na parede e tirava o seu pau de dentro de mim para depois estoca-lo inteiro novamente, sem dó. Ouvir o barulho do saco batendo entre as minhas coxas, entre os nossos gemidos e a sacanagem que ele falava o tempo todo no meu ouvido, eram como uma sinfonia profana criada para o meu deleite.

— Geme para mim, gostosa. Quero que você se acabe de gozar...

E como me acabei, Delegada. Gozei uma, duas, três vezes, aquela rola enorme firmemente me comendo, sem perder o andamento. Indo e voltando, as nádegas se comprimindo contra mim, o pau me dando dor e prazer, tocando lá no fundo, me fazendo querer cada vez mais, me viciando. Ele me mordia, me chupava, me marcava enquanto me comia, deixando minha pele roxa, devastada, satisfeita.

Naquela hora, eu sorria. Sentia-me mulher, livre, completa. Vendo além do aparente, do físico, de olhos fechados, deixando que os outros sentidos do corpo me guiassem. Ele me ergueu e com as pernas entrelaçadas em suas costas musculosas, eu o recebia, cavalgando naquele cacete que me tirava completamente a razão. Quando ele disse que ia gozar, não hesitei. Ajoelhei-me diante dele, e de boca aberta, tomei daquela chuva branca como se fosse um néctar.



Quando o gozo passou, e a fome também, abriu-se novamente a distância das conveniências. Eu era novamente a mulher bela, com uma imagem a zelar, e ele o feio, aquele que eu nunca, sequer, cumprimentaria na rua. Olhei para ele, que me confessou, à meia voz.

— Eu sempre te quis, Graci... Mas nunca tive coragem de me aproximar de você — ele ia se explicar, mas eu logo o cortei.

— Então continue sem coragem. Quando eu quiser e puder, você vai saber... E daí podemos repetir a dose do que fizemos hoje.

Ele pensou em dizer algo, mas mudou de ideia. Apenas concordou, sem graça. Nos despedimos sem sequer um beijo de despedida. Cada um seguiu o seu destino, perdido em pensamentos, desejos e promessas.

Dormi naquela noite dolorida e satisfeita, com vontade de viver uma noite daquela mais e mais vezes.



Enquanto nos abanamos, cativos e excitados pelo final do relato, que tal acompanharmos a reação de Andreia diante de tão louca e gostosa história?

Caso volte conosco até a escrivanhinha — isso caso não tenha se inspirado e arrumado uma outra forma de se divertir — verá que a nossa delegada, sempre tão centrada e capaz de controlar suas emoções, não sabe o que dizer. Suas mãos estão trêmulas, as coxas se roçando, a calcinha úmida e os olhos fechados, mergulhada naquela experiência como se estivesse em um de seus livros, aqueles que devora para suprir, mesmo que parcialmente, as suas necessidades de mulher. No fundo, mesmo tentando manter o rosto impassível, ele se imagina nua, na rua, a pele negra a reluzir de suor, mordendo os lábios enquanto empina a bunda e sente o pau entrar dentro dela, os seios encostados na parede fria banhada pelo sereno da madrugada.

Mas algo a faz voltar. Uma voz, feminina, que a chama com curiosidade.

— Delegada, a senhora está me ouvindo?

Andreia hesita, pisca e fixa o olhar novamente em Graci, que cada vez mais se revela um mistério. Nunca imaginaria que a quituteira, conhecida como uma das mulheres mais bonitas e cobiçadas da região, tivesse um lado devasso, tão passível de julgamentos... Mas tão livre. A delegada a olhava sobre outro ângulo, com certa inveja velada, querendo nem se fosse, por um dia, ser como ela. Desinibida, canalha, feliz, isenta das convenções sociais que as mulheres devem ter — isso pelo menos os homens acham.

— Estou sim, Graci. Continuemos — disse ela, voltando a buscar a firmeza na voz. — Vocês se encontraram outras vezes?

— Sim, doutora. Fiquei um ano dando para o Jurandir, pelo menos uma vez por semana. Havia sempre os dias que não aguentava mais, estava subindo as paredes e queria ser fodida com responsa, a senhora entende? E a droga era que não conseguia dar pra outro! Aquela rola grossa não saía da minha cabeça. Parecia que ele tinha moldado a minha buceta, marcado para ser só dele.

Andreia se segurava para não começar a rir diante da sinceridade desinibida da moça.

Somente assentia, tentando manter-se impassível.

— Quando acordava disposta a ver o negão, passava o dia feliz, sorrindo. Ele não me rejeitava, nunca... O esquema era sempre o mesmo: eu esperava a noite chegar e ia dar uma caminhada pelas redondezas. Sempre passava em frente a oficina e, caso não o visse, no bar ou até mesmo na padaria. Eu apenas o encarava, e Jurandir parecia sentir o meu olhar em cima dele. Nossos olhos se cruzavam por cinco segundos, no máximo, e eu continuava o meu caminho. Ele sempre me alcançava, disposto a me comer até minhas pernas não aguentarem mais. E eu, disposta a sentar naquele cacetão e abusar dele tanto, que se fosse sorvete, derreteria com certeza.

— Ainda nas ruas da cidade? — Andreia indagou, espantada. Como ninguém nunca havia desconfiado de nada?

— Não, doutora. Algumas vezes sim, não nego. Era bom para manter a sensação de aventura. Mas já trepamos nos mais diversos lugares. Sabe aquela capela que está em reforma, lá no Morro da Reserva? — Andreia assentiu — Dei meu cu pela primeira vez para ele lá... — Graci suspirou, saudosa. — Como podem dizer as beatas da região, foi um êxtase glorioso. Ele também aprendeu a entrar discretamente nos fundos da minha casa e sair sem ser visto. Acho que o desgraçado despejou a porra dele em todos os cômodos daquela casa. Assim como eu já esfreguei minha vagina pelos mais variados lugares daquela oficina. Cuidado, doutora, se deixou o carro por lá, eu posso ter usado o câmbio dele de formas que a senhora nem imagina — concluiu, com uma gargalhada.

A delegada abaixou os olhos, pela primeira vez não conseguindo esconder o desconcerto.

— Então, resumindo: você aproveitou, e quando cansou, largou dele, certo? E quando viu que o coitado tinha seguido em frente, ficou com tantos ciúmes que resolveu espancar na coitada da Belinha? — Andreia a inquiriu, fitando-a seriamente, deixando agora sim Graci sem palavras pela primeira vez. A moça empalideceu e seu semblante perdeu todo o brilho, por alguns instantes em que a sala se encheu de silêncio. Foi só então, após ela retomar o fôlego, que Graci confessou a maior revelação daquela noite.

— Não, delegada. Quem largou de mim foi ele.... — E desabou a chorar.



— Durante todo o tempo que ficamos juntos, ele disse que não gostava de viver aquilo escondido, como se estivéssemos fazendo algo errado. Queria entrar na minha casa pela porta da frente, andar de mãos dadas comigo na rua, mostrar para todo mundo o que sentia por mim. Agora olha para mim, doutora — Graci comentou, já novamente dona do seu controle —, a senhora acha que eu andaria de mão dada com aquele homem?! Eu amava o pau dele, o que ele fazia comigo na hora do sexo, não ele. De jeito nenhum! Não ligava para a cara dele na hora do *fazer tudão* porque não era ela que eu botava no cu ou na boceta. No máximo, aproveitava a sua

Acheron - Nacionais

língua e boca. Sabe aqueles quadros que a gente se afasta para ver a pintura por inteiro? Eu não o fazia, apenas me concentrava no que importava. Sabia que se visse tudo, a feiura dele em toda sua majestade, sairia correndo. Por isso, nunca pensei em assumi-lo. E ele ia me avisando, pedindo, exigindo isso. E eu fugindo... Até que ele disse, em uma noite, que se eu não o assumisse, ele não queria mais.

— E você o recusou, mais uma vez...

— Obvio, né doutora. Falei para ele largar de bobeira, que estava bom assim, que não queria nada com ele não. Disse ainda que, se ele um dia falasse para alguém que eu tinha algo com ele, ia desmentir na cara mais deslavada do mundo. Acho que isso foi a gota d'água. Da próxima vez que eu tentei encontra-lo, ele não me seguiu. Fiquei esperando, como uma louca, andando de um lado para o outro, o cu e a buceta com tanto fogo que se fosse utilizar a mão para me satisfazer ia ter câibras. Tentei uma semana chamar a atenção dele, e nada. Até que fiz uma loucura: apareci na oficina, uma noite, louca, debaixo de chuva. Bati na porta e pedi para entrar, mas nem isso o desalmado deixou. Abriu apenas uma frestinha e disse que tinha me avisado. Que não tinha mais volta... Eu havia feito a minha escolha e ele a dele. Fui embora arrasada, viciada na piroca do negrão que não me queria mais...

— E quando ele começou a namorar a Belinha? — Andreia finalmente juntava os fatos.

— Uma semana depois disso. Quando soube, não quis acreditar: como ele tinha me trocado por aquela feinha, sonsa e sem graça? Evitei, por dias, encontra-los. Mas as boas novas me perseguiram. A mulherada ia lá em casa pegar as suas encomendas e dizia como os dois se completavam, como a feiura dos dois era abolida diante da beleza do relacionamento daqueles dois. Nessas horas, eu mantinha uma máscara sorridente no rosto, e ainda dizia que torcia pelos dois. Mas sozinha, no quarto frio, eu gritava, chorava de ódio por aquela desgraçada estar usando o homem que um dia havia sido meu, mas que me abandonara. Estava até começando a lidar melhor com isso. Até encontrar com eles hoje. Tinha ido entregar uma encomenda para a dona Bianca, aquela da vidraçaria que fica no Largo, sabe? Estava voltando quando os vi, de mãos dadas, do outro lado da rua.

— E como você se sentiu?

— Em choque. Tudo doía. Meu corpo latejava de saudade dele, querendo posse, corpo, gozar com ele. Mas foi ao vê-la que perdi o controle. O modo que pegava com firmeza nas mãos dele, como apoiava o corpo dela no seu... E como ela sorria... Puta que pariu, como ela sorria! Conseguia reconhecer em seus dentes brancos o quanto se sentia satisfeita, o quanto era bem comida. Eu reconhecia aquela sensação. Foi isso que me fez perder o controle. Segui os dois, sem fazer alarde. E assim que ele a deixou na porta da casa dela, esperei que seu vulto magro sumisse de vista para chama-la. Ela veio me atender, ainda sorrindo, acredita? Movida pelo ódio eu lhe sentei porrada ali mesmo, na calçada. Só dei por mim quando já estava aqui, diante do balcão da delegacia, as minhas unhas cheias do sangue dela.

E assim a história se finalizava, todas as peças finalmente se encaixando na cabeça da delegada. Imaginava a quituteira despida de tudo que desejava, inclusive da imagem de mulher

Acheron - Nacionais

prendada e correta, assim que o dia amanhecesse e todos soubessem que ela está na delegacia, presa, acusada de agredir Belinha. Para sorte dela, poucas pessoas viram o acontecido, não dando tempo de fazer alarde. Veio descobrir depois que, para sorte de Belinha, a viatura passava para sua ronda noturna por ali, no instante da surra.

Quando estava prestes a falar sobre os próximos caminhos legais com Graci, iniciou-se outra vez o murmurinho lá fora. Graci se ergueu, alerta, mas não teve tempo de reagir quando a porta se abriu e Jurandir, em carne, osso — e pica — apareceu diante delas, os olhos fervendo de ódio em direção a Graci.

Andreia não sabia se mandava ele para fora, saía da sala e os deixava se entenderem ou ficava ali, de camarote, vendo o desfecho daquela novela.

E vocês, o que preferem fazer?



— O senhor está achando que aqui é casa da mãe Joana, seu Jurandir? Que pode ir entrando assim, sem permissão, no meio do meu interrogatório? — Andreia comenta, o semblante fechado. Finge-se de brava, tentando manter a autoridade, faz-se sisuda, mas na verdade, bem lá no fundo, quer pegar um pote de pipoca e apreciar o espetáculo que vai se desenrolar à sua frente.

Jurandir parece tomar consciência do que está fazendo. Abaixa a cabeça e pede desculpas. Hesita, não sabe se vai ou fica, ameaça dar um passo para trás.

— Entre e feche a porta — ela diz, autoritária. — E você, Matheus — porque será que ela não se surpreendeu quando viu o novato todo esbaforido de correr atrás do mecânico? —, pode ir para o seu lugar. Eu resolvo isso.

O moço, todo feito em beleza e gentileza, aquiesceu, os olhos claros a brilhar em sua direção. Será que ela estava vendo demais, ou algo a mais parava em Matheus quando se dirigia à ela? Será que existia alguma intenção maior em servi-la? Até que o rapaz não era de se jogar fora, de jeito nenhum, pensava Andreia vendo-o se afastar, as costas largas e a bunda musculosa a se movimentar em uma calça jeans justa... O momento, inspirado pelos eventos da noite, acabou-se quando a porta por fim foi fechada, armando-se a cena final para aquele circo de sentimentalidades.

— Desculpa, doutora, mas vim assim que soube o que ela — apontou para a Graci com frieza — fez com a minha namorada. A quituteira, sentindo-se ferida mais uma vez, talvez relembrando na pele a rejeição, o alfinetou, amargurada.

— Agora só recebo os seus olhares de desprezo, né? A gostosa, a que você queria assumir, a mulher que você fodia gostoso não existe mais? — falou, com a raiva de uma mulher finalmente se mostrando apaixonada. E frágil. Pois, como todos sabemos, a linha entre o amor e o rancor é tão tênue, que as vezes se misturam, tornando-se tão difíceis de discernir.

— Como você fala assim na frente da delegada, mulher? Perdeu o juízo? Quer que todo mundo lá fora escute as loucuras que está dizendo? — disse Jurandir, espantado. Graci, com

lágrimas nos olhos se levantou de súbito, fêmea em fúria sobre o homem que só queria desprezar, mas não consegue.

— Agora é você quem quer esconder nosso caso, Jurandir? — Andreia tentou impedi-la, mas não teve tempo. A moça que tantos momentos doces proporcionava às pessoas, não só com sua comida, mas também com o seu corpo, dava socos no peito magro do mecânico, com força, na tentativa de puni-lo pelo que sentia. Ele segurou as mãos dela como se não tivessem peso e a fez sentar-se novamente. — Ela já sabe de tudo... Eu contei tudo para ela... Não conseguia ver ela tendo a felicidade que podia ser minha. Não conseguia imaginar que a feinha, a desleixada, estava sendo bem comida no meu lugar — ela confessou, a voz se tornando um fio.

— Bom, Graci. Já que decidiu transformar isso em um circo, por agir sem pensar, vou falar tudo o que preciso aqui mesmo, diante da delegada — Andreia apenas aquiesceu, quase se deitando na escrivaninha para não perder nenhum detalhe. — A *feinha*, como você diz, tem um nome: Belinha. E ela é mais linda que você, mil vezes mais. Pois, se você não sabe, a verdadeira beleza não está naquilo que aparenta, e acaba indo embora com a idade. Ela reside nos olhos, nos gestos, no modo em que sente as pessoas. E nisso, a mulher mais feia que conheço está diante de mim, agora. Aquela, que por mais que seja gostosa e agradável na aparência, é mesquinha e egoísta nos gestos, dizendo-se livre, mas incomodada com aquilo que as aparências trazem. Você foi a primeira mulher que fez eu me sentir feio, com vergonha de me olhar no espelho, assim como você tinha de me assumir e andar na rua. Agora eu me sinto lindo... E a Belinha também, sabia? Porque quando estamos um com o outro nada parece errado.

— Você ficou com ela para me afrontar, isso sim — Graci comentou, ressequida e ressentida.

— O mundo não gira à sua volta, Graci. Eu só segui em frente ao lado de alguém que me quis exatamente como eu era, não como os outros me viam. E sugiro que você faça o mesmo. — Num gesto desesperado, Graci estendeu o braço e grudou no pau de Jurandir. Andreia arregalou os olhos, vendo que mesmo com tanta mágoa entre eles, o tesão do homem era evidente. Era possível ver toda a dimensão do mastro do mecânico, enquanto ela o segurava, o corpo desesperado clamando por ele.

— Viu? Você ainda me quer... Seu pau sente saudades de mim.

— Ele até pode sentir, mas eu não. Acabou, Graci. Nunca mais teremos nada — e para afirmar isso, deu um passo para trás, deixando-a tocar apenas o vazio.

Ele ergueu os olhos para a delegada. Andreia o via agora de uma maneira completamente diferente. Fugira de sua cabeça a figura apática, patética, dando lugar a um homem que até ela ficara balançada. Sabia que nunca mais se veriam da mesma forma. Muitos segredos haviam sido desvelados ali, com ela de testemunha. Talvez aquela noite não fosse algo comum, imerso em rotina como todas as outras. Seria, porventura, aquele um momento de ela mesma rever os seus valores, ver o quanto deixara a sua vida e prazer de lado para se afirmar e criar uma imagem para pessoas desnecessárias. Não precisava provar para os outros, os homens, que era igual a eles, por exemplo. Inibir-se do arrumar, do batom, do prazer de um macho por

Acheron - Nacionais

horas extras e incansáveis de trabalho. De que adiantava medalhas e referências por um bom trabalho se era apenas uma casca vazia, carne morta alimentada por histórias que não eram dela?

— Delegada, vou pedir para a Belinha não prestar queixa por agressão. Ela sabe que eu e Graci tivemos um caso. Assim como lhe disse porque terminamos. Acho que o pior castigo que você pode ter — disse, fitando a quituteira sem mágoa ou maldade — é ver, dia a dia, que eu vou seguir sem você. E, como você mesmo disse, cada vez que você ver o sorriso de satisfação no rosto de Belinha, vai chorar de raiva ao pensar o quanto eu a comi bem, a fazendo gozar muito e várias vezes... — Graci começou a gemer, parecendo explodir em dor. — Hoje, eu que teria vergonha de assumir você, sabia? Não gosto de namorar gente bonita demais.

E saiu dali de forma tão tempestuosa quanto chegou, deixando entre Andreia e Graci um silêncio pesado, cheio de pensamentos e perguntas. A delegada, tocada por aquilo de forma profunda, perguntou para a bela desprovida de tudo, sentada à sua frente.

— Você quer que alguém te leve embora? Sem queixa formalizada, não há porque te deixar aqui.

Ela nada disse. Negou com a cabeça e ergueu-se vagarosamente, tentando juntar a dignidade que ainda lhe restara.

— Pode deixar, delegada. Eu vou sozinha...

Andreia abriu a porta para que a quituteira saísse. Pararam por um momento, enquanto Jurandir atravessava a porta em direção à rua, nos braços levava Belinha, que buscava conforto em seu corpo. Era notável o sentimento entre os dois, a forma com que se encaixavam um no outro, com perfeição. Andreia suspirou, talvez enternecida pelo gesto, esquecendo-se por um momento o quanto aquilo massacrava a mulher que estava ao seu lado.

Graci caminhou lentamente, um pouco mais atrás. Todos os homens abriram espaço para que ela desfilasse entre eles. A mais gostosa, a bela entre as belas, mas só Andreia sabia um adjetivo que, naquele instante, Graci carregava: a mais solitária, e esse pequeno conjunto de palavras podia ter um peso imenso. Foi atrás dela, tentando dizer algo, mas sem sucesso. Levou-a até a calçada, e a viu aprumar o corpo como pode, ensaiando o sorriso malicioso e desinibido costumeiro. Parecia que nada havia acontecido a Graci, por um momento, mas quem visse os seus olhos poderia descobrir o quanto de tristeza nela cabiam.

— Você vai ficar bem, Graci. Logo vai estar *fazendo tudão* de novo — Andreia comenta, com um sorriso no rosto.

— Com certeza, doutora. Lá sou eu mulher de ficar se prendendo às coisas. Nada que uma boa noite de sono e um bom homem não resolvam... Quanto ao coração, quem sabe? Um dia ele acha o seu caminho.

E lá se foi a quituteira, tomando seu rumo em direção à vida.



Nada mais foi dito sobre o assunto. Por ordem da delegada, tudo foi abafado, nada descrito aos outros. Graci seguiu fazendo os seus doces, adoçando as vidas alheias com os seus quitutes e com os dias de tédio e loucura. Andreia agora sabia porque muitos homens, quando viam Graci na rua, olhavam para suas ancas com certo ar de vontade e saudade, suspirando apaixonados. Ria em voz alta diante daquilo, comentando para si mesma como a moça devia levar os homens à loucura com o poder do *tudão*.

Até que um dia, sem saber porque, a casa dos doces mais solicitados da cidade, apareceu vazia, abandonada. As janelas abertas, assombradas, abandonadas por Graci durante a madrugada. Andreia, ao saber da novidade, ficou-se perguntando o que teria acontecido, espantada, a cabeça plena de hipóteses, até que a verdade chegou aos seus ouvidos: Jurandir e Belinha haviam anunciado que iam se casar. E, com certeza, para Graci, que pelo visto ainda morria de fome e amores pelo mecânico, era melhor fugir do que fazer os doces e o bolo de tão romântico enlace.

Andreia esperava que a louca e fogaosa moça encontrasse a sua felicidade.

E para finalizarmos aqui a nossa história, responderemos à vocês a única pergunta, aquela que não quer calar... E a delegada, como ficou depois daquela noite?

Assim que Graci foi embora, ela soltou os cabelos, abriu a gaveta e jogou no lixo o romance barato. Encontrou ali, esquecido, um batom vermelho sangue que ganhara de presente de uma amiga e passou nos lábios, deixando-os vivos, fogosos.

Gritou por Matheus e assim que o moço apareceu na sala, prensou-o na parede e beijou com paixão, gesto no qual foi prontamente correspondida. Em um gesto impetuoso, ele a puxou sobre si e a colocou na mesa, o pênis duro se roçando a sua vagina, que despertava querendo doces e sujas realidades. Beijaram-se, tocaram-se, quase se comeram ali, mas no último momento se lembraram de onde estavam e o cargo que possuíam.

Assim, ela o largou, tomou fôlego e disse, sem hesitar.

— Está dispensado no momento, Matheus. Espero você amanhã, na minha casa, para um almoço. Assim podemos verificar esse caso nos mínimos detalhes.

Matheus a fitou, espantado por um momento. Depois ambos sorriram, juntos, automaticamente.

— Pode deixar, delegada — murmurou, após ela lhe entregar um lenço de papel para tirar o batom borrado da boca. Saiu, após se recompor, deixando Andreia nas nuvens.

Deixemos assim que a história termine, cheia de promessas, finais e alguns recomeços. E que vocês, que acompanharam por alguns momentos essa trama, consigam ver o prazer e o amor que pode ser encontrado além do belo, longe dos estereótipos. Até a próxima, e sejam muito felizes.





A cidade está iluminada.

Vocês podem achar que essa frase, acima citada, é redundante, pois as civilizações modernas não vivem mais na escuridão das cavernas há milênios. Mas quando dizemos que a metrópole refulge, brilha, afirmo que não digo no sentido comum, longe disso. O que menciono aqui não são apenas as frias lâmpadas que destoam no asfalto, entre as infinitas passadas daqueles que vem e vão. É algo diferente que ronda a gente nesse período. Luzes coloridas pelas calçadas, o sorriso cansado dos transeuntes, ao repensar suas trajetórias diante do ano que finda. São as músicas pelas ruas, falando de perdão, família e outros valores que são lindos, mas expostos muitas vezes apenas na teoria. É a compra incessante de presentes para suprir muitas ausências que criamos durante os outros meses.

Pois é, o Natal chegou. E muitas pessoas parecem estar contentes com o entrar e sair das lojas. Não só os vendedores e crianças, que esperam sempre ter um pouco mais nesse período, mas os adultos que têm amplas listas de objetos a ofertar. Amigos invisíveis, família, confraternizações mil... Tudo é motivo para dar algum mimo que deixe marcas indeléveis nas pessoas para o próximo Ho-ho-ho, mas acabam esquecidos em algum canto, como tantos outros.

Mas, engana-se quem pensa que vieram até aqui para falar de coisas fofas, promessas e finais felizes. Chegou a hora de conhecer alguém que este Natal se tornou sinônimo de crise existencial. E palavras como *presente* e *Papai Noel* lhe dão verdadeiros calafrios. Ele está por aqui, misturado entre os populares, o andar vagaroso, o olhar perdido, preparando-se para enfrentar o seu maior desafio. Fazer com que todos os seus valores sejam pervertidos, destroçados, transformados em algo que nunca imaginara sentir... Por causa de um gesto de simples e puro amor.

Ele, o sensível e amoroso poeta, o homem com alma de artista, aquele que se dizia apaixonado e pronto a dedicar-se por inteiro à sua musa e objeto de desejo, via-se abalado e cercado pelo ciúme, pela dúvida e insegurança do que ia fazer naquela noite.

Ver a sua mulher dando para outro cara.

Não, você não entendeu errado...

Naquela noite, Joaquim Fontes, o mestre das palavras e das juras de amor, o poeta que cativava os corações com suas palavras, ia realizar a maior fantasia da sua esposa, a fogosa e inquieta Bya. Mas se você acha que os problemas terminavam aí, engana-se. Pois nem imagina com quem a sedutora escritora de romances eróticos deseja se entregar e falar palavras mais obscenas que as que escreve. Qual figura proeminente fez a moça alta e insinuante se tocar por noites à fio, em segredo.

Já vou contar, prometo. Mas antes deixe que eu lhe apresente de forma mais detalhada tão inusitado casal.



O delicado.

Era assim que a família de Joaquim o denominava desde que o pequeno balbuciara as primeiras palavras. Não devido à sua orientação sexual, longe disso. O menino sempre mostrara a sua predileção pelas garotas... Mas não pensem que existia algo de predador, de macho alfa em seus instintos. Longe disso. Desde que se definira como pessoa no mundo, Joaquim era um ser trágico, apaixonado.

Pálido, em contraste com os cabelos bem pretos e olhos azuis, parecia a imagem de um daqueles poetas românticos do século XIX, que nos encham de fascínio e pena. Passou a infância adoentado, com males súbitos que os médicos não conseguiam definir. Talvez fosse a sua razão querendo combater as exacerbadas emoções que surgiriam em sua alma... Bom, há respostas que nem o tempo é capaz de dizer. Teve de fazer as primeiras etapas de sua educação em casa, com uma professora particular, que lhe ensinou a colocar em palavras os sentimentos que pareciam engolfá-lo, com seus olhos alegres e virgens, ao ver o mundo passar pela janela da sala de sua mãe. Assim surgiram os primeiros poemas: hesitantes, infantis, falando da chuva, do cão que passava, das velhinhas que sentavam em suas cadeiras, pelas calçadas, no final da tarde. Até que seus olhos descobriram a beleza enigmática das mulheres.

Foi em um dia de chuva. Joaquim já tinha doze anos e começara, enfim, a frequentar a escola. Por incrível que pareça, não se encolheu aos olhares de estranhamento diante de sua magra e pálida figura, ou mesmo sentia algo diante das maldosas brincadeiras dos outros garotos. Vivia em seu mundo, aleatório, concentrado, imerso em sonetos que ainda viriam.

Bom, antes que adiantemos demais e falemos o quanto Joaquim depois ficou famoso entre os outros alunos, voltemos ao seu despertar para o amor. Não apenas o carnal, aquele que envolve gemidos, movimentos intensos e palavras mais bruscas, cheias de safadezas, mas o das musas, suspiros e inspirações. Naquele dia de chuva, o jovem estava parado no portão da escola, debaixo de uma marquise, encantando-se com o barulho ritmado das gotas caindo no chão, quando uma risada alegre, de puro êxtase, invadiu o seu mundo. Espontaneamente, Joaquim sorriu, sentindo-se pleno daquela alegria e colocou seus olhos à procura de sua dona. Foi ali que

viu, mais adiante, a jovem desconhecida. De pele morena, cabelos longos e escuros, de um castanho quase avermelhado, ela dançava na chuva, mal se importando com o olhar dos outros que passavam diante dela. O uniforme escolar, branco, grudando no seu tronco, mostrando as sutis curvas do seio que despontavam, as coxas lisas e longas, úmidas debaixo da saia xadrez, os braços erguidos, como se agradecesse aos céus por tamanha benção.

— Obrigado... — foi só o que o menino balbuciou, deixando que as borboletas, que nem sabia existir em seu estômago, saíssem pela sua boca e o levassem ao infinito. Inebriado por aquela visão, saiu o seu primeiro poema:

Menina solta,

Dança, sorri,

Brinca na vida.

Enquanto seu corpo se despe do puro

Desperta, agita

E te transforma em mulher....

Depois disso, Joaquim não parou mais. Ganhou o suspiro das garotas, que queriam cuidar dele, suspirar com os seus poemas, entregar-lhe os corações — e, também, os corpos. O menino as elevava, revelava-se apaixonado e lhes dedicava palavras que nenhuma delas teve antes. E em troca, encantadas, diante dele, se colocavam nuas e mostravam os segredos que escondiam entre as coxas, as suaves e diferentes texturas da pele, o sabor do sexo nos lábios, o aroma do suor na pele e como os gemidos se tornavam inspiração. Foi com Glorinha que perdeu a virgindade, aos quatorze anos, dois corpos em formação abraçados, escondidos no quarto da moça, sob o pretexto de estudarem para a prova de Matemática. E, pela primeira vez, ele fez de uma mulher o seu templo, murmurando no ouvido dela palavras e devaneios apaixonados enquanto corria o corpo dela com a ponta dos dedos, fazendo com que a menina tivesse orgasmos de mulher.

Com o apoio da família, começou a reunir os primeiros textos e publica-los. Lógico que, de primeiro instante, não teve sucesso. Imagina um poeta no Brasil ser ovacionado pelos leitores? Quem dera não fosse apenas um sonho... Mas o jovem não desistiu. A escrita para ele era como uma febre intensa, algo que o enchia de desejo, o excitava, deixava suas pálidas bochechas febris, a pele arrepiada, não podia ser contida, tinha de ser derramada como sêmen sobre a pele nua.

E assim ele o fez, insistentemente. O seu grande êxito foi quando, sem pudor, transformou o sexo em poesia. O lirismo brotou das entranhas e correu sobre o papel, tornando tudo aquilo visto como sujo, depravado ou degradante em elegante, sensorial, sensível. Isso, pelo menos, segundo os críticos e o público, que em um raro momento foram unânimes em relação a algo. O primeiro livro, *Secreto*, com sua capa de veludo vermelho, mostrava em frases ritmadas, como o coito, as sensações que o orgasmo proporcionava.

Entre suas coxas,

Pleno do seu gosto,

Me derramo em gozo.

A partir daí, Joaquim nunca mais parou. Suas obras, que não hesitavam em quebrar tabus, tornaram-se ornamento, sinal de status, objeto de desejo. E nunca mais faltaram mulheres, inspirações, fãs desejosas de inspirar o seu autor com a dança secreta dos corpos. Mas venhamos e convenhamos, quem não gostaria? Com a maturidade, a pele dele continuava pálida, sem marcas, de poucos pelos, só que ao contrário da magreza que antes o identificava, os músculos cresceram, definiram-se, deixaram marca, devido aos exercícios constantes e diários — ele simplesmente cansara de viver doente. Aprendera a ressurgir através de seus textos, tornando-se um Lord Byron moderno, suntuoso e gentil amante, com uma disposição digna um clássico... Para ser imortalizado mesmo!

Mas aquilo que o tornara um exímio amante, ele sempre deixara para o final. Quando após o coito, as mulheres se tornavam lânguidas e saciadas entre os lençóis, Joaquim gostava de proporcionar um último gozo, o mais intenso. Repleto de mãos e dedos, de pele e lábios, ele fazia uma poesia especial para aquela amante, com as palavras que vinham direto de sua alma. Sussurrava em seus ouvidos as sensações que lhe proporcionara, o quanto os gemidos e olhares o satisfizeram, o modo em que os olhos dela o fitavam, conforme engoliam o seu membro inteiro entre os lábios... E assim, alimentadas emocional e sexualmente, as divinas inspirações de Joaquim se encharcavam, para saírem de seu quarto de pernas bambas e lembranças inesquecíveis.

Fala a verdade, como não querer Joaquim? Mais ainda, como ter vontade de largar desse homem, mesmo que temporariamente, para deleitar-se com outro diante dos seus olhos?

Para que entendam isso, antes, é preciso que vocês conheçam o furacão chamado Bya Montes, e como ela entrou na vida de nosso poeta para se tornar sua esposa.



A fogosa.

Desde que passou a ser conhecida como gente, um ser no mundo, Bya foi considerada mais um fenômeno da natureza, uma força incontrollável do que uma mulher. Dona dos seus desejos e vontades, não permitia que ninguém lhe pusesse freios. Era a menina que não cumpria regras, que subia de saias no alto das árvores, sem ligar se toda a classe visse as suas calcinhas. Deu o primeiro beijo quando bem quis, no garoto mais desejado do bairro — nem se atentou que ele era dez anos mais velho que ela. Experimentou de tudo que lhe proporcionasse os mais intensos gozos. Jovens ou velhos. Homens ou mulheres. Um ou vários. Isso pouco importava para Bya. Ela amava e se desapegava com a mesma intensidade com que vivia.

Munia-se das experiências mais intensas, das histórias mais fantásticas e as guardava para si, mantendo-as vívidas, pungentes. Em sua memória, era como se elas habitassem um delicado e brilhante relicário, de curvas sinuosas e cores mornas, onde ela pudesse recolhê-las quando quisesse, coloca-las entre as mãos e revivê-las em cada detalhe, gesto, sensação e toque. Sozinha, muitas vezes em seu quarto, vivia em um estado amoroso consigo mesma, as mãos a entranharem-se em suas coxas, o toque delicado dos dedos e os gemidos incontidos atingindo novos níveis; a sensualidade, já despertada, rasgando novos caminhos em seu cerne, incessante, a procura de novas nuances, cada vez mais intensos, de um mesmo sentir.

Aquilo não lhe tomava, transbordava. Por isso, não demorou para que Bya, inspirada por um livro de Anãis Nin, resolvesse dissecar-se nas letras. Com os dedos irrequietos no papel, surgiram as primeiras histórias. Mas se esperam algo poético, romântico e sedutor, como os textos de Joaquim, engana-se. Bya era navalha da carne, pornográfica, ousada, sem pudor nenhum em expor-se sobre os nomes das mais diversas protagonistas. Terminava cada texto longe da imagem da mulher permissiva, da princesa à espera do seu homem perfeito. A cada ponto final, suas mulheres literárias terminavam banhadas em sêmen, sujas, cabelos desgrenhadas, vaginas inchadas, mamilos mordidos e rabos abertos. Puídas, amarrotadas, mas satisfeitas por seguirem os seus instintos.

As primeiras histórias foram descobertas por um dos seu ex- amantes, que ao

Acheron - Nacionais

reconhecer-se ali, decidiu se vingar de Bya, expondo-a, mandando para uma revista cujo suplemento literário era reservado a uma geração que se denominava *cult*. Ainda, todo pomposo, escreveu uma detalhada biografia da autora, na tentativa de puni-la com vergonhas. Coitado, mal imaginava como o feitiço iria se voltar contra ele. O conto, chamado de *Uni-Duni-Tê* mostrava a trajetória de uma jovem estudante que, disposta a viver em cada dia um prazer diferente, cantava o tema infantil que dava nome ao texto, os dedos sobre a lista de chamada roubada das aulas de inglês. A cada nome que o dedo apontava quando o tema se findava era a pessoa escolhida para ela seduzir aquele dia.

E não é que, ao parar na mão dos críticos de tão conceituada revista, o texto ganhou ares de clássico, inovador e vanguardista? Segundo eles, a *linguagem crua e visceral de Bya Montes choca e delicia. Despida de conceitos românticos, a jovem autora nos expõe como animais viscerais, à procura simples e egoísta de saciar os nossos desejos.*

E a nossa jovem, que perdia os seus dias na faculdade de biologia, por iniciativa dos pais, mostra que a única reação que lhe importava era a dos corpos encaixados, comendo-se, em frêmito à procura dos mais altos gemidos.



Joaquim e Bya se viram pela primeira vez em uma feira literária famosa, de uma cidade litorânea do Rio de Janeiro, conhecida como um dos polos culturais do país. Na verdade, acho melhor explicar desde já, que os dois, pessoas tão opostas, mas, tão igualmente intensas na forma de amar a vida e as coisas, reencontraram-se naquele evento.

A tarde já se findava no momento da tão famosa troca de olhares, do reconhecimento entre pessoas que são movidas pela mesma chama. Estavam no mesmo hotel, mas ainda não haviam cruzado seus caminhos. Uma fina garoa caía por tudo, dando um toque bucólico ao ambiente. Joaquim, cansado de ficar preso em salas, palestras e contatos sociais, decidiu ir até o jardim, para aspirar a fragrância das flores e embebedar-se da solidão natural que o mau tempo lhe proporcionaria. Lembrara-se de que ali havia um pequeno banco, protegido, onde poderia sentar-se e ver a chuva a tudo lavar. Mas quem disse que Joaquim permaneceu ali, quieto, acompanhado do silêncio?

A primeira coisa que a atraiu foram as risadas, lhe dando um senso de reconhecimento, certo ar de encantamento, como se já tivesse vivido aquela cena? Os passos e o coração se aceleraram, guiando-o até o jardim que ele planejava ir desde o começo. Foi ali que viu Bya, assim como a fitara, encantado, anos atrás. Ele voltara a ser o menino inspirado e encantado pela beleza do feminino em toda a sua desenvoltura. Ela, o vestido branco grudado no corpo, dançava na chuva, os cabelos soltos, a risada a refulgir no rosto, em plena liberdade, como fizera anos atrás, ainda jovem, capaz de inspirar aquele que se tornaria um grande poeta.

Joaquim a fitava, maravilhado, encontrando diante de si aquilo que nunca mais pensara testemunhar. Bya girando, os braços abertos entre as flores, coberta pela garoa, como se a natureza estivesse abençoando-a. A fitava com verdadeira adoração, as lágrimas a lhe cair pelo rosto, o coração descompassado, as pernas trêmulas. Ela também o sentiu primeiro antes de vê-lo, o olhar a queima-la, lhe aquecer todo o corpo. Parou aos poucos a dança e o fitou, como se sempre soubesse que ele estivera ali. E então suas almas se tocaram, e ela sorriu.

Nada disse. Simplesmente lhe estendeu a mão.

E ele mergulhou na direção dela. Primeiro nos olhares, depois entre os lábios. Por fim,
Acheron - Nacionais

os corpos se fundiram, mais tarde, entre os lençóis aquecidos. Bya o recebeu dentro dela, o pênis duro, ereto, a encaixar-se centímetro a centímetro na umidade fervilhante de sua boceta. O ir e vir das nádegas brancas e musculosas de Joaquim, convidando-a a pedir por mais, forte, com intensidade. As unhas a lhe arranharem as costas, enquanto os gemidos lhe eram sussurrados nos ouvidos. As poesias ali ditas enquanto os dedos dele correram pela bunda arrebitada dela, pelo clitóris, que inchado, latejava, enquanto seus dentes mordiam o lóbulo da orelha da escritora carnal, a prometer-lhe as mais intensas noites em forma de prosa.

E, pela primeira vez, ela também mergulhou nele. Encostou-o na parede e encaixou o pau, curvado para cima, a glande rosada, em seu rabo, oferecendo-o de forma gloriosa. Deu de pé, de lado, por cima, por baixo. Lambeu-lhe os mamilos, a barriga seca, os pelos do púbis, as nádegas rígidas. Marcava a pele branca com a sua paixão. E, no fim, ajoelhou-se diante de Joaquim, a camisinha já jogada em um canto, e como se fosse banhada por algo deveras sagrado, banhou-se no sêmen.

Líquido branco, puro e imaculado, vindo das entranhas daquele homem que sequer conhecia, mas a tocava de forma única. Seu gosto era doce.

Foi ali, que de joelhos diante dele, abocanhou o pau, ainda sensível, disposto a deixar que nenhuma gota se desperdiçasse, pronta para transformar o gozo em prosa. E assim o fez.

Terminaram suas jornadas de conhecimento abraçados, jogados na cama, sem se importar com todos os encontros que ainda os esperariam pela noite afora.

Não precisavam de nada mais. Completavam-se, enfim.

Depois disso, não conseguiram mais se desgrudar. O poeta do desejo e a narradora dos prazeres pareciam um ser único e esfomeado, disposto a vivenciar tudo aquilo que suas palavras narravam. Tornavam-se animais, plenos em cio, transformando seus corpos em perfeitas odes ao orgasmo pleno. Comiam-se pelas velas, recantos escuros, na cama, no banheiro, até mesmo à beira-mar. Insaciavam-se um do outro, as mentes inquietas enchendo-se de sensações que depois tornaram-se líricas palavras, resultando nas melhores obras dos dois.

Não oficializaram namoro ou fizeram um casamento de pompas. Eram contra as regras ou convenções. Simplesmente juntaram as duas casas em uma, meses depois, em um acordo tácito e silencioso, sem alarde de nenhum dos lados. Nem mesmo daqueles que os conhecia, já que ambos passavam todo o tempo livre juntos. Quem aparecesse por lá, repentinamente, ou ia flagrar os dois sem roupa, divertindo-se em algum canto da casa, ou concentrados, em mesas distintas, os dedos inquietos a criar mundos luxuriantes.

Algo abalou o amor ou o tesão entre os dois? Não. Apesar de serem tão destoantes e, ao mesmo tempo, tão complementares, nem a mais intensa briga os inibiu das palavras safadas, dos beijos lascivos, do encaixe dos corpos em um único ritmo. Bya se abria para receber Joaquim cheia de ansiedade, com o mesmo fulgor da primeira vez, sem se importar com o dia ou a hora, e sim com a fome do sexo. Sua vagina ficava à expectativa, faminta por ele. Deixava que Joaquim a penetrasse devagar, a glande rosada, pulsante, já melada de expectativa, a encontrar a sua carne

úmida, abrindo o caminho, centímetro a centímetro. Fechava os olhos e permitia-se sentir, enquanto ele murmurava, em forma de poesia, tudo o que iria fazer com ela ali, naquele instante. Adorava olhar para baixo e ver a sua pele clara, branca, chocar-se com seu corpo queimado de sol. E só então que o pedia para arremeter, com força, forte e intenso, para sentir o seu pau inteiro entrando e saindo, o aroma dos sexos excitados a se friccionarem, o saco de tom róseo a bater em sua bunda, transformando o ato sexual em música.

Para o poeta, não era diferente. Em certo momento, Bya era quem comandava. Jogava-o na cama, no chão, onde desse, e tomava conta da situação, dizendo-lhe palavras deliciosamente sentimentais e obscenas. Lhe esfregava os mamilos enrijecidos na face, saía do seu pênis repentinamente e esfregava a boceta na sua cara, permitindo que ele sentisse o gosto dos dois, misturados, dando um único e inebriante sabor, ou resolvia mudar e dava-lhe o rabo sem perder o ritmo, masturbando-se sentada nele. Cada cena e situação eram inspiração pura para os dois escritores, que nunca escreveram tanto, com uma qualidade textual ímpar. Era como se eles conseguissem transmitir aos seus leitores todos o seu maravilhamento diante do coito. Como se deixassem a porta do quarto aberta, e convidasse todos a participarem de uma apetitosa orgia literária.

Mas se estava tudo bem, o que aconteceu para levar Joaquim ao estado de lamúria do início deste relato? E porque Bya desejara lhe trair? Bom, irei contar para vocês, em detalhes, sobre esse dilema.



Passaram-se dez anos. Uma década em que Bya e Joaquim estavam juntos, entre altos e baixos, sucessos e fracassos. Nos corpos, poucas, mas consideráveis coisas mudaram: alguns fios brancos, linhas em torno dos olhos, o corpo feminino que perde um pouco de suas curvas delineadas, e o masculino que acumula pequenas gorduras onde antes não haviam. Mas o tesão, a paixão, ah... esses nunca mudaram. Perderam aquela urgência de momentos curtos e diversos, durante o decorrer do dia, e tornaram-se arte, delicada e demorada, executada por mestres mais experientes, maduros, e com muito mais disposição em reger o ato com maestria.

Em todo esse tempo, Joaquim era o homem apaixonado, enquanto Bya era o pássaro livre, a força da natureza a derramar-se sobre ele. O poeta fazia questão de manter o romantismo ano após ano, em cada gesto, nas múltiplas ocasiões que tinha para fazer sua companheira feliz. Mas sempre reservava o melhor para o final do ano. Era como se as luzes e promessas de Natal o inspirassem a ser puro amor, dedicação e aceitação total com aquela que lhe era leal, e o queria com a mesma intensa da primeira vez, daquele dia de chuva fina há tanto tempo ocorrido. Adorava surpreendê-la, tirar um sorriso lindo e puro de seu rosto, ver toda a sua armadura sentimental se desfazer e assistir, refletido em seus olhos, a vontade recíproca de ficarem juntos enquanto a vida permitir.

Só que daquela vez, para desespero de Joaquim, ele estava sem ideias. Estavam há dez anos juntos, não dez dias ou meses. Teria de ser algo estupendo, mirabolante, capaz de deixar marcas inesquecíveis no corpo e na alma de Bya. Para isso, deixou que uma pequena fagulha, uma ideia inquietante, tomasse forma em sua mente criativa. Determinou-se a descobrir qual era o desejo mais secreto daquela mulher que o escolhera de peito aberto.

Começou a vasculhar discretamente em suas coisas, mexeu nas gavetas, procurou nos escritos. Sem sucesso. Perguntou para os amigos mais íntimos, pesquisou em seus arquivos na ocasião em que ela fora palestrar em uma cidade fora, mas nada surgia, nem uma única linha. Foi assim que, quando o desespero começou a brotar-lhe, resolveu perguntar a maior interessada — Bya — qual era o seu desejo secreto. Mas não perguntaria assim, em um rompante, dando tempo para que ela pensasse, e talvez não dissesse as verdadeiras palavras que brotavam do seu cerne.

Esperou pelo momento certo, em que estivesse distraída, com a guarda abaixada, para lhe perguntar à queima roupa.

A oportunidade veio dois dias depois. Haviam acabado de chegar em casa, após uma reunião com amigos literatos, regado à vinho, tequila e absinto. Nenhum dos dois exagerara, pois ambos gostavam de ter o pleno controle de suas vontades e corpos, mas Bya estava levemente alterada, as bochechas vermelhas, o corpo como se estivesse prestes a planar. Joaquim, ao seu lado, mais sóbrio, já que ele viera dirigindo, deixou que ela tirasse os sapatos, deixasse cair o vestido longo da cor de uma esmeralda pelas pernas e caminhasse, lânguida, em direção ao quarto.

Foi nesse instante que a abraçou por trás. Sentiu o aroma de sua pele almiscarada de suor e lambeu o lóbulo da sua orelha, vagarosamente, até que ela soltasse um gemido.

— Bya, eu queria te pedir uma coisa... — diz Joaquim, o braço a roçar nos mamilos dela, sentindo-os duros. Bya geme e ele repete a pergunta, de forma dominadora e insistente.

— Você pode ter o que você quiser, amor — ela responde, as coxas já se roçando umas nas outras.

— Este ano eu quero te dar o maior presente de todos — a mão dele escapa pela barriga e desce pela calcinha, os dedos roçando o pano que umedece. — Algo que te dê prazer como nunca aconteceu antes. Realizar o teu desejo mais secreto, aquilo que sempre teve vontade de possuir e nunca pôde ter. Neste Natal quero te fazer a mais feliz das mulheres, Bya. Portanto, conta pra mim — ele tira a base da lingerie de lado e começa a massagear o seu clitóris, que lateja, fazendo-a arfar ainda mais alto. — Qual é o seu desejo mais secreto?

— Não tenho desejo nenhum, Joaquim... Só que você não pare agora — ela exige, arfando, enquanto ele continua a masturba-la.

— Mentira, Bya. Sei que tem algo aí, à espreita. Algo que sempre quis e nunca teve coragem de verbalizar. Algo talvez comum, um mimo, uma lembrança... Talvez algo que nunca pensou em pedir...

— Não me peça isso, Joaquim. Só me fode, por favor — implora Bya, já perdendo o controle.

Ele a acaricia com os dedos e para, provocando-a. Vai deixa-la louca o suficiente para que revele o que deseja de presente. A leva até o quarto, e rasga sua calcinha. A coloca de quatro, arrebita sua bunda e arranca o pau para fora, duro, latejante. Em vez de satisfazer a sua vontade, Joaquim mexe com ela, passando a cabeça em sua vagina, passeia pela vulva, finge entrar e não o faz.

Bya implora, geme, exige, mas Joaquim finge não entender. Exige que Bya fale que é o seu maior desejo, onde reside o seu fetiche. Ela tenta se conter, pois sabe que se revelar a verdade, o castelo antes tão sólido do relacionamento deles irá ruir. Não acha que Joaquim esteja pronto para atende-la, ele é preso demais às convenções para tal gesto.

Por isso, ela nega, como um prisioneiro sob tortura. E ele continua a exigir. Roça a cabeça do pau na sua bunda, bate ele em suas nádegas, fazendo-a sentir o pulsar da vara em sua pele. Esfrega mais uma vez em sua vagina e, como se fosse para lhe dar um gostinho, a penetra de uma só vez até o talo, fazendo-a urrar de prazer, mas depois tira, deixando-a carente.

Aquele gesto era enlouquecedor. Como aquele homem conseguia tirar o seu controle, mesmo depois de tantos anos?

— Não vou dizer nada, Joaquim... Não posso! — Bya tenta se concentrar e provoca. — Se eu te disser o que verdadeiramente desejo, corro o risco de acabar com a sua alegria....

— Quer largar de mim? É isso? — ele hesita por um momento, o coração apertado.

— Nunca, seu bobo... Como consigo ficar longe de você... E desse pau gostoso. Me fode com ele, vai. Para de me provocar e me mete essa vara.

— Só depois que você me contar — diz Joaquim, cada vez mais seguro de si. Ele se agacha e, com a ponta da língua, brinca com o clitóris dela.

É neste momento que Bya desiste. Urra, o corpo em dor tamanha é a vontade. Louca, desvairada, ela joga o seu homem no chão e o cavalga, com lágrimas nos olhos. Sabe que suas próximas palavras irão mudar para sempre o modo de vê-la.

— Eu...Quero...Ser...Fudida...Pelo...Papai...Noel... — diz, em um rompante, entre os movimentos de seu corpo sobre o de Joaquim. De olhos fechados, ela confessa tudo, indiferente às reações de seu poeta, que vai ficando cada vez mais pálido. — Eu quero que o Papai Noel me dê a sua rola de presente, e que você assista a tudo, Joaquim. Cada gemido meu. Quero que me veja gozar dando para o Bom Velhinho apoiada na árvore de Natal. Sempre tive vontade de fazer isso, desde adolescente, quando a boba da minha mãe me fez sentar no colo dele, no Natal dos meus dezesseis anos. O fiz, cheia da malícia proveniente da puberdade e, poucos minutos depois, vi o pau duro dele, grosso, sobressaindo na calça. Essa imagem eu nunca mais esqueci, Joaquim. E nunca deixou a minha cabeça. Agora — Bya acelerou o ritmo, arrancando um gemido alto do seu marido -, que já sabe a minha vontade mais suja, quero que goze pra mim. Me encharque, me inunde com a sua porra.

E, mesmo com a cabeça em turbilhão, Joaquim a obedeceu. Gozou como nunca fizera antes, o sêmen escorrendo pelas pernas de sua mulher, que caiu de lado, satisfeita, mas cheia de receio do que poderia acontecer entre eles nos próximos minutos.

Depois daquele instante, em que ambos quase alcançaram os céus, nenhum dos dois se virou ou tentou dizer nada. As costas, apesar de tão próximas, que uma gotícula de suor poderia uni-los, estavam distantes e frias, como se um iceberg surgisse entre eles, deixando-os incomunicáveis, imersos no sombrio silêncio dos seus pensamentos. O ar tornara-se pesado, denso e incômodo com as palavras não ditas. Joaquim se punia em pensamento, desejando que o momento voltasse, que as palavras insidiosas voltassem para dentro da sua boca e não obrigassem Bya a declarar suas vontades, aquelas que tanto insistira em saber. Xingava-se por vê-la de costas, encolhida, com receio de que ele saia dali correndo, olhando-a como se fosse um

objeto irreconhecível, algo que hesitasse em tocar.

Ele queria chorar, se lamentar, recoberto do cego e irracional ciúmes que o conhecimento daquela confissão lhe dera. Ao saber que sua ferosa mulher desejava que ele testemunhasse um adultério consentido, seu peito se contorcia. Será que o poeta, aquele que declamou milhares de odes sobre seu colo, umbigo, fendas e reentrâncias, poderia se inspirar em ver aquela que lhe inspira derramar-se em desejo por outro homem? Pior ainda, por uma figura tão mítica que povoa a nossa mente desde a mais tenra infância?

Mas como todo escritor trágico, decide deixar que a culpa caminhe somente ao seu lado. Se vira, derretendo todo o frio que os separa, e a abraça com todo carinho e desejo. Passa o dedo sobre suas costelas, rodeia as auréolas que se escurecem, arrepiam e brinca com seus lábios, permitindo que ela gema novamente, de olhos fechados. Imersa e rendida em desejo. Seu pau, indiferente aos seus anseios e dores, desperta novamente reconhecendo o corpo diante de si.

Ela rebola, se abre, se aceita e perdoa-se por exprimir as suas vontades. Vê que, ao mostrar-se demais, não foi julgada ou apontada por querer algo, digamos, peculiar. Joaquim, assumindo ares de alfa, vira-lhe o corpo e se encaixa entre suas coxas. Como um crocodilo a boiar sobre a água, os olhos dele pairam sobre a pélvis dela, a língua a rodear o clitóris, fazendo Bya se arquear. Ele comprime os seios entre as mãos, belisca os mamilos e morde os lábios, incontida, querendo por mais.

— Você quer então ser fodida pelo Papai Noel, Bya? E quer que eu veja tudo, e bata uma punheta gostosa te vendo gozar? É isso...

Ele deseja que ela negue, recuse, finja-se de desentendida. Mas Bya é impulso, irracionalidade, tempestade prestes a alcançar o gozo.

— Sim — ela grita, eufórica. — Sim, meu homem, meu poeta devasso. — Sem se conter, ela esfrega toda a vagina na face de seu marido. Melada, ela o lambuza, enquanto reafirma a sua posição de dona, deixando marcada a pele dele com o seu cheiro de cio — Quero que seja você a realizar o meu desejo... Já que não vejo outra pessoa a me olhar, a se inspirar em mim. Se não for com você, não farei mais nada. Se não sou sua, de quem mais eu serei?! — suplica ela, entre lágrimas, diante de Joaquim, que a chupa de forma dedicada. E com um grito, talvez com uma nota de alívio por se livrar de tamanho anseio, ela goza mais uma vez, deixando o seu sumo adocicado na boca daquele que escolhera para viver a vida toda.

Ele a fita, por um momento, ciente de que não há nada que possa fazer. Já não é possível voltar atrás, desfazer o que foi escrito nos livros do tempo. Por isso, ele sobe o caminho pelo corpo de Bya, com pequenos e sonoros beijos. Fita os olhos dela, enevoados de tantas indagações e, ensaiando um sorriso meio frio, um pouco sem jeito, ele diz.

— Tudo bem, meu amor. Irei realizar o seu desejo.



Alguém consegue imaginar como o nosso nobre Joaquim sofreu com essa ignóbil proposta? A voz de Bya, com tão inesperado desejo, invadia os seus sonhos à noite, fazendo-o se revirar na cama, tirava sua fome, sua inspiração, o inquietava. Quando ela não estava o observando, ele a mirava com uma tristeza infinda, sabendo que iria entregar a mulher que tanto amava para outro homem. Por fora, fingia que tudo estava bem. O assunto não era discutido em altos brados, pois Joaquim nunca descumprira algo que prometera a dona de sua alma. Mas, por dentro, ele sentia-se como um condenado, a caminho de sua execração pública.

Sabia que eram poucas horas de prazer alheio, mas, em sua mente, elas se traduziram em um tormento incapaz de ser definido em meras palavras. A hipótese de entregar Bya aos seus desejos sacanas, na opinião de Joaquim, era como oferecer a sua alma, sua inspiração, para ser dilacerada por incautos, degredados e ladrões. Era como conspurcar algo tão precioso como o ideal romântico que sua mente tantas vezes criara.

Mas nós sabemos que, no momento necessário, Joaquim deixará o seu machismo arcaico de lado, e porque não, se permitirá de orgasmos nunca antes imaginados? Nada de adiantar as coisas. Tudo tem a sua hora certa de ser dito.

Bom, sei que vocês devem estar se perguntando: como esse escritor sabe tantos detalhes desse acontecimento? Porque ele resolveu presentear os seus leitores com essas tão picantes cenas?

Talvez seja, porque, dessa vez, eu as tenha visto... Não a parte que estão curiosos para conhecer, infelizmente. Mas assumo que ficou sob minha responsabilidade uma parte deveras interessante dessa trama.

Sou amigo de Joaquim e Bya há alguns anos. Nos conhecemos em um evento literário sobre romances femininos e erotismo e nunca mais nos desgrudamos. Ficamos muitas vezes na residência deles, bebendo vinho e falando sobre livros. Tínhamos ideias interessantes e grandes *insights* juntos. Eu, um autor que adorava descrever os desejos e a força das mulheres; Joaquim, o romântico inveterado, imerso na sua sedução poética; e Bya, claro, com seu jeito moleque de descrever o sexo. Sempre nos demos muito bem, um trio que se completava. Sem a parte sexual,

Acheron - Nacionais

é claro. Inclusive, eles nunca me julgaram por tamanho, peso ou orientação sexual. Eram capazes de ver a minha alma como poucos e, por retribuição, sabiam que podiam contar sempre comigo.

Foi por isso que Joaquim resolveu me procurar, faltando um mês para o Natal, feriado que o pobre antes amava, mas conforme os dias daquele ano se passavam, enchendo o clima de festa, mais ele se fechava em sombras, o medo torturante da traição consentida a ecoar pela sua cabeça. Ligeiramente bêbado, altamente apaixonado, mal abri a porta do meu apartamento e o vi jogar-se em meus braços, com lágrimas sentidas. Nem sequer fez festa com os meus gatos, gesto que fazia toda vez que me visitava.

Esperei que ele se acalmasse e perguntei o que ocorria. Foi assim, que de uma vez, sem respirar, ele contou sobre o presente de Natal da esposa, *o maldito presente que prometera para Bya* (foram palavras dele, não minhas). Assumo que, em um primeiro instante, fiquei estupefato. Nunca imaginara Joaquim, o cavalheiro fugido diretamente de uma obra romântica de séculos passados, permitir-se ao *voyeurismo*. Mas a surpresa foi quando ele pegou em minhas mãos, fitou-me e fez o pedido que me jogou diretamente no meio desse rodaminho.

— Danilo, preciso que me ajude em uma coisa... Quero que você arrume o Papai Noel para mim. — disse, como se me sussurrasse um segredo.

— Oi? — Será que estava entendendo direito? — Amado, você deseja que eu escolha o cara que vai comer a sua mulher? Entendi direito?!

Ele assentiu, sem graça.

— Sei que tem um bom gosto para homens, meu caro. Não irá me decepcionar... Isso é um pouco demais para mim. Reservarei o quarto de motel e lhe passarei o dia e horário. Só preciso que garanta a presença do *presente* ao encontro...

Quase ri ao comentário dele sobre o meu bom gosto para homens. Havia acabado de sair de um relacionamento desastroso, em que o belo visual do pretendente havia mostrado uma personalidade vazia e sem escrúpulos. Estava fugindo do mais simples contato visual, com toda certeza. Mas como recusar ao pedido súplice de tão atormentado amigo? Como fingir indiferença em um momento, para mim tão simples, já que não acreditava nos limites do prazer sexual, mas que para ele era torturante?

Bom, quem sabe isso não poderia ser interessante?

Aceitei, meio sem graça, para alívio do meu amigo poeta. Antes de ir embora, ele deixou bem claro, sua última exigência:

— Escolha como se fosse para você, meu caro escritor.

— Pode deixar, amado... Pode deixar... — disse, fechando a porta, a mente em alvoroço com tamanha responsabilidade. Tinha poucos dias para encontrar um homem que representasse todos os meus fetiches mais secretos e, ainda, se vestisse de Papai Noel para um encontro inusitado, a três.

Pois é... Eu tenho o sutil defeito de, por excesso de bondade, me afundar em problemas

que não são meus.

Mas existem algumas vezes, algumas poucas ocasiões, que a sorte também agracia aos tolos. Nesse caso, a pessoa que vos fala.

Vou explicar o porquê, e acho que apreciarão, sem moderação.



A busca incessante pelo mítico e sexy Papai Noel levou vários dias, sem hesito. Em minha tola inocência, achava que era só entrar em algum site de acompanhantes e *voilà* — teria um belo espécime masculino embrulhado para presente. Mas as pesquisas se revelaram infrutíferas, pois não conseguia imaginar nenhum daqueles homens no famoso traje vermelho e branco. Eram novos demais, magros em excesso, rostos lisos ou vozes demasiadamente agudas, o que não caberia na fantasia. Tinha de ser o homem ideal, um belo exemplar de urso, masculinidade e sedução à flor da pele. Alguém que a minha mente inquieta de escritor pudesse imaginar na cena.

Talvez, por criar tantas expectativas em ardorosa missão, ela tenha se transformado em algo tão difícil. Descartava fotos e entrevistados com desdém, sempre encontrando um defeito para muitos simples, transformando-se para mim em algo quiçá dramático, grandioso. Procurava, de forma inconsciente, alguém utópico, idealizado, que povoasse os meus sonhos, que fosse um presente para mim e não para Bya. Tomei aquilo como missão de vida, e fiquei em muitos momentos prestes a ter uma síncope, quando decidi ir, junto a alguns amigos, no *Bear Claw's*, uma boate recém-inaugurada na cidade. Sentia a necessidade de me desassociar daqueles problemas e me adentrar no desfile de carnes já conhecido, expor a minha grande figura, cujo estado civil havia sido recentemente alterado.

E foi lá, em um lugar completamente inusitado, que encontrei o meu senhor *Uau! Uau! Uau...*

Na verdade, não espere que eu diga que nossos olhares se cruzaram e constatei que ele seria o presente ideal para Bya. Ou que nós nos esbarramos, ele sorriu e eu pensei que serviria para mim, e seria ideal para o meu amigo ofertar à sua esposa. O Filipe, nome que me foi apresentado, e a casa noturna inteira, levou todos ao delírio, quando apareceu no palco, ao som de *Freedom 90*, vestido de... conseguem imaginar?

Isso mesmo. De Bom Velhinho.

Só que, naquele caso, bondade era o que não exalava de seus poros. Devia ter quase 2 metros de altura, pele clara, cabelos jogados e barba cerrada de um loiro quase branco, e olhos

escuros, enigmáticos, prontos para te desvendar. Seu peito, cabeludo, era visível através da roupa aberta, com pelos dourados alinhados sobre o peito largo. Enquanto ele dançava, livre como a música declarava, mas sem perder em nenhum momento a sua masculinidade, meus olhos seguiam pelo caminho de pelos grossos que desciam abaixo do seu umbigo, prometendo loucuras.

Sua energia sexual era tão palpável que não apenas eu, mas todos ao meu redor, independentemente da idade, credo ou gosto pessoal, deixou a imaginação voar solta, sem freios, tendo Filipe como protagonista. Fui tomado por calores como um adolescente, os olhos brilhantes e uma euforia crescente. Meu sorriso desenhou-se na face, menos aberto, mais convidativo, disposto a promessas que minhas palavras não seriam capazes de cumprir.

Foi só aí, a partir desse momento, que nossos olhares se cruzaram. E como se estivesse dançando para mim, seus olhares promissores e insondáveis, Filipe começou a se despir.

Mordi os lábios, instintivamente, em expectativa. Vi os braços largos, capazes de abraçar e prender, o peito e o tronco recoberto de pelos, fazendo com que eu imaginasse como seria o contato dele com a pele nua... Da Bya, é claro. Sorrindo, claramente em minha direção, ele ameaçava abaixar a calça, levando a plateia a loucura, com gritos de *tira, mostra tudo* e outras banalidades.

Mas, tão intensamente quanto começou, o espetáculo se findou. E quando o belo homem arrancou a calça vermelha, em um gesto brusco, as luzes se apagaram, deixando seu corpo nu e largo não visto, para a eternidade dos pensamentos pecaminosos.

Ainda inebriado pela visão, e determinado a descobrir quem era o poderoso homem que desfilara diante dos meus olhos, deixei que a minha vista se acalmasse por alguns momentos daquela visão tão sensualmente tentadora.

— Uma dose de tequila, por favor — pedi ao sorridente barman, na tentativa de criar um diálogo. Assim que me aproximei para pegar a minha dose, comecei a minha investigação nada *sherlockiana*.

— Moço, deixa eu te perguntar uma coisa... Como chama aquele bonitão que saiu do palco agora? O Papai Noel...

Ele começou a gargalhar, como se aquela pergunta fosse executada de praxe pelos visitantes da casa.

— Aquele é o Filipe. Um dos *gogos* que mais faz sucesso por aqui...

— Você sabe se ele faz serviços por fora? — continuei o meu “discreto” interrogatório. — Aquelas coisas que envolvem *penetração*, sabe? — Pois é, foi exatamente dessa forma que eu disse. Sempre digo que o caminho do meu cérebro para os lábios é extremamente curto. Apenas uma bela e rápida descida. Quando dei por mim, falei. E apesar de ficar bem vermelho depois que profiro minhas palavras, não posso voltar atrás. Afinal, na vida não existe o botão *rewind*.

O cara me olhou com uma cara de espanto, em um primeiro instante. Por isso, antes que

tirasse conclusões precipitadas, decidi me explicar.

— Não é para mim não, bonito. Queria oferecer ele de presente para uma amiga minha... Mulher, entende? Vagina, pepeca, racha... Buceta...

— Sei... — ele me encarou, como se não acreditasse. Fui ficando cada vez mais sem graça. Tudo bem que para ter um homem daquele junto de mim até compensaria o investimento... Mas não é uma prática costumeira minha. Assumo, nunca paguei para dar e receber prazer de ninguém. Acho que talvez por medo de me apaixonar, vai saber? Mas vamos parar com os devaneios e voltar à trama, não é mesmo? Vocês devem estar ansiosos com esse desfecho.

— Bom, isso eu não sei te dizer — o mocinho, que parecia o Gato que Ri da Alice, continuou. — Na verdade, tem pouca coisa do Filipe que sabemos... Ele não se mistura muito com a galera não, sabe? Faz o show dele, pega o dinheiro e se manda... O pessoal do bar até tentou puxar assunto, alguns deram de cima do cara, mas ele nem deu moral. Teve até um dia que o Douglas, o moço do caixa — disse ele, apontando para um moreno de lábios voluptuosos que estava sentado há poucos passos de nós — tentou alfinetá-lo, quando Filipe recusou mais um convite para sair. Comentou que ele era muito antissocial, que ninguém sabia nada da vida dele e tal. Sabe o que ele respondeu?

Neguei com a cabeça.

— Eu vim aqui para trabalhar, não para fazer amizades — falou o rapaz, fazendo uma cara de mau humor que eu imaginava muito bem no rosto do homem que vira há pouco no palco. Pelo jeito, o Papai Noel escondia uma grosseira besta dentro de si.

— Caramba! O cara é sempre assim?

— Não, longe disso — ele tenta atenuar a situação. — Ele é sempre educado, sabe. Cumprimenta as pessoas, sorri e até brinca em alguns momentos. Mas não se abre, entendeu? É como se não fosse nada interessante para ele isso aqui...

— Bom, um brinde à Filipe, o misterioso Papai Noel, e os seus segredos — digo, chupando o sal e o limão e virando o líquido quente entre os lábios, deixando que ele tome o meu corpo e o relaxe por alguns instantes. — Ainda bem que ele tem a beleza para se sustentar. Como diz a célebre frase — disse, devolvendo a ele o copo. — *Ainda não vi ninguém que ame a virtude tanto quanto..*

— *Ama a beleza do corpo* — diz uma voz grave na minha orelha, fazendo que um arrepio involuntário subisse pelas minhas costas. Olho o Gato que Ri que tirou o sorriso da face e, pálido, tenta disfarçar, como se estivesse sendo pego no flagra. — Ótima frase de Confúcio. Será que posso ser classificado nesses homens que utilizam do corpo para ser admirado? — A mão dele percorre os meus braços, a respiração dele à altura dos meus ouvidos. O barman estende mais uma dose de tequila, que uma grande mão branca pega gentilmente e quase some, atrás de mim.

Penso que ele vai se afastar, meus olhos quase se fechando para não perder o momento,
Acheron - Nacionais

como se o mundo inteiro estivesse hesitante, sem saber como dar o próximo passo. Mas a anônima presença permanece ali, o corpo alheio uma tênue presença a se encostar às minhas costas. Mordo os lábios de forma involuntária, prestes a perder o controle. Para encontrar o meu foco, tento converter em minha cabeça as sensações em palavras: o frêmito, a energia, o calor sensual de dois corpos que ainda não se tocaram... Mas ele volta a falar, e é só a voz dele que me guia.

— Eu senti o seu olhar sobre mim, sabia... A cada passo que eu dava, encima daquele palco, não sei porque, mas eu fazia para você. Sabia que tinha, de uma forma ou de outra, terminando a noite aqui, te conhecendo... Gosto de pessoas, sabe? Não me apego ao sexo, sabe. Para mim, o que os outros carregam entre as coxas não muda nada, desde que possamos nos dar prazer... Ah, antes de prolongar o assunto, a minha tequila eu gosto apenas com sal.

O que ele estava dizendo? Seria possível que quem estava atrás de mim era o homem que ocupara os meus pensamentos e assuntos aquela noite toda? Estava pensando em lhe fazer uma pergunta, quando algo embaralhou-me os pensamentos, tirou o meu eixo, mandou a minha racionalidade às favas. Senti os lábios dele chuparem o meu pescoço, vagorosamente, sem pressa, a língua rodeando o lóbulo da minha orelha. E, para que eu não fugisse, um dos seus braços me prendeu com força pela barriga, enquanto minhas pernas pareciam se liquefazer. Eu me transformava diante do barman, que nos fitava incrédulo, em puro fogo líquido.

— Hum, está no ponto — disse Filipe, antes de sorver a tequila em um só gole. Por fim, me virei e fitei-o diante de mim, em toda a sua exuberância. De camisa social, calça jeans justa e uns óculos no rosto, ele parecia outra pessoa, mais séria, conservadora talvez. Mas, para mim, naquele instante, capaz de proporcionar êxtases incalculáveis. Eu só não poderia esquecer qual era o meu real objetivo com ele.

— Quer dizer então que gosta de homens e mulheres? — ele assente, os olhos fixos nos meus. — Entendi... Sendo assim, o que te chama a atenção nas pessoas?

— Inteligência, meu caro. Como pode ver, isso é uma coisa que não se vê por aqui... Já conheço os seus escritos, Danilo. Apesar de ter uma grande preferência mais pelos seus romances do que os eróticos... Erotismo eu prefiro proporcionar, entre quatro paredes.

Fui me surpreendendo cada vez mais com as palavras de Filipe.

— Meu querido, confesso que fico lisonjeado por ter um fã tão inspirador quanto você — ele ri e se aproxima, me puxando para si como se eu estivesse ali aberto para o seu deleite. — Mas eu estava te olhando no palco porque você se encaixa exatamente em algo que preciso fazer... Por isso, gostaria de te falar sobre uma proposta...

— Não precisa nem pedir — ele diz, os lábios se aproximando rapidamente dos meus, dispostos a tirar o meu foco. — Como recusar algo de um escritor que eu admiro. Sou seu amigo há alguns anos nas redes sociais...

— Jura? E como eu perdi isso? — falei sem pensar. Mas tinha de voltar ao foco inicial. — Mas não é para mim... Gostaria que você fosse um, digamos, presente, para uma amiga

minha...

— Hum, interessante... — ele parou, por um momento. — Façamos o seguinte: a gente sai daqui, vai comer alguma coisa e você me explica essa história direitinho, certo?

— Tudo bem. Vamos embora — tentei me levantar, mas sem que eu pensasse ele me puxou novamente para junto dele. — Mas antes... — ele disse, sem me dar chance de pensar. Sua boca veio, úmida, esfomeada, nervosa, devorando a minha. Entramos em um acordo tácito, onde a delicadeza e o cuidado foram descartados, deixados de lado. Só nos restava a ânsia de dois iguais a se desejarem. Da minha cabeça sumiram os anseios, as preocupações e dúvidas. Me perdia na aspereza da sua barba junto com a minha, a maneira que a língua dele me desbravava e a forma com que nos encaixávamos, sabe, como se os nossos corpos se reconhecessem. Fechei os olhos e me deixei levar por aquele beijo, que parece ter durado uma fração de segundo.

Quando, por fim, ele me largou, mordendo o lábio inferior, me senti perdido, meio órfão, pela primeira vez sem palavras que pudessem descrever o que sentia. Deixei que ele me pegasse pela mão e me levasse dali para onde quisesse. Na busca do presente de Bya, havia encontrado o meu.



— Deixa eu ver se entendi. O seu amigo precisa de um Papai Noel para comer a mulher dele, de presente de Natal. E ele vai ficar olhando, é isso? — Filipe diz, sorrindo, comendo mais um pedaço de pizza.

— Pois é... Sempre foi um desejo dela, algo que nunca teve coragem de expor. Acho estranha a maneira como as pessoas são tão livres em alguns pontos no quesito sexualidade, mas em outros se bloqueiam, suprimem as vontades, por receio de se exporem.

— Ou talvez ferir os sentimentos do parceiro. Pois, como você mesmo disse, ele está bem incomodado com a situação.

— Acho que foi pego de surpresa. Ele não esperava aquela resposta vindo dela. Querendo ou não, admita que é um pouco inusitada a ideia, não é?

— Não me surpreendo com fetiches. As referências vêm dos mais diferentes lugares. A partir do momento que pensamos, imaginamos, podemos transformar as concepções mais angelicais em ideias devassas. Basta não se limitar e conversar com o seu parceiro.

— No seu caso, ou parceira, não é? Ou os dois.

— Acho que estou querendo ficar com uma pessoa só... A festa, às vezes, cansa — disse, olhando fixamente para mim. Engoli em seco e tentei não retribuir a indireta. Afinal, nos conhecíamos há poucas horas.

Sim, horas. Mal havia percebido o tempo passar ali, sentado ao lado dele na pizzeria. A conversa entre nós fluíra de prontidão, indo para os mais variados assuntos, de sexo à literatura. Descobri, para minha surpresa, que Filipe tinha 30 anos e fazia doutorado em Letras, cujo tema do trabalho era a figura do feminino na literatura brasileira, fato que me identifiquei prontamente, pois tenho verdadeira paixão pelas fortes protagonistas literárias, tanto que elas permeiam todo o meu trabalho de escritor. Vendo-o ali, completamente relaxado, agindo como se fosse um velho conhecido, até mesmo um namorado nas horas que furtivamente pegava na minha mão, começava a entender o seu modo de ver o mundo. Curiosidade e excitação me tomavam, ao pensar como ele poderia gerir dois mundos tão opostos e complexos dentro de si.

Indaguei porque se expunha ali, naquele clube; o que levava um homem tão apaixonado por cultura e conversas filosóficas como aquelas que estávamos tendo, a ser um objeto de desejo, algumas horas por semana.

— Por dois motivos — ele me respondeu, sem se intimidar diante das minhas múltiplas perguntas. — Primeiro, o dinheiro, é claro. É muito divertido fazer o que gosta, libertar os seus fetiches, e ainda ganhar com isso. Ver aquelas pessoas me olhando, me desejando, excitando-se comigo de tal forma que levem um pouco da intensidade do prazer para as suas vidas muitas vezes vazias, é bom demais. Penso em um dia escrever sobre isso. Pode parecer meio egoísta? Sim, é, completamente. Mas ali, dançando, não preciso ser ninguém mais... Sou apenas corpo em movimento. Sempre apreciei a dança como forma de fuga. Só que meu pai não permitia, falava que era *coisa de viado*... Como se isso mudasse algo — comentou, ensaiando um sorriso meio melancólico. — Um dia, fui ali com uns amigos, para dançar, e o dono da boate me viu dançando. Foi ele que me chamou para trabalhar. Nunca me perguntou nada da minha vida, ou sequer tentou me relar a mão. Foi extremamente profissional. Deve ser por isso que aceitei. Uma ou duas vezes por semana, dependendo o mês e o andamento da faculdade, apareço por lá, danço e vou embora.

— Nunca teve medo de encontrar alguém? Um conhecido?

— E se encontrasse? O que o tornaria diferente de mim? Não estamos ambos indo para um lugar realizar aquilo que nos dá prazer?

Só pude concordar com ele.

— Bom, voltando ao assunto da sua amiga... Eu estava pensando na sua proposta... E a ideia é bem interessante. Acho que vou aceitar sim, a proposta.

— E quanto cobrará? — perguntei, indeciso. Um misto de alívio e tristeza me assolou naquele instante. Algo que não conseguia discernir. Estava contente, pois havia resolvido a questão que Joaquim havia me imposto. Mas, por outro lado, estava triste, pois sabia que não havia mais nada que fizesse com que Filipe e eu nos víssemos após esse encontro. Parei por um momento, estarecido diante daquela constatação? Será que aquele homem, ao se mostrar, despertara em apenas um beijo e algumas horas de conversa, sentimentos que eu não me julgava preparado para possuir novamente?

Deveria estar em delírio, isso sim.

— Você vê o meu preço. Deixo que você faça isso por mim... Como eu disse, eu faço, mas com uma condição?

— Qual? — eu pergunto, tentando tirar aquelas ideias loucas do meu pensamento.

— Que você vá para a cama comigo. Não só uma, mas várias vezes...

— Oi? — Quase engasguei com o pedaço de pizza.

— Quero ser seu, o que rolar. Namorado, amigo colorido ou apenas um corpo. Pouco importa. Eu quero te conhecer, na intimidade. Despir de você, o papel de escritor e descobrir o

Acheron - Nacionais

homem...

Fui tentar falar algo e ele me calou, os dedos sobre os meus lábios. Começou a acariciá-los, sem se importar com quem estivesse presente. Aproximou-se do meu ouvido e disse, em um tom confidencial:

— Quero fazer você se apaixonar por mim. Vamos falar de livros, ver filmes juntos e assistir os musicais que você quiser. E não quero isso devido a status, dinheiro ou beleza. Sempre te admirei, à distância, que cabe os autores de seus leitores e, ao olhar nos seus olhos essa noite, alguma coisa despertou, aqui — colocou a mão em seu peito — e aqui — murmurou, levando a minha mão até o meio das suas coxas, me fazendo suspirar de forma involuntária. — E para descobrir, preciso não só te beijar, uma ou duas vezes. Eu quero te fuder. Gostoso, bem devagar... E quero que me foda, como desejar. Preciso te lamber, te chupar, te ouvir gemer. Saber se é o cara que fala sacanagens no ouvido e acompanhar a sua escrita sobre os seus ombros. Você e todas as possibilidades que posso vivenciar ao seu lado me atraem como um imã. Por isso, eu vou repetir. Eu transo com a sua amiga, com o maior prazer, como se estivesse fazendo com você. Mas se você for meu... talvez, quem sabe, inicialmente, por um mês? — concluiu, como se estivesse negociando os meus direitos autorais, e não o meu corpo... Ou até mais do que eu gostaria de mencionar.

Fiquei estarecido por um tempo. Filipe queria mais do que dinheiro, tudo bem? Teria alguns momentos divertidos, com certeza! Mas quando falou que estava disposto a fazer com que me apaixonasse por ele, quase dei um passo para trás, tornei-me arredio. Estava saindo de uma sucessão de encontros desastrosos, após um longo relacionamento cheio de altos e baixos. Não sabia se estava disposto a colocar o meu coração em jogo... Ainda mais que algo naqueles olhos amendoados mexiam comigo, de uma maneira que fazia tempo que não sentia.

Vai dar merda, pensei comigo mesmo antes de desenhar a minha resposta. Respirei fundo e, por fim, me declarei.

— Aceito a sua proposta, Filipe... Mas, caso eu me apaixone por você, deixo bem explícito que sou ciumento. E que se quiser dançar, vai ter de ser só para mim.

— Sem problemas — ele disse, me dando um beijo na boca tão intenso que todos pararam para ver. E, pela primeira vez, não me preocupei com a minha imagem pública, ou com o que pudesse parecer.

Terminei a noite no apartamento dele, em um bairro perto da Universidade. Não entrarei em detalhes sobre aquela primeira noite, já que o conto pertence a Bya e a Joaquim, não a mim. E como autor dessa história, a melhor parte é deixá-los na dúvida, na ânsia de saber se isso foi real ou também parte da minha imaginação. O que posso dizer é que aquele homem, sem nenhuma roupa que o cobrisse, é um espetáculo... E que além das tatuagens, possui um piercing em determinadas partes de sua anatomia que nunca imaginei que fosse capaz de proporcionar tamanho prazer... O resto, deixe que a noite com a Bya conte, em detalhes, para vocês, ok?

Bom, agora que tudo foi explicado, voltemos aos meus amigos e ao tão polêmico

pedido. Retornaremos a tão triste imagem, do nosso poeta a caminho do tão famigerado encontro, em um quarto de motel desconhecido, para ver a sua musa, o seu eterno objeto de desejo, derramar-se em gozo nas mãos de outro.



Joaquim caminhava em seu passo trôpego aquela noite, em direção ao seu destino final. Mesmo magoado, tendo todos os seus ideais românticos, monogâmicos e arcaicos despedaçados, o gentil poeta planejou cada detalhe de seu presente para ser especial, cada traço feito de forma a demonstrar todo o seu amor pela mulher que faz tempestade em seu peito, aquela que após o coito derrame os seus cabelos em seu peito como chuva e ressona, saciada. Pensou primeiramente em levá-la a um motel, mas julgara impessoal, anônimo, sem identidade. Depois, pensaram em um quarto de algum hotel chique, destes muitos espalhados pela cidade, só que reservas na sazonalidade de Natal e Reveillon era quase uma impossibilidade. No lar deles nunca fora cogitado, deixassem para a fantasia o local de fantasias, longe de suas realidades. O poeta não se imaginava andando pela sua casa, fonte de tantas lembranças ternas, e ver com a mesma forma o lugar onde vira o Papai Noel chupar a buceta de sua esposa... Só de pensar na ideia, sua alma se confrangia. Por isso, optou em alugar um flat, mobiliado, durante uma semana, cuja última data seria a do tenebroso dia. Um dia negro, de medo e receio para Joaquim. Um lugar que Joaquim ambientou para que ficasse o mais propício possível, com todo o ambiente natalino que ali poderia haver. Luzes, árvore de Natal, cama com lençóis de cetim vermelho e uma confortável poltrona, para que Joaquim se sentasse, onde Bya e ele pudessem se observar.

Mas porque Joaquim, que passaram tantos anos ao lado de Bya, e conhecia o seu espírito indômito, se incomodava tanto com a situação? Ao caminhar, ainda cercado pela dor, ciúmes ou sei lá o que conseguisse definir, Joaquim pensava no porque se fechara em copas após tão excêntrico pedido da esposa. Porque, uma coisa era fato: após as palavras de Bya e o seu aval de que realizaria o seu desejo, uma sombra parecia pairar entre eles. Ficaram mais sisudos, mais normais talvez, fechados em copas, pensando em quantas palavras ainda não haviam sido ditas entre eles, quantas vontades deixaram de cumprir em nome da lealdade ao outro. Ainda riam, se amavam, a cumplicidade permanecia, mas era impossível negar o quanto ver a saciedade dos prazeres secretos de Bya incomodava Joaquim, o quanto a ideia de vê-la obtendo prazer de outro, aquilo que era apenas dele, o destroçava. A ideia de compartilhar a artista não o incomodava, sabia que suas palavras e gestos teatrais, sua inspiração era de domínio público, pertencia ao mundo. Mas aquela mulher, despida de máscaras, era apenas sua...

Mas quem disse que deixará de ser? — sua alma, a lírica, lhe indagou, tão alto que fez o seu passo hesitar. — Porque esse despeito com uma coisa que nunca foi sua? Bya também não tem de dividir o seu eu poeta diariamente com aqueles que vislumbram seus textos? Suas palavras não são espalhadas pelos quatro campos? Ela também não se contenta apenas com o homem que é, despido de máscaras, dentro de casa?

Sim, ele balança a cabeça, analisando o quanto parece egoísta, fechado somente em suas dores. Se Bya não lhe fosse leal, não guardaria o seu desejo por tantos anos, em paixões solitárias, dentro de um local onde pudesse dar vazão aos anseios, sem ser julgada. Por isso, em um rompante de paixão, se abrira para ele, disposta a partilhar um lado seu, devasso e de gozo, que nunca tinha feito com ninguém. *E eu, que nunca a vislumbrara como um ser diferente de mim, a julgara pela primeira vez...* Assim concluíra pela primeira vez o homem que tanta falara que lutaria contra essa desigualdade exacerbada entre os sexos. Pusera-se a pensar que casamento era aquele que imaginara, onde o conceito do “meu corpo, minhas regras” que tão belo achava, caía por terra quando sua mulher desejava ter a carne invadida por outro, mas não sua alma.

Joaquim sorria pela primeira vez em dias, ao lembrar que sua mulher, mesmo nos rompantes mais intensos, estivera ao seu lado. Nos momentos de raiva ou nos momentos de gozo, os olhos dela estavam fixos nele, presentes, dedicando-se completamente a transforma-lo em seu alvo, seu reflexo. Via assim, que Bya não estava disposta a dar para outro cara, mas receber um presente que ele mesmo propusera, jogara às claras e insistira constantemente em deixar presente entre eles. O prazer oculto na mente de Bya ia tomar corpo porque ele, Joaquim, assim quisera. Em nenhum momento ela lhe pedira ou exigira. Apenas receberia, de corpo e alma, como tudo que havia sido ofertado por ele antes.

A alma dela, inteira, ainda queria, dia após dia, caminhar ao lado da dele. Não eram metades, eram inteiros, seres complexos e plenos, dispostos a caminhar juntos, sempre.

Mais determinado, Joaquim foi e chegou até o prédio. Resolvera estacionar o seu carro em um local próximo, pago, deixando que Filipe utilizasse a vaga disponível. Era muito mais fácil um casal caminhar pelas ruas da cidade naquele período do que um Papai Noel musculoso de quase dois metros de altura, convenhamos... Bya o esperava na porta, inquieta, indecisa, mas parecia lhe faltar felicidade. Esperou que ele chegasse, impactada por um momento pelo homem que sorria para ela, como há algum tempo não via e, por receio de perdê-lo, disse:

— Vamos desistir disso, meu amor... Vamos embora.

— Não, Bya. Vamos satisfazer o seu desejo.

Ela o abraçou, os olhos devastados querendo derramar em lágrimas. Aninhou-se nos braços de Joaquim, com o encaixe perfeito de sempre, e suspirou. Apenas um som que parecia conter todas as dores do mundo em si...

— Para que realizar um desejo momentâneo, um gozo, um sopro, se você não deseja fazê-lo comigo? Se formos seguir adiante, quero que não apenas me compartilhe, desejo que

compartilhe essa experiência comigo... Anseio por gozar, sorrir saciada diante da liberdade da minha vontade. Mas não consigo te ver fazer isso com sofrimento, não quero ver lágrimas nos seus olhos, em vez da porra no seu pau... Pela primeira vez, temo que o preço da minha alegria, mesmo que de poucas horas, seja grande demais.

Joaquim fez Bya fita-lo. O sorriso, sereno, permanecia em sua face. O medo havia o abandonado, de maneira definitiva. Sabia o que tanto o incomodava e agora era hora de verbalizar tudo aquilo.

— Fiquei pensando o que tanto doía em mim, Bya, o quanto a realização do seu desejo me incomodava... E sabe o que era? Medo. De te perder, de me perder, de não conseguir mais realizar suas fantasias, de fugir diante do inesperado... Cerquei-me de dúvidas e receios diante de um dilema que eu mesmo havia criado. Era o doutor Frankenstein, maravilhado e temeroso diante da criatura que forjara com as próprias mãos. E fiquei em meu canto com medo de estragar tudo se falasse algo, destruísse o que nos une de modo único, em perfeita sinergia. Foi aí que percebi que aquilo capaz de nos unir está além do sexo, não é palpável... Nem egoísta. Não tenta suprimir e sim libertar. Por um momento, me senti comum. Preso às convenções e naquilo que vão pensar de mim ou de você. E me odiei...

Ambos começaram a rir antes de que Joaquim concluísse o seu raciocínio. Ele pegou gentilmente o rosto dela e trouxe até o seu. Os lábios se reconheceram e vibraram, em frêmito. Beijo com gosto de lar, de afetividade, de lealdade como poucos casais têm no mundo. Um beijo de amor verdadeiro, como nenhum conto de fadas foi capaz de descrever.

Quando, por fim, se afastaram, a determinação nos olhos de ambos era outra. Um ar de curiosidade e sacanagem despertara em ambos, dispostos a se permitir experiências que antes nunca imaginaram, ou julgaram inconfessáveis. Uma sensação que se derramou dos olhos para a boca, fazendo com que os lábios, úmidos, se abrissem ao mesmo tempo. Joaquim, o poeta, agora — porque não — aceitando finalmente o seu lado erótico, abraça Bya e murmura, em seu ouvido, de forma extremamente sensual.

— O que acha de a gente subir agora para trepar com o Papai Noel?

Bya se arrepiou, diante da voz do seu marido e de tão deliciosa sugestão. Ela, a escritora das devassidões, que descobrira nos últimos dias, que também tinha o seu lado poeta e romântica, conteve o seu gemido. Respirou fundo, pegou na mão de Joaquim e murmurou, em concordância.

— Acho a ideia ótima.

Subiram os dois determinados a viver uma experiência inesquecível, ímpar em suas vidas. Filipe já os esperava, vestido à caráter, os esperando, sentado no sofá da sala.

Chegou a hora de despir o presente. Portanto, prepare-se! Já aviso, de antemão, que nunca mais verá o Natal, e sua figura mais representativa, com os mesmos olhos.

UMA LIGEIRA PAUSA ANTES...

Bom, eis que chega a famigerada e ansiada hora da entrega dos presentes. Afirmo desde já que não estava lá, no exato momento do ato. Tudo que narrarei para vocês, através destas linhas, ouvi dos próprios envolvidos, já que preferi me abster de maiores informações. Os momentos que passei ao lado Filipe — e também acima e abaixo — acabaram por mexer profundamente com as minhas emoções. Éramos sinergia pura, dentro e fora dos lençóis, o que me enchia de esperança e também de temor. Cada vez que suas mãos me puxavam para si e ele elogiava o meu corpo como era, apreciava cada curva, estria ou imperfeição, eram únicos, me emocionavam. Eu via a verdade em seus olhos, em seus gestos e afeto. Mas o meu medo, que até aquele instante fora um aliado, passara a ser o meu principal algoz. Porque, por mais que parecesse certo, como começar de novo, como entregar os seus sentimentos novamente? Como eu conseguiria viver ao lado de alguém que, mesmo que fosse a meu pedido, fosse praticar um peculiar *ménage* com um dos casais que mais prezo no mundo? De que forma seria a nossa convivência, a troca de olhares? Seria capaz de viver e confiar à sombra de uma dúvida, com a possibilidade de que aquilo que ele havia feito com meus conhecidos poderia fazer com outros?

Foi assim que me afastei, momentaneamente, de tudo e de todos. E enquanto tudo ocorria, estava em casa, à meia-luz, tentando me concentrar em alguma leitura, *Coldplay* tocando no volume mais alto permitido e a taça de vinho ao lado. Tentava me amortecer antes que os pensamentos me consumissem.

Bom, mas não acho que desejem saber de meus dramas pessoais, e sim da noite tórrida que o inusitado trio teve, certo.

Prometo então que, sem mais delongas, a narrarei para vocês.



Apreensão e excitação nos olhos. Mãos unidas, cúmplices, diante da porta do apartamento entreaberta. Ouvidos que, atentos, escutam a *sexy* trilha sonora que transpassa a porta. Na mente de ambos, cada um a seu modo, o receio e a promessa do que os espera. Sabem que, no momento que derem o primeiro passo, não há mais volta.

Joaquim é quem dá o primeiro passo. Abre a porta e, num gesto de cavalheirismo, estende os braços para que ela entre primeiro. A segue com o olhar hesitante, impossível se manter indiferente ao homem que se levanta diante deles, os olhos indecifráveis. O gorro vermelho em meio aos cabelos claros, quase solares. Os lábios carnudos, aninhado na barba cerrada, sorriem para nós, como um lobo voraz que acaba de avistar suas presas. Seu corpo, grandioso, coberto de pelos dourados, arfa, através do uniforme vermelho e branco entreaberto, os mamilos arrepiados. Viu nele, ao fixar o olhar em Bya, certo ar de reconhecimento, como se fantasiasse, transformasse em seu semblante alguém que muito quisesse, desejasse... Alguém por quem sentia algo muito forte, mas que não podia demonstrar naquele instante, pois poderia fazer tudo desmoronar. Foi ali que Joaquim se reconheceu nele... E soube, intimamente, que aquele desconhecido trataria a mulher que amava como merecia.

Sem palavras, ele pegou nas mãos dos dois e os levou até o quarto. Conduziu Joaquim até a cadeira e esperou que ele se sentasse calmamente. E só então, diante dele, tocou Bya. Acariciou o seu rosto e despiu-a vagarosamente, peça a peça, revelando a pele nua, sequiosa de desejo. Permitiu que ela exibisse todo o seu esplendor e sentou-se na cama.

Deixou que ela se sentasse em seu colo, trêmula. Só então passou a língua em seu pescoço, para degustar o sabor da sua pele. Ensaiou um sorriso quando a ouviu arfar, a pele arrepiando-se. Pegou um dos mamilos dela com as mãos e torceu nos dedos, brincalhão, testando o quanto a escritora era capaz de aguentar. Então, colocou os seus lábios no ouvido dela, para indagar em um sussurro, os olhos fechados:

— Você foi muito boazinha este ano... Uma garota exemplar. Por isso, eu gostaria de saber — a voz grave chega até os ouvidos de Joaquim, que fecha os olhos, sem saber como lidar com as emoções que o invadem, o pau começando a demonstrar sinal de vida dentro das calças...

— O que você quer de presente?

Ela hesita e Filipe introduz os dedos de uma mão dentro de sua vagina, que lateja, incendiando-se.

— Diz para o Papai, diz... Irei fazer de tudo para atendê-la.

— Quero que você me foda. Me dê prazer. Faça sexo comigo como se fosse a pessoa que você mais ama nessa vida. Me liberte desse desejo que me deixa louca...

Por um momento, Joaquim viu que o sorriso oscilou no rosto de Filipe. Seus olhos clarearam-se por um momento... Seriam lágrimas? Estaria o Papai Noel de coração partido? Mas aquilo durou apenas um segundo. O tempo de Filipe se controlar e murmurar para Bya.

— Seu desejo é uma ordem.

Ele a jogou na cama, sem delicadeza. Abriu as suas pernas e enfiou-se entre as coxas, barba e lábios dispostos a lambê-la com fome, desejo e fúria. Os pelos dourados da face dele se mesclavam aos castanhos dela, em meio a saliva e ao gozo. Bya, sem se conter, gemia alto, apertando os seios entre as mãos, os olhos fechados em êxtase. E Joaquim, como estava diante disso tudo?

O poeta estava esparramado na poltrona, a camisa entreaberta, uma das mãos a apertar o mamilo, a outra dentro da calça, começando a tocar o pênis que parecia explodir de tão rígido. Em um perfeito gesto de amor, não se focara naquilo que muitos considerariam uma traição, um gesto de recusa, uma quebra de laços. Não se colocara de fora, e sim no lugar da mulher que ama. Em um perfeito contato de almas, permitia que seu corpo e o dela fossem um só, e compartilhassem das mesmas sensações de prazer. Eram um só, entre os lábios de Filipe.

Seus gemidos, espontaneamente, eram exalados no mesmo instante. Seus batimentos cardíacos, alinhados, comprovavam mais do que nunca que eram unos com seus sentimentos. Complementavam-se, por serem inteiros, e não metades, por entenderem a posição um do outro, ali, entre aquelas paredes.

Filipe tirou a parte de cima do traje e deitou-se por cima dela — ou seria dele? — e tomou a boca de Bya. Naquele fugaz momento, Joaquim parecia sentir o peso de Filipe contra si, os pelos a se enroscarem, os mamilos em uma fricção mútua de duas esculturas tão diferentes, mas tão parecidas, pedras brutas a se chocarem. Mas, ao mesmo tempo, consegue se colocar no lugar dela, e sentir a forma musculosa sobre sua pele suave, o peito rígido a comprimir-lhe os seios, a boca ávida a procurar pela dela, as línguas a dançarem juntas afim de sufocar os gemidos e necessidades. O pênis dele, duro, se esfrega na vagina de Bya, com apenas o pano da calça a separa-los. Eles se encaixam, mas hesitam, como se apenas a vontade não fosse o suficiente.

Como eu disse: não existe Bya sem Joaquim; nem Joaquim sem Bya.

Filipe então tira Bya do conforto dos lençóis. Não permite que ela o toque, está lá para servi-la e pretende fazê-lo com maestria. Passam por Joaquim, que de olhos fixos neles, acompanha cada cena, e a coloca apoiada na parede. Despe sua calça, por fim, revelando as

coxas grossas, as nádegas musculosas e o pau, rosado e grosso, adornado com um prateado e delicado piercing em sua glândula. Joaquim fita aquilo, surpreso, com um sorriso de expectativa nos lábios, imaginando como aquilo será capaz de surpreender Bya. E ficam ainda mais envolvidos, quando Filipe coloca o preservativo e a penetra. Ambos gemem juntos e, pedem por mais, ela, bem alto e ele, em pensamento. O pau abre as carnes, invade, de uma só vez, o frio do aço na ponta a se chocar com o calor do corpo de Bya, por toda a extensão da sua vagina. Ele tira o pênis e o coloca, em forma ritmada, as mãos a apertarem as ancas dela, ora ou outra batendo em suas nádegas. Joaquim vê além da cena, dos seios cálidos a se esfregarem na parede, o cabelo a cobrir o rosto de Bya, as palavras obscenas que são pronunciadas na hora. O poeta, o romântico, se perde nas sensações da cena, e não deseja que elas parem.

Os três, por um momento, fecham os olhos, juntos. O que será que pensam naquele momento de tamanha entrega? Pensam em seus prazeres, nos alheios, naqueles que estão ali presentes ou nos que se distanciaram por medo do sofrimento? Uma coisa sou capaz de afirmar: se Joaquim abrisse os olhos naquele instante ou Bya arqueasse a sua cabeça na direção de Filipe, poderia, talvez, perceber dois pequenos fios de lágrimas que se misturaram ao suor.

Mas foi um momento breve, quase ínfimo, que logo passou. Pois logo em seguida, Filipe mergulhou na vagina de Bya com mais afinco, mais paixão. Metia sem dó, a estocava com vontade, como se quisesse arranca-la do corpo, transforma-la em gozo. A escritora, que nunca vivenciara algo tão intenso, corpo e alma dividido em dois homens tão díspares, revirava os olhos, tremia, gritava por mais, pelo seu desejo, clamava por Joaquim, que murmurava o seu nome em silêncio.

Foi ali, naquele momento, que Bya gozou, e Filipe a acompanhou. Sentia-se tocado, não pela cena, mas pelo sentimento que havia entre os seus dois amigos. Era visível como os olhos deles se cruzavam durante o sexo, querendo compartilhar, juntos, daquele momento novo. Sabia que ela tinha gozado porque havia proferido o nome daquele que ama pelos lábios, e sabia que a recíproca era verdadeira.

Eram um casal como nunca vira antes. Eram o casal que ele gostaria de ser um dia, se quem ele amasse por fim permitisse.

Filipe olhou a poltrona e viu que Joaquim ainda parara de se tocar, como se satisfazer Bya havia sido o suficiente. Seus olhos fitavam a sua esposa com uma ternura infanda, que fez o seu coração acelerar. Como se sentisse todo esse sentimento, ela fitou Joaquim de volta, um sorriso no rosto, como se nele encontrasse o seu lar. Como alguém poderia ter medo de sentir aquilo, meu Deus?

Na mesma hora, Filipe soube o que fazer. Pegou Bya gentilmente nos braços e levou-a para a cama. Ajoelhou-se e pegou-a pelos braços, as costas esguias contra o seu peito nu. Segurou-a pelas pernas e a ergueu, de pernas abertas, expondo completamente a vagina dela, ainda sedenta, mas por algo mais que apenas sexo. Chegou mais uma vez no ouvido de Bya, e sussurrou, a voz trêmula.

— Foda é bom, Bya. Mas com quem se ama, é ainda melhor...

E para surpresa dela, Filipe disse, de forma imperiosa.

— Venha, Joaquim. Esta é a sua mulher. Beba dela e a receba como sua.

O poeta, por fim, deixou que seu olhar se incendiasse. E despindo-se, o pênis ainda em riste, babando de vontade, se aproximou. Ajoelhou-se do outro lado e mergulhou em Bya... Pênis, corpo e lábios. Coração. Deixou que Filipe testemunhasse o verdadeiro significado de quando duas almas afins se encontram.

As mãos do poeta, por um momento, acariciaram a face de Joaquim, que tentava se manter impassível. O rapaz, pela primeira vez desprovido de subterfúgios que pudessem definir o que sentia ali, fechou os olhos e pôs-se a pensar em quem o levara até ali, aquele que, sabia com toda certeza, desejaria ter uma ligação como aquela. Permitiu-se então mergulhar em pensamentos, naquela parte mais íntima do seu ser, uma pequena fagulha que fica escondida atrás do seu coração, e permitiu que ela se tornasse incêndio. E ao abrir os seus olhos, conseguiu externar para Joaquim tudo o que sentia.

Mas somente aqueles que descobrem o amor, aquele verdadeiro, entende, consegue reconhecê-lo no outro. E o poeta, que provara naquela noite ser capaz do amor sem reservas, aquele que se doa sem esperar retorno, capaz de quebrar seus mais aguerridos tabus, reconheceu a chama nos olhos de Filipe. E sorrindo, sabe que aquele encontro não havia sido por acaso. Todos ali passaram a reavaliar — ou melhor dizer, reafirmar — aquilo que sentiam. Por si e pelos outros. Por isso, em um ato simples, Joaquim aproximou-se de Filipe e beijou-o, nos lábios. Não um beijo devasso, cheio de volúpias ou assanhamentos, o que é próprio do momento em que o coito ocorre. Mas repleto de sentimentos e ternuras, uma forma de provar ao outro que o entende e torce por ele.

Quando os rostos por fim se afastaram, Joaquim murmurou apenas um *Obrigado e Você também será muito feliz*, emocionando aquele que já fora dançarino, estudante ou até mesmo um sedutor Papai Noel. Aquele que, naquele momento, era apenas um homem, perdido entre aquilo que o tornava tão forte e frágil ao mesmo tempo.

Quando Joaquim entrou dentro de Bya, ela se sentiu plena ao recebê-lo. Olhos nos olhos, ligados por laços indecifráveis, a escritora encarava o seu homem com um malicioso sorriso nos lábios. Não desferia palavras, sequer gemia, apenas sentia o vai e vem ritmado de sua carne recebendo a dele, o pulsar do pênis de Joaquim a vibrar dentro de si, da forma que ao tirar o pau e colocá-lo novamente, ele permite que sua glândula roce em seu clitóris, em um beijo privado e líquido. Sua face perde por mais e hesita, pensando que nunca encontrou prazer maior. Mantém-se firme às estocadas, presa nos braços fortes do loiro que desvendara o seu fetiche, que a libertara, mostrara para ela que o homem que mais deseja, o que a faz enlouquecer está ali, à sua frente, sendo luz onde ela é sombra, calmaria onde ela se faz tempestade, gritos onde ela gargalha em voz alta, vida onde ela se transforma em morte... A pequena morte do gozo.

E ele vem, a faz estremecer, a deixa convulsa. Joaquim também morre em seus braços, em um gemido de dor e êxtase, sem parar de fitá-la e dizer com os olhos o que sua boca nunca conseguirá dizer. E se derrama sobre ela, por inteiro, sêmen, pelos, carne, suor e muco... Tudo

Acheron - Nacionais

aquilo o sexo tão animal e, ao mesmo tempo, tão belo. Se abraçam e permanecem em silêncio, os peitos encostados um no outro, os corações lado a lado.

Na plenitude que só dois podem ter.

Diante daquela cena, Filipe, que até o momento se mantivera maravilhado, chora como nunca o fez. No início discretamente, as lágrimas silenciosas a descer pela face. Mas poucos segundos depois sua voz quebra a ausência de som e ele se debulha, em um pranto rasgado. Sente na pele a dor de um sentimento prestes a se quebrar, pelo simples fato do outro, aquele que escolhera, ter medo do saboroso gosto da entrega total e irrestrita.

Joaquim e Bya, surpresos, lembram-se que ele está ali. O pivô de suas certezas soluça, desamparado, as mãos já não mais dispostas a prender a escritora e sim a liberta-la. Ele se abraça, em uma forma de aquecer o frio que o invade. Os domadores das palavras, que agora também são dos sentimentos e corpos, o acolhem e deixem que ele confesse suas aflições já que, como se aproveitasse a deixa, Filipe se abre como se estivesse no divã. Isso que acontece quando expomos a fragilidade das almas na hora da entrega dos corpos. Conta como era a sua vida, o encontro comigo e a troca que fizera para estar ali. Diz como as horas comigo o tocaram sobremaneira e a forma com que me afastei, por medo de me magoar. Declara sobre os seus sentimentos, expectativas, e seus desejos de amor para com o outro. E finaliza, sentindo-se impotente, que não sabe provar como são reais os seus sentimentos.

Bya e Joaquim se entreolham, maravilhados com o desabafo, e decidem em um acordo tácito mudarem o final desta história... E terminam a noite ali, o três jogados na cama, unidos em um único propósito. Um casal, plenos de si, cheios de tanto amor que transbordam, compartilham com aquele que volta a ter esperanças, a sentir-se disposto a sentimentalizar-se, abrir-se em flor.

E assim os abandonamos, entregues aos seus próprios desígnios. Mas peço que fiquem aqui, comigo, durante um breve momento. A cortina ainda não vai se encerrar.



Dormi mal aquela noite, consumido pela culpa, dor e medo do que estaria acontecendo. Senti ciúmes, revirei-me nos lençóis, chorei em silêncio por alguém que eu mesmo afastara, por temer que despedaçassem meu coração mais uma vez e o entregassem aos cães. Por fim, clamei a Deus, o Diabo, ou quem estivesse disposto a me escutar, que me livrasse dos efeitos da afeição... Mas quem conseguiria livrar o meu peito de tamanho malefício?

Dormi em meio aos gatos, o travesseiro úmido a apoiar o meu rosto. Acordei, repentinamente, em um assombro, com o telefone a tocar de forma estridente. Com a mente em polvorosa, peguei o bendito aparelho entre as mãos.

— Alô? — indago hesitante.

— Bom dia, Ursão — era Bya que me despertara. Visualizei o relógio e vi que já havia passado da hora do almoço. Quanto tempo eu dormira? Mas antes que me perdesse em pensamentos, segui com a sociabilidade de praxe.

— Bom dia, Bya. Como vai, amada?

— Ótima. Eu e Joaquim estamos nos sentindo ótimos...

— Fico feliz — murmurei, a cabeça cheia de imagens sacanas povoando a minha cabeça. Nestas horas, gostaria de que meu pensamento fosse automaticamente convertido em texto.

— Ele me disse que você o ajudou na escolha do macho... Parabéns, meu querido. Você fez uma ótima escolha...

— Fiz, não é? — Porque será que falar disso doía tanto, esmagava o peito. Imaginar Filipe com outra pessoa me arrancava o ar, como se eu estivesse me afastando da felicidade mais uma vez. Mas não havia sido uma escolha minha?

— Fez sim... Que tal combinarmos um café agora à tarde para que eu possa te contar tudo?

— Não sei, Bya — seria dolorido demais, intenso demais trazer mais detalhes naquela

Acheron - Nacionais

maldita noite em que desisti de qualquer sentimentalidade. — Não estou bem hoje, podemos marcar para outro dia...

— Pode deixar de drama. Você nunca recusou um pedido meu? Nem o Papai Noel — ouvi ela sorrir, satisfeita, e me contive para não começar a chorar ali mesmo. Nunca pensei que a alegria alheia fosse me ferir tão profundamente. E por minha miserável culpa, que não sabia lidar com o meu medo de se envolver. Criara um escudo de forças à minha volta que começa a colocar defeitos no outro assim que o avisto, tenho a mania de já transformar encontros em despedidas. Deve ser algo trágico que insiste em morar em mim. Algo que é necessário exorcizar.

Apenas não sei como...

Fico em silêncio por vários instantes, enquanto Bya me aguarda, ansiosa. Por fim, aquiesço e aceito o seu convite. Decido ser maquiavélico: fazer o bem aos poucos e o mal de uma só vez, em um rasgar único e preciso da carne.

Desligo o telefone e o tempo parece se arrastar. Quando o celular me avisa a proximidade da hora, coloco uma roupa qualquer e chamo um táxi para ir à casa de Bya e Joaquim. Não sou adepto do volante, e prefiro até a diversidade de um ônibus lotado a tomar conta de, além de mim, um bando de motoristas desatentos e enfurecidos.

Aperto a campainha, mas, ninguém atende. Giro a maçaneta do portão de ferro e vejo que ele está aberto. Estranho o fato, mas continuo até a porta da frente.

Estou pronto para bater quando algo me chama a atenção. Um papel, colado à porta, em uma caligrafia rebuscada. Vejo meu nome ali, e, curioso, me aproximo, para ler o seu conteúdo.

Danilo,

Era uma vez um homem que temia amar. Entregara o seu coração para alguém que não o preservara. E, magoado, ele pegou os cacos que restara e colou como pode. Foi aí que decidiu esconder aquele precioso portador de sentimentos de todos, até de si mesmo, já que ele não era mais belo ou íntegro. Virou as costas para os anseios daquele pequeno objeto emocional e deixou apenas que ele se tornasse órgão que bombeia sangue pelo corpo, aquele que o permite sobreviver.

Até que um dia, em seu caminho solitário, esbarrou em algo que nunca imaginou. Para saber do que estou falando, vá até o lugar onde os nossos caminhos se cruzam, onde nossas ideias se unem, e descubra o resto da história.

Com amor,

Bya.

Meu ar faltava, o peito parecia parar... Como não me reconhecer naquelas palavras, como não pensar na forma que escondo os meus quereres, evitando a tentativa como forma de abolir um possível sofrimento? Peguei o papel entre os dedos e o li mais uma vez, só percebendo que chorava quando uma lágrima borrou o papel.

Eu me dividia entre sair correndo dali e enfrentar de uma vez por todas os meus demônios. Sabia que se me massacrasse todos os dias, me impedindo de seguir adiante, de me amar e compartilhar o meu afeto, eu daria mais importância ao passado que a mim mesmo. Continuaría sendo o mesmo homem de meses antes, incapaz de se olhar no espelho e falar, *eu me amo*, pois estava massacrado, dominado por aquele que simplesmente devia se orgulhar dos meus passos, me libertar e, ao contrário disso, me limitava entre grilhões, como se fosse sua propriedade ou posse.

Por isso, respirei fundo e abri a porta. Sabia para onde tinha de me dirigir. Para a sala de estar, onde trocamos ideias, conversamos e rimos em muitas ocasiões. Onde surgiram histórias e foram finalizadas, onde nossas vidas e experiências se cruzaram. E assim que atravessei a casa silenciosa e lá cheguei, visualizei dois papéis sobre a mesa de centro. Um pequeno, sobre o controle do rádio, com a frase LIGUE-ME, como se estivéssemos no mundo alucinado de Lewis Carrol. Obedeço e os acordos de *Como vês*, de Alice Caymmi, falando sobre como o amor a destrói, preenche toda a casa. Uma das minhas músicas preferidas, e um tema ideal para a história que se encontra em meus dedos.

*Um dia, o homem frio,
De nariz baixo e aspecto casmurro,
privado de qualquer coisa que gerasse calor e afeto
com um outro se encontrou.
Seria reflexo ou oposto o desconhecido que vislumbrara?
Não havia palavras que poderiam lhe dizer,
pois, quedado em espanto
o homem sem sentir, quase autômato,
via que o outro erguia o coração,
oferecendo-lhe, em sua direção.
Tão alquebrado e feio como o que ele tão habilmente
escondera
dos outros ou de si?
Não sabe dizer.
Fechou os olhos, cruzou os braços,
pensou em recusar tamanho presente*

*até que o outro, aparentemente desconhecido,
mas reflexo de seus anseios e dos desejos de sua alma,
disse, por fim:*

*Este é o meu coração,
Valoroso e pulsante,
que com amor te oferto.*

*Não o escondo pelas cicatrizes ou marcas
tenho orgulho delas.*

*Em cada uma, podes ver as experiências que passei,
as emoções que senti,
o quanto pude aprender e vivi.*

*E, o mais importante, o quanto ainda sou capaz
de novos viveres e sentidos.*

*Foi aí que o homem, que até então se escondera
junto com o seu coração,
viu que a verdade que tentava oprimir
era a chave de sua liberdade.*

*Pegou o coração alheio, generoso
deixou que o seu viesse à tona
e entregou-o àquele que se tornaria conhecido
indissolúvel,
Único.*

*Sussurrou ao coração novo, o alheio,
Aquele que vibrava em suas mãos,
As boas-vindas,
que ficassem bem,
que seriam muito felizes.*

E assim o foram.

*E agora, Danilo? Está preso ainda no escuro de sua alma ou está disposto a doar-se?
Caso o medo tenha se desfeito, pelo menos um pouco, diante do que tentamos te contar, porque
não se despe dos medos e vive aquilo que seu coração anseia. Sabemos que você tem a*

companhia certa para isso.

Quer um conselho? Pense que está em um dia de chuva e vá até os fundos da nossa casa. Vá dançar no jardim, em meio ao perfume das flores. Foi assim que o amor me encontrou. Quem sabe não o encontre também?

Felicidades,

Joaquim

Sem me conter mais, os sentimentos à flor da pele, fiz o pedido. Sorria, em paz com o meu coração, me dispondo a tentar, um dia de cada vez a ser feliz. Cheguei a porta que separava a cozinha dos fundos e a encontrei aberta. Trespassei a porta e vi, logo a minha frente, Filipe. Ele sorriu ao me ver, com seus olhos já sem sombras, e eu só consegui retribuir. Seu cabelo, solar, refulgia o calor da tarde. Ele abriu os braços para me receber e neles parecia conter o mundo. Porque hesitaria em me aninhar neles. Fui em sua direção, na esperançosa tentativa de ser feliz.

Não sei se vai durar toda a vida, anos ou apenas um dia. Que dure a brevidade de uma brisa, ou de uma borboleta; talvez a longevidade de um jabuti. Só peço que seja intensa, em todos os seus momentos. E que faça do meu feliz, agora e depois, pois o termo *para sempre* é vago demais.





Oi, Patty

Atendendo aos seus milhares de pedidos, ligações, whats e todas essas tecnologias modernas que azucrinam a cabeça da gente o dia todo, estou aqui, paradinha, sentada como uma boa velhinha, que eu não sou, te mandando um e-mail, essas cartas modernas que não tem charme nenhum... Nossa, acho que é a primeira vez que mando uma mensagem para alguém por aqui para colocar o assunto em dia, que não seja para resolver alguma coisa (o que é raro, já que a Abadia sempre resolve essas coisas para mim) ou receber as fotos da neta, que a Brina me manda no e-mail (já que ela sabe que não tenho paciência para esse tal de Facebook). Já passamos dos 60 anos, minha amiga, e tenho mais o que fazer do que ficar vendo o que os outros fazem da vida. Quero é viver!

Vou passar o que me resta respirar viajando e arrumando inspiração para fazer as minhas telas. Graças ao Universo, não tenho mais de ficar correndo, arrumando compradores para cada quadro que faço, nem ficar puxando o saco de ninguém. Quero morrer gritando como louca e chacoalhando a minha cabeça loira em um show de rock bem hardcore, feliz da vida, deixando a molecada de boca aberta, querendo ser igual a mim um dia. Imagina morrer no meio de um solo de guitarra? Um fim digno, com certeza!

Bom, vou tentar te mandar mais mensagens, ok? Sei que deve estar pensando que quer novidades minhas todos os dias, mas sabe que comigo não funciona assim. E outra coisa, você tem a sua vida de vovó presente por aí, sei que vive com a casa cercada de gente. Eu não, sou a avó moderna, que mudou para uma casa na serra, perto do mar, para a família visitar de vez em quando (isso quando eu tiver aqui, né?)

Chega que acho que falei demais.

Beijos,

Vanessa



Oi, Patty

Eis que volto para o mundo dos vivos ù

Sei que sumi essa última semana, mal falei com você quando me ligou e tal, mas sei que está tudo bem... Se tivesse acontecido alguma merda, eu ficaria sabendo. Notícias ruins chegam rápido. E vamos que vamos!

O bom é que agora posso esticar os pés no sofá, andar descalça na grama e ouvir só o silêncio dos passarinhos. Depois de vários dias tendo de socializar, sendo mãe e avó, preciso, urgentemente, me encontrar. Fazer só o que eu quero, me entende? Sem filha contando problemas e a neta correndo por todos os lados, repetindo *vó, oh vó* o dia todo, com a mesma energia de Brina quando tinha a idade dela. Essa menina é agitada demais, minha gente! Como é bom conseguir digitar aqui sem interrupções, sem ninguém me chamando... Faz tempo que isso não acontece por aí, né amiga? Nada a criticar se você gosta da casa cheia de gente. Acho que já passei dessa fase. Sempre disse que ia virar uma velhinha louca, lembra? Velha, louca e tarada, você completava. E a gente caía na risada.

Bom, vamos parar de viajar pelo túnel do tempo. Espero que o Milton e as crianças (os filhos, não os netos) estejam bem. Deles, a única que me liga de vez em quando é a Noemi... Isso é bom, porque gente feliz não aparece mesmo, vai curtir a vida.

Acho que vou parar por aqui. A minha primeira providência (depois de mandar essa mensagem) é encher a casa de incenso, ouvir uns mantras e ficar de boa. Talvez terminar de ler aquele livro que estou tentando há 15 dias e encher a cara de vinho. Mais tarde, deitada na cama, em homenagem a velhinha tarada que adormece dentro de mim, vou colocar um *Beastie Boys* para tocar, tirar o consolo da gaveta e fazer aquele sexo bom, intenso e gostoso comigo mesma. Posso imaginar o homem que eu quiser, fazendo o que me der vontade e durará o tempo suficiente para um pleno e maravilhoso orgasmo. O que mais posso desejar da vida?! E não finja choque, pois nunca tivemos censura em nossas conversas.

Beijos e desejos de uma boa noite.

Vanessa



Oi, dona Patrícia

Bom, os anos passaram, mas você não perdeu o seu soco verbal monumental de direita. Terminei de ler tudo que escreveu, respirei, lambi as feridas e vou tentar responder...

Primeiro, não precisa ficar brava. Sei que pura, recatada e submissa você não tem nada. E admiro a força de vontade que você e o maridão tem de cuidar da família. A maneira como construiu o Centro de Amparo para Crianças Vitimizadas em Niterói, junto ao Centro Holístico, além de correr como uma doida com o seu escritório de advocacia não é para fracos. Lembro de você me contando a sua ideia inicial anos atrás, enquanto caminhávamos pela orla da praia — *Gata, é o que meu coração pede pra fazer...* — E em alguns momentos pensei que ia desistir, mandar tudo a puta que pariu. Mas não é que deu certo?! O jeito que consegue ser dura (comigo, pelo menos) e doce (com o resto do mundo) é admirável. E não, não estou fazendo drama!

Mas quando me perguntou onde estava a Vanessa, aquela de algumas décadas atrás, que pedia para o Universo para que o cara certo chegasse, que chutava todos os seus carmas sem dó e de salto agulha, eu não sei te dizer... Talvez eu tenha encontrado a plenitude na solidão, o amor nas pequenas coisas que me rodeiam. Joguei para debaixo do tapete a ideia do homem imaginado, com o sorriso lindo, aberto, e os cabelos claros como a luz do sol. Nossa, quanto tempo não pensava nisso... Naquele dia que bebemos uísque e escrevemos bilhetes para o Universo, com os nossos homens perfeitos.

Sei que vai me dizer que encontrou o seu. E é verdade. O Milton é o cara legal depois dos escrotos que apareceram na sua vida. Além de santo, porque ficar casado com você há quase 30 anos não é para qualquer um (nem adianta pensar em me xingar no próximo e-mail). Mas no meu caso, acho que deixei de procura-lo. Mergulhei na vida, nos compromissos de uma mulher sozinha. No começo ainda tive meus pais para me ajudar a criar a Brina, já que o pai dela e nada era a mesma coisa. Foi quando aproveitei para me dedicar a minha arte. Através das pinceladas coloridas, eu dava vazão aos meus desejos, dores e sonhos. Era algo jovem, impulsivo e novo. Nunca imaginava que ia me tornar referência brasileira, uma artista proclamada no mundo todo... Que jogar o meu luto na tela me trouxesse à vida.

O tempo passou e aos poucos fui perdendo meus laços mais queridos. O que poderia me destruir, mais uma vez me fortaleceu. Já tinha uma carreira estabilizada, a Brina já era uma adolescente, mas os problemas do dia a dia não diminuíram. Foi nessa época, que você lembra bem, que me preocupei em ser amiga, companheira e conselheira, já que Brina tinha as suas paixões, os seus desejos. Nem me lembrava que eu também tinha de ser mulher, dos meus desejos. Assim como várias de nós que nos transformamos em outras, fui fazendo isso, assumindo vários papéis e não deixando as cortinas fecharem, encerrando o espetáculo.

Nossa, você me deu o que pensar... Prometo alinhar minhas ideias para continuarmos essa conversa. Hoje é meu dia de ser vovó comportada: irei fazer um chá, sentarei no quintal, vou ver o sol se pôr e agradecer a Deus pelo espetáculo. Enquanto isso dou um tempo para me escrever mais um e-mail gigante (eu sei que vai fazer).

Beijos e saudades,

Vanessa



Olá,

Sei que fiquei de voltar a falar com você ontem, mas preferi ficar quietinha, como uma ostra em sua concha. E por mais que me ligue, não vai conseguir tirar nada de mim enquanto eu não estiver pronta. Sou muito melhor em escrever as coisas do que verbaliza-las, e você sabe disso. Acho que eu deveria ter sido escritora... Adoraria escrever sobre coisas sobrenaturais, fim do mundo, alienígenas e coisas que ninguém consegue explicar. Mas voltamos aos fatos.

Ontem, após colocar em palavras tudo o que havia passado e sentido, me sentei lá fora e deixei que o calor da noite chegasse e me esfriasse um pouco a cabeça, que fervilhava de ideias. Tentei resgatar aquela Vanessa que você falou, a que sonhava com o homem perfeito e enchia o coração de esperanças do seu próprio final feliz, todo cheio de firulas, fofinho em tons de rosa e o caralho à quatro, e descobri que para poder viver, eu a trancafiei. Me esqueci dela.

E isso me deixou triste, cara. Nem imagina o quanto...

Foi aí que tudo veio à tona. Deixei o rock tocando, fechei os olhos e fui me resgatar, dentro de mim. Relembrei cada momento que vivi até agora e descartei o que era bom, e não era. Revi o que me tornei e o que posso mudar. Assustei quando vi que algumas coisas eu me tornei igualzinho a minha mãe, aquelas que eu tanto brigava com ela. Outras eu até que fiz bonitinho (tanto que eu parecia uma louca batendo palma pra mim mesma). Nem sem quanto tempo eu fiquei assim, meio perdida em mim, até que encontrei essa Vanessa que a gente tanto falou, escondida em um lugar quente e iluminado, bem pequenino, atrás do meu coração.

Peguei ela pela mão e disse — Garota, levanta! Meu, você já dormiu demais — e antes que ela perguntasse algo, a abracei, bem apertado, até que ela fosse parte de mim novamente.

Portanto, minha amiga, eu ainda tenho um pedaço de mim que ainda sonha. Já não tenho a mesma disposição de sonhar e querer dos 40, mas ainda sinto falta de alguém pra chamar de meu, de me beijar, tocar a minha pele e dormir com a cabeça no peito. Só não acho que role algo nessa vida ainda.

Mas enquanto isso vamos vivendo, né?

Beijos. Prometo não sumir de novo!

Vanessa



Patty,

Estou te mandando um e-mail rapidinho para te contar uma coisa... Antes que pergunte, mandei uma mensagem por aqui porque você vai demorar um pouco mais para ver (sei que o Danilo e o Filipe estão aí te visitando) e não vai me ligar como uma louca para me demover de ideia.

Qual é a novidade? Resolvi fazer sexo! Isso mesmo, a boa e velha foda. Aquela de puxar cabelos, ouvir sacanagens no pé do ouvido e ficar encharcada de suor sem achar que estou com problema de pressão ou começo de enfarte. E melhor ainda, sem compromisso, me frustrar em relacionamentos (já que passei dessa idade) ou fingir que tenho alguma sentimentalidade por causa de um bom pau dentro de mim.

Como assim, você deve estar se perguntando... Contratei um garoto de programa, é claro! Fui no site de acompanhantes e escolhi o cara como eu queria. O que fisicamente mais parecia com o meu homem perfeito, né? Loiro, alto, gostoso (isso não pode faltar), um olho verde que deixa a gente de perna bamba, e uma boca que PUTA QUE PARIU, só de vê-la dá ótimas ideias. Daqui a pouco ele está aqui e te conto como foi. Passei a tarde inteira me dando um trato. Mesmo que seja pago, depilação é essencial. Assim como creme no corpo, maquiagem e perfume. Já que eu vou ser comida, e espero bem comida, que pelo menos eu esteja arrumada.

Bom, e se ele for um psicopata serial killer, que pelo menos encontrem o meu corpo em ordem. Chegar no médico-legista com a boceta sem depilar é o fim, né?

A não ser que ele resolve me picar ou traficar os meus órgãos. Olha o lado Vanessa, a louca, aparecendo.

Bom, amanhã nos falamos. E não adianta que não vou atender o celular, nem o telefone daqui. Não quero falar nada com você... Espero estar com a boca bem ocupada.

Até mais,

Vanessa



Oi,

Tô viva.

Acabada. Massacrada. Assada... Mas viva.

E muito satisfeita. Feliz até.

Sei que são quatro horas da tarde e prometi te mandar um oi hoje cedo, mas não deu... Ou melhor, eu dei... Até agora. O garoto, que se chama Lex, acabou de pegar um táxi. Depois a gente se fala mais.

Só preciso dormir agora....

Tchau.



Bom dia, minha amiga

Sei que deve estar reclamando por aí, ansiosa para saber como foi, mas eu precisava desse tempo para mim. Tinha de descansar e refletir sobre tudo que havia me acontecido na noite anterior. Ontem, deitada na cama e nua, como há muito tempo não fazia, dormi com uma satisfação de mulher bem fodida. Pois é, não há palavra melhor que defina isso. Sentia os lençóis sobre a pele e, de olhos fechados, me sentia a mesma mulher de décadas atrás, sem o peso dos anos e das dores. Nas últimas horas passei por uma série de sensações que nunca imaginei. De um modo ou de outro, todos os meus valores foram por terra, e terei de lidar com as consequências e benefícios disso.

Sim, eu passei a me ver de novo como mulher. Sim, um garoto me despertou para o mundo... E sim, se as situações fossem outras, eu poderia me apaixonar por ele...

Tá confuso né? Vou te explicando aos poucos, para que possa entender.

Quando o garoto apertou a campainha, há dois dias atrás, eu me sentia em um vulcão prestes a entrar em erupção. Hesitava, tremia, me julgava, pensando que tinha feito merda, quem eu achava que era, uma avó de uma menina de 10 anos, pessoa pública, sempre exemplar, passar a noite com um menino, que tinha pelo menos metade da minha idade... Onde eu estava com a cabeça por satisfazer aquele meu capricho? Culpei a mim mesma, a você (não pergunte o porquê), ao Universo, a Deus, até ao cachorro da vizinha. Mas no segundo toque, lá estava eu para atendê-lo. Hesitei por um momento com a mão no interfone, assumo, olhando pela câmera aquele jovem bonito, idêntico às fotos, de calça jeans, camiseta clara e jaqueta de couro, o cabelos cacheados no topo da cabeça. A minha razão por um momento ainda tentou me barrar pela última vez, falando que eu estava levando um desconhecido para dentro de casa, que podia começar a viver em segundos uma daquelas cenas de filmes clichê estilo Atração Fatal, mas dei o pé na bunda dela. Tinha solicitado ele no site exatamente por causa disso, pela procedência e para evitar riscos desnecessários. Nossa, falando assim parece que estava comprando um livro, né? ù

Bom, mas atendi o interfone e permiti que ele entrasse. Estava com uma camisa de seda

Acheron - Nacionais

clara, discreta, deixando entrever os seios (que ainda estão lindos e em pé, obrigada), um calça de linho e sandálias. Deixei o cabelo solto e coloquei uma maquiagem leve nos olhos. O perfume? Poison, é claro.

Assim que abri a porta e ele sorriu para mim, parecia que o chão ia faltar sob os meus pés. Era como se a definição do homem dos meus sonhos, aquele da juventude, tivesse se materializado naquele garoto. Ele me fitou por um momento, um brilho diferente nos olhos, e me abraçou delicadamente. Pude sentir o seu perfume cítrico misturando-se ao meu, enquanto os lábios dele tocavam a minha bochecha, me dando arrepios.

Suspirei com o contato, mas me mantive firme. O chamei para se sentar no sofá.

“Quer tomar um vinho?” — o convidei.

Ele assentiu. Assim que voltei com as duas taças, ele me convidou a sentar ao seu lado.

“Está nervosa?” — ele indagou, direto, a voz grave parecendo uma carícia. Os olhos claros, parecendo me devorar, me fitavam, em meio a um rosto que me sorria.

“Um pouco, assumo.” — assumi.

“Sem problemas. Vamos conversar um pouco, Vanessa Frigo...”

Me surpreendi com aquela frase, ficando vermelha na mesma hora. Pelo visto, o sexo não seria com um desconhecido...

“Você me conhece?” — indaguei, curiosa e hesitante.

“Entre outras coisas, sou aluno de Artes. Conheço e admiro muito o seu trabalho... E a sua pessoa” — disse, fazendo um sorriso de meia boca capaz de enlouquecer. — “As mulheres, digamos, clássicas, me atraem.”

Comecei a rir com aquele definição, mais relaxada. Era bom ver que antes de qualquer coisa poderia conversar sobre um assunto que me deixava confortável: a arte.

“Gostei da sua definição... Clássica.”

Rimos juntos e entramos em uma conversa inteligente sobre o nosso universo em comum. Era como se o garoto se tornasse um velho conhecido, como se dentro da sua pele clara e corpo rígido habitasse uma alma antiga, capaz de me entender como poucos. Não tenho ideia de quantas taças bebemos, ali, jogados no sofá. Deixamos que o assunto se extinguísse naturalmente e os olhos se cruzassem com mais frequência, as mãos deles subindo pelos meus ombros e alcançando o rosto, em uma delicada carícia. Minha respiração se acelerou e fechei os olhos, prestes a perder o controle e a vergonha. Quando os abri, aqueles lábios rosas e convidativos se aproximavam de mim. Me afastei repentinamente, avisando que ia buscar mais uma taça.

Fui até a cozinha, esperando que a música abafasse a minha respiração acelerada. Coloquei as taças na pia e me apoiei, tentando me acalmar. Assim que consegui voltar a falar calmamente, eu me virei para dizer “Já estou indo”, mas não tive tempo.

O garoto havia me seguido até ali e me fitava como se eu fosse um banquete. Olhei-o de cima a baixo, com sua posição de predador e um volume rígido e generoso entre as coxas. Lá fui eu ficar vermelha mais uma vez, né?

“Lex, o que está fazendo aqui?” — sim, ele já tinha me dado o nome dele.

Sabe como ele me respondeu? Me encostando no balcão, ao lado da pia e me beijando. Na verdade, sugando os meus lábios e minha língua como se fossem a melhor iguaria do mundo. Não se preocupou se eu era mais velha que ele, se poderia me machucar com a sua força. Ele me queria, e parecia que não era apenas pela sua profissão.

Sentia ele gemer junto comigo, nossos lábios se acariciando, as bocas se querendo, a mão dele abrindo a minha camisa aos poucos, tirando o sutiã simples. Pegou o meu seio com as mãos e acariciou o mamilo, que se arrepiou como se nunca esquecesse como reagir ao prazer.

“Tão linda, tão suave” — ele disse antes de tomar o mamilo entre os lábios, com respeito e dedicação. Me encostei e gemi, entregue, enquanto o garoto mamava os meus peitos. Nem percebi quando ele tirou a minha calça e me colocou, já pelada, como um homem não me via há alguns anos. Ajoelhou-se diante de mim, e com um olhar de súplica, pediu:

“Posso te fazer gozar, Vanessa?” — Sem palavras, até um pouco enternecida, assenti.

Ele puxou o meu quadril para a frente e mergulhou na minha buceta. Patty, só tenho uma coisa para te dizer: que chupada. O desgraçado do garoto parecia que tinha um vibrador na língua e brincava dentro de mim com uma velocidade que me enlouquecia. Depois, mordeu o meu grelo e o sugou, fazendo com que eu me retorcesse, cruzasse as coxas sobre os seus ombros, forçasse a sua cabeça contra mim, querendo que ele fosse mais, mais fundo. Idades e limitações que eu me auto impunha, devido à idade, foram embora, em um passe de mágica. Os milagres do sexo.

Eu gozei tanto, livre, que vi o rosto dele se lambuzar de mim. Ele sorria, satisfeito em me proporcionar prazer. Mas sabia que estava longe de terminar. Ele se afastou por um momento, e tirou do bolso traseiro da calça um preservativo. Se aproximou, e num gesto de mútuo consentimento, deixou que eu abrisse a calça dele. Peguei o seu pau na mão, como se fosse uma virgem de novo, e o senti pulsar entre os dedos. Para mim, apenas para mim.

“Me come” — eu pedi. E ele o fez. Fez com que eu me abrisse e me preencheu, abrindo-me as carnes, fazendo com que eu o recebesse, desejosa. Puxou-me para si, as pernas cruzadas em suas costas e me prendeu em seus braços. Sem sair de dentro de mim, sentou-se no sofá e permitiu que eu o cavalgasse, rebolando sobre seu corpo quase liso, enquanto o rosto se esfregava nos meus seios. Me fartei sobre o garoto, que naquele instante era meu. Mas só gozei, de verdade, quando ele assim pediu, os olhos fitando nos meus. Só depois que eu tive mais um orgasmo, ele me acompanhou no gozo, em estocadas fundas, a boca grudada na minha afim de conter os gemidos.

Esse e-mail já ficou gigante. Parece que estou escrevendo um conto erótico, meu! Melhor parar por aqui, e tomar um copo d’água. Preciso também comer alguma coisa.

Depois venho te escrever o resto.

Beijos,

Van



Olha eu de novo aqui, Patty.

Respirei e voltei. Então vamos continuar...

Bom, depois que gozamos, fiquei sem saber o que fazer. Deitada no sofá, minha cabeça debruçada no peito liso, eu tentava entender quais seriam os procedimentos de etiqueta para ter com um garoto de programa. Será que ele iria embora? Poderia conversar sobre assuntos aleatórios ou só ficar calada até ele dizer — ou fazer — algo?

Bom, ele podia simplesmente me pegar de novo e repetir tudo o que fez anteriormente... Será que me cobraria extra por aquilo? Só tinha um jeito de descobrir.

Silenciosamente, desci a mão pela sua barriga e rocei os dedos pelos seus pelos, alourados, que se acumulavam debaixo do umbigo. O caminho da felicidade para.... Bom, você sabe. Desci a mão por ali e passei os dedos através dos pelos mais grossos, meio úmidos de suor e gozo. Acariciei o seu pau que, imediatamente, começou a dar sinal de vida. Peguei-o com as mãos, gentilmente, como se fosse um presente, e comecei a massageá-lo. Poucos segundos depois, ele já duro, pulsando, na minha mão.

Ah, essa disposição dos garotos me fascina.

Ouviu-o gemer baixinho, mas não me pediu que parasse. Espiei para cima e vi seus olhos fechados, o lábio inferior apertado entre os dentes e os mamilos, arrepiados. Um lindo objeto para o meu prazer. Carne fresca e jovem inteiramente à minha disposição. Sem hesitar, desci até que aquele lindo pau, aninhado em um monte de pelos dourados e macios me confrontasse. E, sem pedir licença, caí de boca no pênis dele, enfiando-o de uma vez entre os meus lábios.

“Putaquepariu” — Lex disse, enquanto eu o prendia entre os dedos. Perdia-me no seu gosto de suor, sêmen e homem. Deixava que cada centímetro dele me preenchesse a boca, roçando a garganta e voltava, subia, colocava a cabeça entre os dentes e o sugava, entredentes. Suas mãos, que deveriam ser leves ao pintar ou esculpir, pegavam com força em minha nuca, me forçando em sua direção, os músculos da coxa enrijecendo no movimento rítmico de ir e vir.

Peguei seu saco entre as mãos, o estiquei o dedo médio, roçando-o entre as nádegas dele. Larguei o pau e chupei as bolas, uma a uma, meus olhos fixos em seu rosto, que passou a me observar, como se pretendessem me punir por tamanha ousadia, por proporcionar tamanho descontrole dele, um profissional do prazer.

Mas eu fui além. Desci a boca abaixo do saco, a língua a correr por aquela pequena extensão de pele tão secreta e saborosa. E, esperando que ele relaxasse, chupei o meu dedo e coloquei lentamente em seu rabo tão apetitoso. Ele gemeu mais alto e tentou se levantar, mas eu subi novamente e devorei o seu pau, domando-o como nenhuma mulher deve ter peito. Massageava-o na frente e atrás, deixando-o uma massa convulsa de prazer, sem ação. Lex havia erguido as suas pernas, facilitando a minha brincadeira, deixando que eu o fizesse meu. Só parei quando o gosto acre da sua porra invadiu a minha boca, abundante, fazendo-o estremecer. Antes que eu pensasse, ele me grudou pela nuca com propriedade, me puxou para si e me beijou, compartilhando o seu gosto comigo.

“Gosto de mulheres que fazem sexo assim, sem pudores, regras ou frescuras. Foda é suor, é palavrão, é comer sem se importar se vai se sujar ou não. O gosto de uma boa trepada é o de porra na boca, de cuspe. É pele grudando, rosto melado de se esfregar na buceta, corpos suados dando folga para meter mais um pouco. É isso que estamos fazendo.” — ele diz, me beijando mais uma vez. E, sem delicadeza nenhuma, me faz levantar. Pergunta onde é a minha cama e eu aponto até o quarto, hesitante. Ali, ele me empurra para a cama, e sem falar nada, me ergue o corpo, quase me virando de ponta cabeça. Assim, ele mergulha na minha buceta. Rosto, boca, nariz, lábios e língua. Se lambuza em mim, fazendo-me com que eu sinta viva como nunca fizeram antes. Desfizeram-se em gemidos os cabelos brancos, as estrias, as rugas, as preocupações. Eu só sentia fome e queria ser saciada.

Quando as pernas já estavam bambas, ele abaixou as minhas pernas. Me fez apoiar os joelhos na cama e avisou, enfático:

“Agora vou comer seu cu...E você vai gozar como nunca fez antes.”

“O quê?” — tentei falar, sair daquela situação. Sexo anal para mim sempre havia sido tabu. Como eu, depois de velha, ia dar o meu rabo? Havia tentado com meu ex-marido e nenhuma das experiências tinha sido boa. Só de me lembrar a grosseria, a dor, eu me contraía toda e perdia toda a vontade. Ele não ia fazer aquilo. Nem fudendo, literalmente.

Quando eu ia reclamar, ele começou a beijar o meu pescoço. A mão correu os seios, beliscou um mamilo, depois o outro. O pau dele, já duro, roçava em minhas nádegas. Sua mão desceu pela minha barriga e entrou entre as minhas coxas. Meu clitóris, já inchado, respondeu ao seu toque. Enquanto ele me lambia a orelha e me masturbava, eu me entregava. Não reparei quando ele pôs uma nova camisinha ou quando forçou o pau dele na porta do meu rabo. Quando ele encostou o meu corpo ao dele, e o cacete dele começou a forçar caminho dentro de mim, eu tentei me desvencilhar, mas ele apenas começou a me masturbar com mais vontade, me deixando sem rumo. Dor e prazer se mesclavam, enquanto ele abria caminho dentro de mim. Ergui os meus braços e passei em volta do seu pescoço, me libertando de qualquer inibição que ainda me

restasse.

“Assim, dá bem gostoso para mim” — ele dizia. Só me restava obedecer.

Sentir os dedos dele me fudendo, enquanto o pau dele pulsava dentro de mim era uma coisa que nunca imaginei sentir. Sentia ele indo e voltando, primeiro vagarosamente e depois com mais força, a pélvis dele a se chocar com meus quadris, me tirando a virgindade da vida que até então me impusera. Ali gemi como uma louca, sem vergonha de qualquer gesto, despindo-me do moralmente correto, descobrindo-me mulher. Ali quebrei todas as máscaras que tão confortavelmente utilizei e resolvi ser eu mesma no pouco de vida que me restasse.

“Você é minha, Vanessa. Só minha...”

“Sou só sua, Lex...”

“Para quem você vai gozar?”

“Só pra você...” — e obedecia, quando as mãos aceleravam, junto com o cacete rígido dentro do meu rabo. Quando por fim Lex gozou, caímos na cama, ele por cima de mim, sem querer nos desgrudarmos. Senti ele amolecer aos poucos, me deixando vazia, querendo mais... Muitos mais.

Foi o tempo de nos arrastarmos para a cama, a camisinha suja jogada em um canto do quarto. Abraçados como dois amantes, era como se tivéssemos esquecidos que o dinheiro nos uniu. Falamos de tudo e de nada, de cores, texturas e suavidades. Coisas que só cabem aqueles que se expressam através da arte. E ali eu dormi, abraçada a ele, como se nada mais importasse.

Ainda fizemos mais, muitas vezes, as barreiras do corpo e da idade deixados de lado, pelo sentir, pelo desejo que nos unia de forma irremediável. Ele foi embora galanteador como chegou, com um beijo terno em minha boca, sugerindo que eu não me deixasse mais esquecer, que uma mulher como eu deveria ser vista e sentida pelo mundo. E depois de te deixar a mensagem, derramei-me na cama, descobrindo que estava novamente viva e não apenas sobrevivendo. O coração, repleto de sentido.

Me sentia feliz comigo mesma.

Agora vou me despedir de você. Tenho um quadro novo para começar. Nele, tentarei retratar Lex como eu o vi, durante a madrugada. Acordei e estava sozinha na cama. Levantei-me sem fazer barulho e o vi, na varanda, apoiado na porta de vidro. Seu corpo belo, ainda com vestígios da maciez da infância, pleno em seus 20 e poucos anos, e a cabeça erguida, fitando o céu estrelado. Os músculos cobertos com uma ligeira camada de suor, refletindo o azul do céu. Maravilhando-se com o infinito, e maravilhando o meu corpo com essa visão.

Espero que eu consigo mostrar através dos pinceis tudo que eu vi.

Um beijo,

Vanessa



Oi, Patty

Tudo bem por aí?

Me conte tudo! Tô doida para saber como foi o baile de arrecadação do seu novo projeto. Fiquei muito feliz em saber que você finalmente aparecerá na mídia, toda assessorada pelo governo do Estado. É muito bom ver o seu trabalho reconhecido, o bem que você faz pelas pessoas. O que o Milton está achando de ser marido de celebridade? Fico feliz em saber que toda a família esteve ao seu lado, te dando o apoio que precisa.

Pois é, eu também estou soltando fogos que, depois de dez anos, voltarei a ser avó... E dessa vez, de gêmeos. Desde que descobriu, Brina está num drama danado. Está parecendo comigo quando fiquei grávida dela. Me liga reclamando do coitado do marido o dia todo. Fala que ele não trouxe o sorvete de creme da sorveteria que ela pediu (às duas da manhã!), que ele ainda quer abraça-la e levar ela pra cama e o cheiro do suor dele está lhe dando enjoos. Fica doida se perguntando quando vai conseguir atuar de novo com calma (ela estava com uma gravação com data de início marcada), mas a gente sabe que tudo se resolve. Nós, mulheres, somos possuídas pelos hormônios quando ficamos grávidas. Mas depois tudo se ajeita. Ainda bem que Bernardo, o meu genro, é médico... E sempre que falo com ele, só o ouço responder: “Tudo certo, minha sogra. Tudo dentro do esperado, não se preocupe”.

Quem sou eu para discutir?

Bom, tenho de ir embora agora. Essa nova exposição está me matando de ansiedade. Ela acontecerá daqui a uma semana e os últimos ajustes que eu e a Abadia estamos fazendo me deixam a ponto de explodir. Minha agente, a Fátima, tem ficado conosco o tempo todo, pensando na disposição dos quadros e a luz certa para cada quadro na Galeria Dharma. A sensação da exposição será o Adônis Estrelado, aquele quadro que você bem sabe qual é, inspirado em um corpo nu, refletido de estrelas...

Ao fitar a obra, às vezes tenho saudades daquela noite. Do instante em que eu me sentir mulher, plena, fui trazida de volta à vida como uma nova mulher. O corpo de Lex, reproduzido

no quadro, reflete tudo aquilo que um dia desejei, mas não posso ter mais, não para sempre. É a beleza do que acabou, do momento passado, do efêmero. De uma situação ou quem sabe alguém que, se eu hoje fosse uma moça, até podia querer viver algo a mais. Quem sabe?

Isso são apenas devaneios de uma mulher que tem mais passado do que futuro em seu caminho. Uma pena que não poderá vir ao vernissage, mas sei que estará em pensamento por aqui, assim como estive aí.

Até mais,

Vanessa



Oi, amiga

Deve estar esperando que eu te mande essa mensagem toda animada, falando do sucesso da exposição, de como estava cheio e que nunca se ouvirá exposição como a minha. Sim, os jornais falarão de mim como há anos não falam, já que Vanessa Frigo, a conceituada pintora resolveu montar uma exposição depois de anos sem mostrar suas obras inéditas. A pintora reclusa, que vivia mergulhada em seu trabalho, mostra suas obras mais viscerais, tendo como destaque, o tour de force, seu Adônis Estrelado. Podem dizer muitas coisas, me vangloriar ou me difamar, mas essas querelas pós-vernissage são o que menos me atraem nesse momento. Pois ontem fui levada aos céus e jogada às sombras. Sinto-me perdida, sem forças, nem ideia do que fazer. O sorriso vem até o meu rosto e hesita, é falso congelado. Meu coração se contrai e tem medo. De ficar sozinha, de não me permitir, de esquecer... Poderia ser outra mulher hoje. De volta a mãe, a avó, a pintora, a mulher fechada em sonho. Isso se não fosse ontem.

Eu estava bem, voltando a reunir as minhas máscaras, como uma pessoa pública que nunca envolveu-se em escândalos, a senhora exótica, a pintora sentimental, em meio a fãs e críticos, distribuindo sorrisos no vernissage.

Até que, um pouco cansada do falatório, e disposta a alguns instantes de solidão pedi licença e fui ao banheiro. Parei para cumprimentar uns e outros, falar as mesmas banalidades, pensando apenas nos poucos segundos que eu teria para desparafusar o sorriso das cordialidades da minha face, lavar o rosto, voltar a colocá-lo e seguir em frente até a noite terminar.

Chamei um garçom, discretamente, e peguei uma taça de champanhe. Acelerei em direção ao banheiro antes que alguém me encontrasse. Fechei a porta, lavei o rosto, fechei os olhos e tentei ouvir apenas a minha respiração, a taça nas mãos, a blusa de seda vermelha aberta alguns botões para que eu pudesse respirar um pouco... Mais alguns minutos antes de eu me arrumar e voltar para o espetáculo.

Foi quando bateram na porta. Na primeira vez eu não respondi. Mas aí a pessoa continuou, de forma insistente. Será que alguém estava passando mal? Xingando em pensamento, vendo meu único bom momento descer ladeira abaixo, abri a porta.

E mal tive tempo de fazer algo. Mãos me tomaram pela cintura. Lábios afundaram nos meus, a língua me devastando como se soubesse como despertar as vontades mais loucas do meu corpo. Ouvi o barulho da porta sendo fechada e o homem misterioso me encostou na parede...

Na verdade, nem tão misterioso assim.

“Lex, o que você está fazendo aqui?” — perguntei, mas minha voz sumiu quando ele, com urgência, abriu a minha calça. Colocou a calcinha de lado e enfiou dois dedos dentro da minha buceta, fazendo com que qualquer indagação se tornasse arquejo.

“Matando minha saudade de você.” — ele disse, brincando com os dedos dentro de mim.

Cada vez que meu gemido aumentava, ele me beijava, cheio de paixão. Descobrimo-me também com uma fome enorme dele, arranquei o pau dele de dentro da roupa e comecei a massageá-lo, querendo ele inteiro dentro de mim. Lex desfez o meu penteado e grudou-me pela nuca, como eu tanto gostava, aprofundando ainda mais a distância entre nossos corpos.

“Quero te comer, Vanessa. Quero te foder gostoso.”

“Não peça. Faça.” — exigi. E em pouco tempo ele o fez, após colocar a camisinha. Me encostou de pé na parede e me comeu, nossas vozes em um coro único de gemidos. Com ele dentro de mim esquecia a exposição, os quadros, a minha agente que deveria estar me procurando. Tudo era sensação, prazer, desejo refletido nas minhas calças abertas, na forma em que as nádegas dele se contraíam me comendo, na forma com que mordida o meu pescoço e me beijava com paixão.

“Goza para o seu Adônis, goza.” — ele pediu e eu sorri satisfeita. Gozamos um em seguida do outro, nossos corpos semidespidos encostados na parede de um banheiro impessoal. Mas o que Lex me disse, na hora do orgasmo, fez o meu mundo virar de cabeça para baixo.

“Eu te amo, Vanessa.”

Oi? Eu tinha entendido certo? O que aquele garoto me dizia, meu Deus?

Mas ele não parou. E em seu ápice, o coração aberto, disse o que se passara: que nunca me esquecerá desde aquela noite, que eu havia mexido com ele como nenhum mulher fizera antes. Lex confessou que eu passara a amar o seu objeto de devoção, e que se pudesse, passaria a vida inteira ao meu lado. Sabia que era mais novo e não tinha a melhor das profissões, mas se pudesse, largaria tudo para viver comigo.

Oh Meu Deus! O que pensar quando um menino, um garoto, vem lhe prometer o mundo. Ser o cara que você tenha até mesmo desejado... Há décadas atrás? Ele jurava que eu mergulharia de cabeça, como uma desesperada qualquer, em algo com ele? Não era apenas mais uma riqueza que sustentaria um garoto. Lutara muito para chegar onde estava, e não deixaria que ninguém me fizesse de besta.

Com mágoa nos olhos, eu o empurrei. E enquanto me vestia, eu lhe dizia tudo aquilo, da forma mais rude e egoísta possível, e via seu rosto de garoto se desfazer em dor. Quando

terminei de vomitar tudo o que pensava, me surpreendi a ver duas lágrimas grossas escorrerem pela sua face. E, por um momento hesitei, pensando se poderia ser verdade. Se a minha desconfiança e raiva era apenas uma forma de me proteger. Me achando incapaz e desmerecedora de algo, eu não correria o risco de sofrer.

Mesmo assim, me mantive firme, e pedi para que ele fosse embora, sumisse da minha frente. Ele tentou ensaiar uma ou duas palavras, mas depois negou com a cabeça, como se elas fossem desnecessárias. Pisquei, para não chorar também, e quando dei por mim, estava sozinha, como havia pedido.

Me arrumei e voltei para o evento. Sorri, mas não mais a mesma. Estava vazia, oca, imersa em dúvidas e padrões, a mulher que esperavam que eu fosse em combate com a mulher que eu gostaria de ser. Até que me vi, de repente, parada diante do Adônis Estrelado. E vi quanto sentimento eu conseguira colocar para fora ali, naquela pintura. Estupefata, eu percebi que em apenas uma noite com aquele garoto, que sabia tão pouca coisa, eu me apaixonara. Mas em vez de viver o meu amor, o despejara todo em cores naquela tela.

Será que eu, Vanessa, uma avó de sessenta anos, um dia teria coragem de viver uma história de amor com um garoto com menos de 30 anos? Seria capaz de vencer as décadas e décadas de conceitos arraigados que tanto me fizeram sentir segura?

Agora nunca iria descobrir.

Voltei para casa, acabada. Vendemos todos os quadros, ou quase todos. Adonis, por mais que tenha recebido ótimas ofertas, está em frente a minha cama. Para que eu possa fitar todos os dias os sonhos mais lindos que eu tenho, aqueles que nunca terei coragem de vivenciar.

Até mais,

Vanessa



Oi, amiga

Sem grandes novidades por aqui. Lex me mandou mais uma flor pintada... Nos últimos 30 dias, impreterivelmente, eu acordo com o desenho de uma flor, que ele deixa para mim na portaria. Elas são ora alegres, ora tristes, das mais variadas cores. Além delas, apenas a assinatura e uma palavra, um sentimento que o toca, que ele espera ter comigo talvez.

Eu me recuso a dizer algo, a comentar qualquer coisa ou deixa-lo entrar. Me emudeço, permaneço em sombras, lidando com sentimentos que eu não sei explicar, com dúvidas e sonhos que não sei se estou pronta a lidar. Às vezes queria largar tudo e correr ao encontro dele, deixar de lado o preconceito devido à idade, condição social ou profissão. E que se fosse enganada, foda-se! Havia me permitido viver... Mas aí tinham as outras vezes, em que a mãe, a avó e a mulher pública davam lugar a Vanessa instintiva, e me faziam sair desse delírio louco, fazendo com que eu tivesse vergonha de tão malucos e vergonhosos pensamentos. E assim eu sofria, deixava a minha chama incendiária morrer para me manter sã.

O que eu posso fazer é continuar vivendo, tentando construir o meu mundo. Isso uma hora vai passar.

Se não passar, eu te grito e você me interna, ok?

Vanessa



As flores acabaram. Há 3 dias não chega nenhuma.

Não sei se comemoro ou grito de dor. Não sei o que sentir.

A idade nos traz a razão, mas também nos impede de sonhar.

Vanessa



Oi, amiga

Tudo bem?

Aqui estou na correria de sempre. Acabei de voltar para casa, após ficar um tempo com Brina e as crianças que acabaram de nascer. Mais uma vez mergulhei em lembranças, ouvindo o choro dos recém-nascidos, minha neta mais velha querendo atenção e a minha filha em surtos de carência. Sorte que meu genro é um porto seguro, sólido e está ao lado dela em todos os estantes. Fico me pensando se eu tivesse encontrado o homem certo, o quanto a minha vida poderia ser diferente... Talvez em outra vida.

Poderia ter ficado por lá mais uns dias, mas tinha um evento marcado que não podia me recusar. A faculdade de Belas Artes ia fazer uma exposição com o trabalho final de cada um dos seus alunos, e eu fazia parte da comissão avaliadora. Iria em encantar com a nova arte, os jovens e suas ideias, e tenho certeza de que iria me confrontar com coisas boas e grandiosas ali. Uma nova leva para superar essa geração de egocêntricos que somos.

Se vou encontrar o garoto por lá? Não sei. Mas uma hora dessas, depois de tantos meses em silêncio, sei que já deve ter me esquecido e arrumado uma boa garota, ou várias, para ter algo real, estável, que não o cercará de olhares de julgamento. Espero, sinceramente, que ele seja muito feliz.

Chega de falação. Deixa eu ir que o tempo corre.

Até mais,

Vanessa



Minha amiga,

Aqui estou eu no que pode ser mais uma mensagem, ou a última, dependendo da sua resposta. Nunca me esquecerei de quantas vezes você me pediu para ser sincera comigo mesma, confrontasse o meu coração e visse aquilo que verdadeiramente me faria feliz.

Pois é, parece que finalmente eu seguirei os seus conselhos. Se você ainda não entendeu, vou te explicar.

Sim, eu fui na exposição dos alunos de Belas Artes. Juntei-me a um bando de artistas de renome, que iam desde a pintura à escrita, e fomos avaliar a garotada. Ouvimos poesias chatas, encenações enfadonhas, além do ronco dos mais velhos e um ou outro resmungo de algum mau amado que estava sentado perto de mim. Pois é, não era nada animador. Esperava, sinceramente, que as pessoas que virem amar a arte depois de nós sejam menos egocêntricos. A beleza de uma pintura ou de uma história é poder compartilha-la. Não fazemos apenas para os nossos olhos cegos, a distribuímos para o mundo. E, infelizmente, numa tentativa de puxar o saco do júri, inclusive o meu, eles se perdiam no caminho, tentando agradar a apenas alguns, e não distribuir o que haviam de melhor dentro de si.

Mas, tudo bem. Vimos os quadros, alguns com potencial e outros não, quando chegamos as esculturas. Olhamos a primeira, a segunda e a terceira, sem muita empolgação. Ia me dirigir à quarta quando uma voz chamou a minha atenção.

“Boa noite, senhores”

Não precisava levantar os olhos para ver quem era. Mas tive de fazê-lo, vagorosamente, permitindo que meus olhos, nublados de lua, encontrassem os seus, solares e iluminados. O sorriso dele pareceu tornar-se ainda mais radiante ao me ver, e meu rosto ficou vermelho no mesmo instante, tomado pela força do desejo premente entre nós, aquele que as palavras não eram capazes de mostrar.

“Gostaria de que conhecessem a minha obra, senhores. Seu nome é Arte em Êxtase”.

Eu estava com um copo de água na mão e quase engasguei quando vi a estátua. Em

Acheron - Nacionais

tamanho real, a obra retratava uma mulher nua, sentada, com as pernas abertas, como se duelasse entre a timidez e a vontade. Seu rosto, voltado para cima, parecia atingir o gozo naquele instante, tocar o infinito com as entranhas, libertar-se para viver o que quisesse. Era perceptível o sorriso misterioso em seus lábios e duas gotas no canto dos olhos, como lágrimas prestes a escorrer. Ao contrário de outras obras, que mostrava uma ninfeta ou uma jovem de curvas generosas, aquela estátua era a cópia de uma mulher madura, a cintura menos acentuada, os seios pesados, o corpo mais generoso.

Aquela estátua era eu.

E dando um passo para trás, com os olhos de Lex sobre mim, vi que não era apenas eu que o colocara em um quadro, através de meus sentimentos. Ele me moldara através de seus desejos, a mulher de argila já que a real lhe fora recusada, uma que duraria o quanto ele quisesse... Para a vida inteira, se assim desejasse.

Perplexa, compreendi que, se ele pudesse me colocar em sua arte, eu não era algo banal. Eu o rejeitara não por ser imune aos sentimentos. Mas por ele ser mais novo, por ser garoto de programa para pagar as contas, por ser um desconhecido que eu me recusara a conhecer. Deixara na minha tela apenas o garoto encantado diante do novo, do desconhecido que vem do alto.

Agora era como possível ver na obra como Lex me descobrira por inteiro. As curvas pesadas, a falta de delicadeza em algumas partes, o modo como não poliu a peça mostrando as suas imperfeições. O que ele retratara ali como objeto da sua admiração era a minha personalidade crua, assim como eu era, sem restrições.

“O que o levou a retratar a Arte como uma mulher mais velha, garoto?” — um dos julgadores indagou.

“E quem disse que a beleza tem idade, meu senhor? Aos olhos dos verdadeiros admiradores, aqueles que vivem em função da Arte, ela é bela em suas imperfeições. Quem ama a Arte em toda sua plenitude, reza todos os dias para que ela o aceite. Sonha com ela todas as noites e se farta do que ele proporciona, seja um beijo de amante ou a rejeição, em um lugar vazio”.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir essas palavras tão cheias de dor, vindas dele.

“E o que acha que resta aos homens rejeitados pela Arte fazer?” — perguntou um conhecido meu, poeta, talvez procurando inspirar-se naquele discurso.

“Tentar, nunca desistir. Deve-se fazer com que a Arte volte as graças para você. Afinal, qual o sentido da vida sem ela?” — disse, fitando-me nos olhos.

A maioria da comissão julgadora aprovou a sua ideia. Aos poucos, continuaram a percorrer o espaço de exposições. Eu, já sem ar pedi licença para sair. Fui para o jardim mais próximo e fiquei fitando as estrelas, pensando em tudo que ele havia me dito ali, através de suas palavras e obra. O quanto ele gostava de mim, aquele sentimento puro, juvenil, que nos permite sonhar...

“Será que ainda terei uma chance de me deitar nos braços da Arte?” — sua voz chegou antes do que eu esperava, me fazendo tremer.

“Porque um jovem artista quer se deitar nestes velhos braços?” — indaguei, sem olhar em sua direção. Tentava me abraçar, o anseio e o medo de tudo me fazendo sentir tola, as lágrimas lutando para não escorrerem pela face.

“Porque nos braços da arte eu amo. Eu vivo e morro. Me sinto seguro”.

“E no corpo do artista eu vivo, deixe que o tempo volte e me faça outra. Mas vivo com medo do engano. De que seja um arroubo da juventude. Envolver-me com um jovem artista que tem idade para ser meu filho pode gerar vários contratempos. E destruir-me em definitivo.”

“Se a Arte não quiser o pobre artista, que sentido haverá para ele? Viva, minha inspiração, e deixe que eu a faça viver...”

Eu me virei para falar com ele, e me deparei com seus olhos claros aos prantos. Em suas mãos um calhamaço de folhas coloridas.

“São as suas flores. Eu deixei de entrega-las, mas nunca deixei de fazê-las para você...” — disse, me entregando os mais variados desenhos, cheios de beleza e dor. Diante de todo esse sentimento não aguentei, sem forças nas pernas. Ele me amparou no mesmo instante, e diante de meu rosto, ele ligou a boca dele na minha.

E no beijo sumiu tudo, todo o preconceito que as convenções permitem. Todos os tabus que impomos a nós diariamente. Desfizeram-se as coisas mesquinhas, aquelas que diz que todos os nossos desejos tem de ser secretos. Larguei as folhas e o grudei, sem me importar com que pudesse ver. Gemi em seus lábios, me tornei cativa e captora do seu laço. Não havia como negar o que sentíamos um pelo outro.

Deixava que o mundo pensasse e se fudesse, roendo-se até os cotovelos de inveja. Não me importava mais com os comentários da coroa com o jovem bonitão. Iria viver aquilo que o meu corpo e meu coração pedissem. E se não desse certo, bola para frente. O que não podia era me recusar a tentar.

Por isso, quando ele pediu para eu lhe dar uma chance, eu disse que sim.

Teremos muitos problemas, eu sei. Mas muitas alegrias. Não sei como minha filha reagirá. E deixo para pensar nisso depois. Nem sei se você irá me julgar também, mas não me importo. Cansei de me prender ao que os outros queriam de mim.

Agora sou dona dos meus desejos. E não vou precisar da aprovação de ninguém para isso.

De qualquer forma, te amo, minha amiga.

Beijos,

Vanessa



Fala, *Sis*

Tudo bem?

Nunca pensei que estaria aqui, deixando esse recado para você depois de tanto tempo. Espero que te surpreenda... Van, sabe que fui bem contra no começo, né? Te enchi de conselhos, tentei te proteger de todas as formas, fiz de tudo para conhecer o seu garoto, e quando o vi, cheguei de voadora — como é o meu jeito de ser. Mas sabe o que me fez baixar a guarda? Ver o jeito que o cara te olhava. Parecia que ele tinha conquistado o maior tesouro do mundo... Entende o que estou dizendo, gata?

Pois é, e ao ver isso, sabia que o cara certo tinha chegado. Tudo bem que o Universo deu uma atrasada danada, mas tudo encontrou o seu caminho afinal. Mas sempre fico de olho, pois é isso que irmãs de alma fazem. E agora você vai casar. Em Paraty, como sempre sonhou.

E aqui estou, para te ver se transformar numa senhora casada. Parece brincadeira, né?

Amiga, nunca se esqueça que eu te amo. E estive ao seu lado nos altos e baixos dessa vida. Já rimos muitos e choramos outro tanto. E sei que agora, podemos afirmar, que a vida começa aos sessenta...

Torço muito por você, e que esse garoto faça mais do que te comer bem.

Te faça feliz.

P.S.: Escrevi essa cartinha um pouco antes de eu ajudar a te vestir. Foi a Brina quem colocou no meio das suas coisas, enquanto eu terminava de te ajeitar junto com o Danilo.

Beijos da sua amiga mais louca,

Patty

Espero que tenha se divertido com a história destas mulheres. Assim como essas experiências lhe tocaram de alguma maneira, esperamos que a sua faça a mudança na vida de outras pessoas.

Agora é a sua vez de se despir, e libertar-se de todos os tabus que lhe cercam. Faça como elas e dê voz ao que até agora estava secreto. Pegue a caneta e escreva a sua história, dê forma aquilo que está mergulhado em sua lembrança, sinta tudo novamente e permita-se ser uma mulher plena e completa.

Depois, arranque essas folhas. Guarde-as consigo.

E quando se sentir pronta, deixe-as esquecidas em um lugar desconhecido. Permita que um desconhecido lhe descubra como ninguém fez até hoje. E sonhe, ouse, pense, imagine o quanto o seu relato pode transformar a pessoa que o descobriu.

Uma ideia interessante?

Ou excitante?

Vai depender do quanto essas sedutoras confissões mexeram com você.

FIM



DANILO BARBOSA começou a carreira com contos, crônicas e poesias, algumas premiadas como “Reino Solidão”. Seu primeiro romance publicado foi Arma de Vingança, primeiro de forma independente e, após a obra se tornar best-seller três vezes na categoria suspense na plataforma KDP, foi publicado pela editora Universo dos Livros. Desde o seu lançamento em dezembro de 2015, o livro tem sido destaque nas redes sociais, e teve uma resenha até no jornal britânico The Guardian, antes mesmo de ser traduzido. A editora também publicou A Princesa da Lapa e a antologia Tardes Sensuais, da qual o autor faz parte. Além disso, Danilo Barbosa começou a publicar em 2016 os Contos Secretos, histórias curtas com alta dose de erotismo, em formato digital, conquistando o público feminino. Resultado: todos os cinco contos estiveram entre os mais vendidos da loja virtual Amazon. Possui tanto os contos A voz, Um toque de Solidão e No coração da noite, que estão sendo transformados em audiolivros e também traduzidos para a Amazon americana.

<http://www.danilobarbosaautor.com.br/>